

Confrontações Pressuposicionistas

Vincent Cheung

Copyright © 2003 de Vincent Cheung. Todos os direitos reservados. Esta publicação não pode ser reproduzida, armazenada ou transmitida no todo ou em parte sem prévia autorização do autor ou dos editores.

Publicado originalmente por *Reformation Ministries International* (www.rmiweb.org)
PO Box 15662, Boston, MA 02215, USA

Tradução de Felipe Sabino de Araújo Neto e Marcelo Herberts.

Primeira edição em português: *Outubro de 2006*.

Direitos para o português gentilmente cedidos pelo autor ao site *Monergismo.com*.

Todas as citações bíblicas foram extraídas da Nova Versão Internacional (NVI), © 2001, publicada por Editora Vida, salvo indicação em contrário.

SUMÁRIO

PREFÁCIO	3
1. O DESAFIO PRESSUPOSICIONALISTA	4
2. AS CONFRONTAÇÕES FILOSÓFICAS	14
ATOS 17:16-34	14
v. 18, 21.....	21
v. 19-20.....	32
v. 22-23.....	33
v. 24-25.....	43
v. 26A.....	45
v. 26B.....	47
v. 27.....	49
v. 27B-29.....	55
v. 30A.....	60
v. 30B.....	64
v. 31.....	67
v. 32-34.....	75
3. A CONQUISTA REVELACIONAL.....	78

PREFÁCIO

Começaremos com uma breve discussão sobre o papel determinativo das pressuposições em nosso pensamento, particularmente na construção das nossas cosmovisões, religiões e filosofias. Todos os argumentos são, no final das contas, estabelecidos somente apelando-se à validade dos nossos primeiros princípios.

Após isso apresentaremos uma exposição da confrontação de Paulo com os filósofos e a população de Atenas em Atos 17, e como deveríamos espelhar sua postura quando fazendo apologética e evangelismo hoje. Contudo, os princípios que aprenderemos ali, não se aplicam somente à apologética e ao evangelismo, mas a todas as esferas do pensamento cristão, incluindo a construção de formulações teológicas e os ministérios de pregações que são fiéis à revelação bíblica.

O livro conclui com alguns pontos adicionais no terceiro capítulo, incluindo exortações à apologética bíblica, evangelismo e outras tarefas relacionadas com maior agressividade.

Para entender a postura bíblica com respeito à teologia, filosofia, apologética, evangelismo e outras tarefas relacionadas, o leitor deve ler também minha *Teologia Sistemática* e *Questões Últimas*,¹ onde alguns dos pontos mencionados aqui são discutidos em maior detalhe ou de diferentes perspectivas.

¹ Nota do tradutor: Ambos os livros se encontram traduzidos para o português e disponíveis no *Monergismo.com*.

1. O DESAFIO PRESSUPOSICIONALISTA

Imagine que você esteja assistindo um jogo de tênis na televisão comigo, embora para o nosso propósito ele possa ser simplesmente algum tipo de jogo – golfe, basquetebol, futebol, ou até mesmo xadrez. Agora suponha que eu conheça as regras do jogo que estamos assistindo, que nesse caso é tênis, mas você não conhece as regras de forma alguma. Suponha ainda que tenhamos colocado a televisão no mudo, de forma que nenhuma comunicação verbal possa ser ouvida do comentarista do jogo. Finalmente, suponha que nenhuma comunicação verbal esteja vindo visualmente da tela, de forma que nem mesmo o placar é mostrado. Agora, minha pergunta é se o jogo seria inteligível para você de alguma forma.

Se eu prestar atenção, ainda serei capaz de seguir o jogo, mesmo sem que seja apresentado qualquer comunicação visual ou auditiva, pois já conheço as regras do jogo. Da mesma forma, os próprios jogadores seriam capazes de seguir o jogo que eles estão jogando sem o constante auxílio do anunciador ou do placar. Por outro lado, embora você esteja assistindo exatamente o mesmo jogo que eu, você não seria capaz de entender o que estaria vendo, visto que não conhece as regras que correspondem ao jogo.

O que eu tenho mostrado aqui é que quando você está assistindo um jogo, o que você vê não fornece sua própria inteligibilidade e interpretação. Antes, para que um jogo seja inteligível para você, e para que tenha a interpretação correta do que está acontecendo, você deve trazer uma quantia considerável de conhecimento para o ato de assistir ao jogo, e esse conhecimento não vem de assistir o próprio jogo. Se eu tivesse explicado sistematicamente as regras para você, ou explicado as regras à medida que estivéssemos assistindo ao jogo, então o que você estaria assistindo se tornaria inteligível, e você seria capaz de interpretar corretamente o que estaria vendo.

Você pode argumentar que é possível derivar algumas das regras do jogo por observação. Mesmo se isso fosse possível, seria muito mais difícil do que a maioria das pessoas pensa. Por exemplo, suponha que você observe que após cada ocorrência daquilo que nós que conhecemos as regras do xadrez chamaríamos de “xeque-mate”, os dois jogadores se afastam do tabuleiro de xadrez. O que você pode inferir a partir disso? Você não pode inferir que um deles tenha ganhado, a menos que conheça as regras do jogo. Você precisa saber, antes de tudo, que ele é um jogo, que ele pode ser ganho ou perdido, e como ele é ganho ou perdido. Mesmo que eu permita que você infira que um deles tenha ganhado sem todas essas informações, onde você obtém as categorias de “vencer” e “perder”? Você não pode obtê-las observando o jogo em si; antes, você deve trazer essas idéias ao ato de observação.

O que dizer das categorias de tempo e causalção? Você não pode derivar os próprios conceitos de tempo e causalção a partir do ato de assistir ao jogo, mas deve trazê-los ao ato de observação. Você deve ter também algumas pressuposições sobre ética. Isto é, você deve assumir que os jogadores usualmente não trapacearão, e que eles não podem ficar impunes ao trapacear, se não o jogo não teria regularidade suficiente para você derivar quaisquer regras dele. Mas se uma pessoa trapaceia e fica impune, como você saberá que ela está trapaceando, ou que sua ação é apenas uma

exceção permitida pelas regras? Se tomarmos o tempo para enumerar, podemos descrever dezenas, ou mais provavelmente centenas ou até mesmo milhares de pressuposições que você precisa ter em mente para a observação do jogo ser inteligível, quando ao mesmo tempo essas pressuposições não podem vir do ato da própria observação.

Para tornar a questão mais difícil, há centenas ou milhares de elementos arbitrários para cada jogo que não são essenciais às regras, e, todavia, eles são objetos de observação. Por exemplo, se o jogo de xadrez particular que você está assistindo está sendo jogado por dois homens que estão vestindo roupas formais, o que você pode inferir disso? Você inferirá que essa é uma regra essencial do xadrez? E se sim, as mulheres devem usar paletós de homens, ou é permitido que elas usem vestidos formais? Certamente, você pode dizer que as pessoas vestem roupas normais quando elas estão jogando em outros ambientes. Mas como você sabe que elas não estão violando as regras, e que estão simplesmente saindo impunes quanto a isso? Ou você assumirá, sem garantia, que se elas estivessem de fato em violação, as próprias regras seriam sempre forçadas contra elas? Você pode pensar que é ridículo questionar todas essas coisas que usualmente assumimos, mas o que você diria quando eu demandasse justificção para essas pressuposições?

Sem conhecimento que vem à parte da observação, a observação em si não pode fazer nenhum sentido ou comunicar nenhuma informação. A inteligibilidade e a interpretação da observação pressupõem conhecimento sobre o que você está observando, e tal conhecimento não pode vir do ato da própria observação. Isto é, a inteligibilidade e interpretação de uma experiência é feita possível pelo conhecimento que vem à parte da experiência. Esse conhecimento pode ser algo que você nasceu com ele, ou pode ser algo lhe ensinado por comunicação verbal.

Se sua mente é totalmente branca, de forma que você não tem nem mesmo categorias mentais tais como tempo, espaço, e causalção, nada que você observe será inteligível, e não haverá nenhuma forma de você interpretar o que observa. De fato, se sua mente é um branco total, sem qualquer conhecimento que venha à parte da observação, seu mundo seria para você como um turbilhão de sensações com nenhuma forma de organizá-las ou interpretá-las. Mas se um conhecimento não-observacional prévio da realidade é requerido para se interpretar apropriadamente a observação sobre a realidade, isso significa que a ordem e o significado do que você observa é *imposta* sobre o que você observa, e nunca *derivada* do que você vê. Isso é outra forma de dizer que o significado do que você observa é governado por suas pressuposições.

Retornando à nossa ilustração inicial, o que acontece se você pressupõe as regras do basquetebol ou xadrez quando você está assistindo ao jogo de tênis? Mesmo que pareça que você seja capaz de entender algumas das coisas que observa, porque as regras erradas são pressupostas, sua interpretação do que é observado será falsa. Portanto, não é suficiente reconhecer que as pressuposições não-observáveis precedem a observação inteligível e significativa, mas devemos perceber que nem todas as pressuposições são iguais, e que elas podem ser verdadeiras ou falsas.

Até aqui, tenho estabelecido várias possibilidades com respeito às pressuposições quando assistindo a um jogo de tênis:

1. A mente é totalmente branca, em cujo caso nada é inteligível, e a interpretação é impossível.
2. A mente contém apenas categorias básicas com nenhum conhecimento das regras do jogo, de forma que ela reconhece conceitos tais como tempo, causação, ética e vitória. A interpretação ainda é impossível.
3. A mente aplica falsas pressuposições ao jogo, de forma que ela pode aplicar as regras do basquetebol ao tênis. A interpretação ou é impossível ou produz falsos resultados quando empreendida.
4. A mente contém as pressuposições corretas sobre o universo em geral (as categorias básicas tais como tempo e causação) e sobre tênis em particular. A interpretação correta é possível.

O resultado é que duas pessoas podem estar observando exatamente a mesma coisa, mas chegarão a interpretações contraditórias. Contudo, isso não precisa resultar em relativismo, visto que uma pessoa pode de fato estar correta e a outra pode de fato estar errada. Depende de quem tem as pressuposições corretas sobre o universo em geral, e a coisa que está sob observação em particular.

Deixe-me lhe dar dois exemplos bíblicos que ilustram o que eu tenho estado dizendo. O primeiro mostra que a observação não é confiável, e o segundo mostra que nossas pressuposições determinam o significado ou a interpretação do que observamos, de forma que as pressuposições erradas levam a uma interpretação falsa.

O primeiro exemplo vem de João 12:28-29. Assim que Jesus exclama, “Pai, glorifica o teu nome!”, a Escritura diz, “Então veio uma voz dos céus: ‘Eu já o glorifiquei e o glorificarei novamente’. A multidão que ali estava e a ouviu, disse que tinha trovejado; outros disseram que um anjo lhe tinha falado”. O testemunho infalível da Escritura diz que a voz expressou uma sentença completa: “Eu já o glorifiquei e o glorificarei novamente”. Todavia, alguns daqueles que estavam presentes, que observaram o mesmíssimo evento, disseram “que tinha trovejado”. Portanto, a observação não é confiável, e a verdade não pode ser conclusivamente estabelecida pela observação.

O segundo exemplo vem de Mateus 12:22-28, e diz respeito à autoridade de Cristo para expelir demônios: “Depois disso, levaram-lhe um endemoninhado que era cego e mudo, e Jesus o curou, de modo que ele pôde falar e ver. Todo o povo ficou atônito e disse: ‘Não será este o Filho de Davi?’. Mas quando os fariseus ouviram isso, disseram: ‘É somente por Belzebu, o príncipe dos demônios, que ele expulsa demônios’” (v. 22-24). Baseada em sua observação do evento, a audiência geral estava preparada para considerar pelo menos a possibilidade de que Jesus fosse o Cristo, mas os fariseus, que tinham observado o mesmo evento, disseram que ele expelia demônios pelo poder de Satanás.

Contudo, isso não levou a um impasse, nem reduziu a verdade ao relativismo. A resposta de Cristo indica que nem todas as interpretações são corretas:

Todo reino dividido contra si mesmo será arruinado, e toda cidade ou casa dividida contra si mesma não subsistirá. Se Satanás expulsa Satanás, está dividido contra si mesmo. Como, então, subsistirá seu reino? E se eu expulso demônios por Belzebu, por quem os expulsam os filhos de vocês? Por isso, eles mesmos serão juízes sobre vocês. Mas se é pelo Espírito de Deus que eu expulso demônios, então chegou a vocês o Reino de Deus. (v. 25-28)

Ele primeiro reduz a afirmação deles ao absurdo, e então dá a interpretação correta do evento, e conclui com uma implicação sobre o evangelho.

Agora, se os fariseus tivessem crido verdadeiramente na Escritura, eles deveriam ter chegado à mesma interpretação sobre Cristo como aquela que o próprio Cristo afirmou sobre si mesmo. Mas embora reivindicassem crer na Escritura, na realidade eles suprimiam a verdade sobre ela. Embora eles tivessem acesso às pressuposições corretas ou ao conhecimento pelo qual eles poderiam interpretar corretamente a realidade, por causa da sua pecaminosidade, eles rejeitaram aceitar essas pressuposições e suas implicações, e rejeitaram assim a verdade, suprimindo-a e distorcendo-a.

Paulo diz que isso é o que a humanidade tem feito com o seu conhecimento sobre Deus. Ele declara que algum conhecimento sobre Deus é inato, isto é, todo ser humano nasce com algum conhecimento sobre Deus, mas porque o homem é pecaminoso, ele recusa reconhecer e adorar esse Deus verdadeiro, e assim suprime e distorce esse conhecimento inato:

Pois a ira de Deus é revelada dos céus contra toda impiedade e injustiça dos homens que suprimem a verdade pela injustiça, pois aquilo que é conhecido sobre Deus é evidente entre eles; porque Deus lhes manifestou. Pois desde a criação do mundo os atributos invisíveis de Deus, seu eterno poder e sua natureza divina, têm sido vistos claramente, sendo compreendidos por meio das coisas criadas, de forma que tais homens são indesculpáveis. Porque, embora tenham conhecido a Deus, não o honraram como Deus, nem lhe renderam graças; mas eles tornaram-se fúteis em suas especulações, e o coração insensato deles foi obscurecido. (Romanos 1:18-21, NASB)

As pessoas frequentemente reclamam que há evidência insuficiente sobre Deus e o Cristianismo, mas a Bíblia diz que eles já conhecem sobre esse verdadeiro Deus, mas apenas estão suprimindo esse conhecimento, pois recusam reconhecê-lo ou adorá-lo. O conhecimento sobre Deus é “evidente entre eles”, pois ele “lhes manifestou”. O problema não é uma falta de evidência, mas uma série de pressuposições artificialmente manufaturadas que suprimem a evidência sobre Deus.

Alguns argumentam que essa passagem fornece justificação para dizer que podemos derivar conhecimento sobre Deus por observação e argumentos empíricos. Contudo, já temos ilustrado a partir do exemplo da observação do tênis, e confirmado pelos exemplos bíblicos, que a observação em si não fornece nenhum significado ou

informação inteligível. Portanto, a passagem não pode significar que a observação, pelo menos em si mesma, pode fornecer conhecimento sobre Deus; antes, deve haver certas idéias inatas que já estão na mente antes de qualquer experiência ou observação.

Através do nosso exemplo sobre assistir tênis, temos também mostrado que até mesmo ter as categorias básicas necessárias à inteligibilidade é insuficiente, mas deve haver algum conteúdo real para as nossas idéias inatas. Contudo, se as idéias ou pressuposições inatas já contêm conteúdo real sobre Deus, então o conhecimento real sobre Deus não vem da observação de forma alguma, mas tal conhecimento já está na mente antes e aparte da experiência e observação.

Se você já conhece as regras do tênis, assistir tênis não pode lhe dar informação adicional sobre as regras do tênis, mas pode apenas estimular você a lembrar e aplicar regras particulares do tênis, à medida que você observa eventos particulares dentro do jogo. Da mesma forma, a experiência ou observação, *na melhor das hipóteses*, pode apenas estimular você a lembrar e aplicar o conhecimento inato que você tem sobre Deus.

Mais do que uns poucos comentaristas parecem concordar com essa visão. Aqui eu citarei apenas Charles Hodge: “Não é de uma mera revelação externa que o apóstolo está falando, mas daquela evidência do ser e das perfeições de Deus que todo homem tem na constituição de sua própria natureza, e em virtude da qual ele é competente para apreender a manifestação de Deus em suas obras”.² Por conseguinte, a NLT traduz, ou melhor, parafraseia, da seguinte forma: “Pois a verdade sobre Deus é conhecida instintivamente por eles. Deus colocou esse conhecimento nos corações deles”.

Uma passagem mais adiante confirma nosso entendimento de que Deus colocou certo conhecimento sobre si mesmo na mente do homem diretamente, isto é, aparte de experiência ou observação:

Pois quando os gentios, que não têm a Lei, praticam *instintivamente* as coisas da Lei, esses, não tendo Lei, são uma lei para si mesmos, pois mostram a obra da Lei *escrita em seus corações*. Disso dão testemunho a sua consciência e os pensamentos deles, ora acusando-os, ora defendendo-os. Isso tudo se verá no dia em que Deus julgar os segredos dos homens, mediante Jesus Cristo, de acordo com o meu evangelho. (Romanos 2:14-16, NASB).

Não pense que isso significa que alguns gentios são inocentes. Antes, o versículo 12 diz: “Todo aquele que pecar sem a Lei, sem a Lei também perecerá, e todo aquele que pecar sob a Lei, pela Lei será julgado”. Paulo está tentando mostrar que tanto aqueles que têm a revelação verbal de Deus, como aqueles que não a têm, são culpados de pecado e sujeitos ao julgamento.

² Charles Hodge, *Romans*; The Banner of Truth Trust, 1997 (original: 1835); p. 36.

Em adição, Paulo não está dizendo que todos os homens são salvos porque eles já conhecem a Deus, nem está dizendo que o conhecimento inato sobre Deus carrega conteúdo suficiente para salvação, se alguém simplesmente reconhecê-lo. Antes, o ponto da passagem é que os homens não têm escusa ao negar o Deus verdadeiro, pois eles suprimem a verdade sobre Deus. Portanto, essa passagem não pode ser usada para justificar as religiões do mundo, como alguns idiotas tentam fazer, mas seu ponto é precisamente condenar todas as cosmovisões não-cristãs, especialmente as religiões não-cristãs.

Embora tudo isso seja relevante, nosso interesse particular nesse ponto é no conhecimento inato sobre Deus presente na mente do homem, aparte de experiência ou observação. A NASB tem “instintivamente” no versículo 14, que é uma boa tradução, e a NJB usa o termo “sentido inato”. Mas a frase “uma lei para si mesmos” pode ser enganosa. Ela não significa que os gentios, visto que eles não têm a Escritura, determinam por si mesmos o que é certo e o que é errado; antes, ela significa o que já está implicado por “sentido inato”, de forma que J. B. Phillips traduz “eles têm uma lei em si mesmos”. Isso confirma nossa contenção de que há idéias inatas na mente do homem, e que os conteúdos dessas não consistem apenas em categorias de pensamento, mas em conhecimento real sobre Deus, tornando aqueles que o negam inescusáveis.

Eu não estou dizendo que as pessoas não devem “ver” Deus na natureza — elas devem.³ Mas eu estou tentando explicar o porquê elas não vêem, ou pelo menos o porquê elas dizem que não vêem. Paulo está dizendo que você tem que suprimir e distorcer o conhecimento que já está em sua mente para rejeitar o Cristianismo e afirmar uma religião, filosofia ou cosmovisão não-cristã. Somente o Cristianismo corresponde ao que você já conhece em sua mente, de forma que você terá que suprimir e distorcer o que você já sabe, e de fato enganar a si mesmo, para aceitar alguma outra coisa que não uma cosmovisão ou religião cristã completa e distintiva.

Alguns apologistas cristãos tentam defender a fé usando principalmente argumentos científicos, tais como aqueles baseados em física, biologia e arqueologia. Em outras palavras, juntamente com os incrédulos, eles assumem a confiabilidade da ciência e tentam “fazer ciência” melhor do que os incrédulos podem fazer. Se o que estou dizendo é correto — isto é, se o que Paulo está dizendo é correto — então, certamente, somos capazes de fazer ciência melhor do que os incrédulos, visto que temos uma série de pressuposições que correspondem à realidade e moralidade objetiva.

Dito isso, eu tenho argumentado em outro lugar que o próprio método científico impede o conhecimento da verdade,⁴ de forma que até mesmo com as pressuposições corretas, a ciência é completamente incompetente como uma forma de descobrir a natureza da realidade. Ronald W. Clark comenta: “A contemplação dos primeiros princípios ocuparam progressivamente a atenção de Einstein”, e em tal contexto, ele cita Einstein como dizendo: “Não sabemos absolutamente nada sobre isso. Todo o nosso conhecimento é apenas o conhecimento do primário... da natureza

³ A forma precisa de dizer isso é que elas devem lembrar de Deus quando observam a natureza.

⁴ Vincent Cheung, *Ultimate Questions*.

real das coisas, que nunca conheceremos, nunca”.⁵ Certamente, ele pode falar somente como um representante da ciência, e não da revelação.

Karl Popper, que tem escrito inúmeros obras sobre a filosofia da ciência, escreveu o seguinte:

Embora na ciência façamos o nosso melhor para encontrar a verdade, estamos cômnicos do fato que não podemos nunca estar certos se a alcançamos.... Na ciência não há nenhum “conhecimento”, no sentido que Platão e Aristóteles entendiam a palavra, no sentido que implica finalização; na ciência, nunca temos razão suficiente para a crença de que alcançamos a verdade... Einstein declarou que *sua teoria era falsa* — ele disse que ela seria uma melhor aproximação da verdade do que a teoria de Newton, mas ele deu razões pelas quais ele não poderia, mesmo que todas as predicões estivessem corretas, considerá-la como uma teoria verdadeira”.⁶

Cientistas conduzem experimentos múltiplos para testar uma hipótese. Se a observação é confiável, então porque eles precisam de mais de um experimento? Se a observação é menos do que confiável, então como muitos experimentos são suficientes? Quem decide? Ignorando esse problema por ora, W. Gary Crampton explica a dificuldade em formular uma lei científica pelo método de experimentação:

No laboratório os cientistas buscam determinar o ponto de ebulição da água. Visto que a água dificilmente ferve à mesma temperatura, o cientista conduz vários testes e os resultados levemente diferenciados são registrados. Ele então deve fazer uma média entre eles. Mas que tipo de média ele usa: harmônica, modal ou aritmética? Ele deve escolher; e que tipo de média ele seleciona é de sua própria escolha; ela não é ditada pelo resultado. Então também, a média que ele escolhe é simplesmente isso, isto é, ela é uma média, não um *dado* real fornecido pelo experimento. Uma vez que os resultados dos textos têm sofrido uma média, o cientista calculará o erro variável em suas leituras. Ele provavelmente colocará os pontos de dados ou áreas num gráfico. Então ele traçará uma curva através dos pontos de dados ou áreas resultantes no gráfico... Mas quantas curvas, cada uma das quais descreve uma equação diferente, são possíveis? Um número infinito de curvas é possível. Mas o cientista traça apenas uma.⁷

A probabilidade de traçar a curva correta é uma em infinito, que é igual a zero. Portanto, há uma probabilidade zero de que qualquer lei científica possa ser verdadeira. É impossível para a ciência *alguma vez* descrever corretamente *alguma*

⁵ Ronald W. Clark, *Einstein: The Life and Times*; Avon Books, 1971; p. 504.

⁶ *Popper Selections*, editado por David Miller; Princeton University Press, 1985; p. 90, 91, 121.

⁷ W. Gary Crampton, “The Biblical View of Science”, January 1997, *The Trinity Review*.

coisa sobre a realidade. Assim, Popper escreve: “Pode ser até mesmo mostrado que todas as teorias, incluindo as melhores, têm a mesma probabilidade, a saber, zero”.⁸

Se o que foi dito acima sobre experimentos científicos é difícil para algumas pessoas entender, o problema de “afirmar o conseqüente” pode ser mais facilmente compreendido. Considere a seguinte forma de argumento:

1. Se X, então Y
2. Y
3. Portanto, X

Essa forma de raciocínio, chamada de “afirmar o conseqüente”, é sempre uma falácia formal em lógica; isto é, sabemos que o argumento é inválido simplesmente observando sua estrutura. Simplesmente porque Y é verdade não significa que X seja verdade, visto que pode haver um número infinito de coisas que podem substituir X, e ainda termos Y. A correlação não é a mesma da causação — mas pode a ciência sequer descobrir a correlação? Assim, se a hipótese é, “Se X, então Y”, o fato que Y acontece não faz nada para confirmar a hipótese.

Cientistas, certamente, tentam evitar esse problema tendo experimentos “controlados”, mas eles estão enfrentando novamente um número infinito de coisas que podem afetar o experimento. Como eles sabem quais variáveis devem ser controladas? Por outros experimentos que afirmam o conseqüente, ou por observação, que já temos mostrado não ser confiável?

Bertrand Russell foi um célebre matemático, logicista, filósofo, e escreveu muito contra a religião cristã. Assim, ele não estava tentando endossar o Cristianismo quando ele escreveu o seguinte:

Todos os argumentos indutivos, em último recurso, se reduzem à seguinte forma: “Se isso é verdade, aquilo é verdade: agora, aquilo é verdade, portanto, isso é verdade”. Esse argumento é, certamente, formalmente falacioso. Suponha que eu dissesse: “Se pão é uma pedra e pedras são alimento, então esse pão me alimentará; agora, esse pão me alimenta; portanto, ele é uma pedra, e pedras são alimento”. Se eu fosse promover tal argumento, certamente pensariam que sou louco, todavia, ele não seria fundamentalmente diferente do argumento sobre o qual todas as leis científicas são baseadas.⁹

Todavia, muitos que falam dessa forma recusam traçar a conclusão lógica de que toda ciência é, no final das contas, irracional e sem justificação. A maioria das pessoas se sente compelida a respeitar a ciência por causa do sucesso prático que ela parece alcançar; contudo, temos notado que afirmar o conseqüente pode produzir resultados, mas não verdades. Lembre-se o que Popper disse sobre Einstein: “Ele não poderia, mesmo que todas as predicões estivessem corretas, considerá-la como uma

⁸ Karl Popper, *Conjectures and Refutations*; Harper and Row, 1968; p. 192.

⁹ Bertrand Russell, *The Problems of Philosophy*; Oxford University Press, 1998.

teoria verdadeira”. O estudante colegial típico discordaria, mas o estudante colegial típico não é Einstein. Por conseguinte, embora a ciência seja útil como uma forma de alcançar fins práticos, ela não tem autoridade para fazer quaisquer pronunciamentos com respeito à natureza da realidade. Se o cientista não conhece seu lugar, um crente informado não deve hesitar em colocá-lo de volta ao seu lugar. A teologia é a disciplina intelectual reguladora, não a ciência.

A maioria das pessoas pensará que esse ceticismo para com a sensação e essa visão baixa da ciência são muito extremas, mas qualquer que discordar deve primeiro justificar como o conhecimento vem a partir da sensação e como o método científico pode funcionar para descobrir a verdade. Se você confia na ciência, mas não pode fornecer uma justificação racional para ela, então como você ousa chamar os cristãos de irracionais e crédulos? Você pode tentar promover seu ceticismo seletivo e arbitrário contra o Cristianismo sobre a base da ciência, mas se eu puder aplicar com sucesso um ceticismo mais forte e abrangente para refutar a ciência secular e todas as religiões do mundo, mas defender a revelação bíblica, então é melhor você não ousar chamar os cristãos de irracionais e crédulos nunca mais.

É somente porque você foi criado à imagem de Deus e tem, assim, um conhecimento inato sobre ele, que você pode, antes de tudo, falar de racionalidade, pois sem Cristo — a Razão de Deus (João 1:1)¹⁰ — você não tem nenhum fundamento para nem mesmo a própria lógica. Por outro lado, da perspectiva cristã, a racionalidade caracteriza a própria estrutura da mente de Deus, e as leis da lógica descrevem o modo como ele pensa. Visto que ele nos fez à sua imagem, nós também somos capazes de usar a lógica, e visto que o mesmo Deus que nos criou, também criou o universo, a lógica corresponde à realidade. Se você rejeita as pressuposições cristãs, então sobre que base você usa a lógica, e sobre que base você diz que a lógica corresponde à realidade? Você tenta usar a razão, mas você nega a própria Razão. Você reivindica pensar logicamente, mas você nega a própria pessoa que estruturou sua mente racional à sua própria mente racional. Assim, ao exaltar a razão sem exaltar Deus, você se contradiz e se incrimina, e mostra que você tem suprimido a verdade sobre Deus.

Embora, devido à natureza do seu método, a própria ciência seja incompetente e não confiável, não importa qual fundamento você construa sobre ela, se estamos corretos sobre a realidade das idéias inatas e a supressão da verdade pelos incrédulos, então os cristãos ainda podem fazer ciência melhor do que os não-cristãos, visto que nós explicitamente afirmamos as pressuposições corretas, incluindo aquelas na Escritura que não são parte das idéias inatas presentes no nascimento. Mas ao mesmo tempo, se estamos corretos sobre as idéias e pressuposições inatas, então a ciência é, de fato, um terreno superficial quando diz respeito ao conflito entre cosmovisões opostas.

Nossas pressuposições determinam nossa interpretação do que observamos, de forma que podemos observar exatamente as mesmas coisas e chegar a conclusões diferentes. Embora eu diria que as pressuposições não-cristãs não podem nem mesmo apoiar as conclusões não-cristãs, nem podem elas ser usadas para fornecer apoio

¹⁰ O *logos*, ou Palavra, em João 1:1 pode ser corretamente traduzido como Sabedoria, Razão ou até mesmo Lógica.

conclusivo para o Cristianismo, pela razão de que as pressuposições não-cristãs realmente não podem sustentar nada.¹¹ Assim, chegamos à percepção de que, no final das contas, devemos tratar com os não-cristãos sob o nível pressuposicional.¹²

Não subestime esse discernimento, que mostra que a menos que o não-cristão possa fornecer um fundamento para o conhecimento sem usar as pressuposições cristãs, todos os seus argumentos são apenas ruídos. Ele está tentando raciocinar seu escape de seu conhecimento inato de que o Cristianismo é verdadeiro, e que somente o Cristianismo é verdadeiro. Todavia, ele não pode nem mesmo raciocinar sem usar as pressuposições cristãs. Ele escolhe um ponto de partida não-cristão para a sua filosofia e tenta se convencer que ele é adequado, mas ele sabe mais, embora ele possa não admitir isso até para si mesmo. Esse conhecimento o persegue, e assim ele suprime sua consciência e se volta contra os crentes. Mas nem mesmo o suicídio o livrará de sua condição infeliz, visto que apenas finalizará sua condenação, e ele sabe isso no fundo do seu ser (Romanos 1:32). Paulo escreve em Romanos 1:22: “Dizendo-se sábios, tornaram-se loucos.”. Ou, mais claramente: “Eles pensam que são espertos, mas são estúpidos”. Isso é verdade de todo não-cristão.

Se você é um cristão, então Deus te escolheu e te mudou, e ele te alistou para publicar esse desafio pressuposicionalista ao mundo. Paulo nos ordena que retenhamos o padrão firme da “palavra da vida” nessa “geração corrompida e depravada” (Filipenses 2:15-16). De fato, os incrédulos são “corrompidos” em seu pensamento e conduta, e suprimem e distorcem a verdade sobre a realidade e a moralidade. Todavia, Deus mostrará misericórdia aos seus eleitos e lhes converterá, endireitando os seus caminhos tortuosos. Mas os réprobos resistirão, e serão esmagados pela Rocha que é o fundamento do Cristianismo (Lucas 20:17-18).

¹¹ O uso estratégico de argumentos científicos são algumas vezes desejáveis, mas nunca necessário, dentro do contexto de debates, mas a única função deles é mostrar que *mesmo que* a ciência possa descobrir a verdade, o incrédulo ainda estaria errado. Permanece o fato que os cristãos não deveriam colocar sua confiança em algo tão fraco como a ciência. Os cristãos devem ter padrões intelectuais mais altos do que os dos não-cristãos.

¹² É frequentemente argumentado que devemos “olhar para os fatos objetivamente”. Se isso significa que não devemos ter pressuposições, então temos mostrado ser isso impossível, e de fato faz os “fatos” ininteligíveis. Mas se ser “objetivo” significa que devemos olhar para o mundo como verdadeiramente ele é, então esse é o próprio ponto em questão, e estamos argumentando que somente quando você começa com pressuposições cristãs você será capaz de olhar para o mundo como ele verdadeiramente é. “Fatos” não vêm com suas próprias interpretações, e qualquer interpretação requer pressuposições. Contudo, nem todas as pressuposições são iguais, e assim, retornamos ao ponto de que os argumentos devem, no final das contas, serem estabelecidos sobre o nível pressuposicional.

2. AS CONFRONTAÇÕES FILOSÓFICAS

ATOS 17:16-34

Enquanto esperava por eles em Atenas, Paulo ficou profundamente indignado ao ver que a cidade estava cheia de ídolos. Por isso, discutia na sinagoga com judeus e com gregos tementes a Deus, bem como na praça principal, todos os dias, com aqueles que por ali se encontravam. Alguns filósofos epicureus e estóicos começaram a discutir com ele. Alguns perguntavam: “O que está tentando dizer esse tagarela?” Outros diziam: “Parece que ele está anunciando deuses estrangeiros”, pois Paulo estava pregando as boas novas a respeito de Jesus e da ressurreição. Então o levaram a uma reunião do Areópago, onde lhe perguntaram: “Podemos saber que novo ensino é esse que você está anunciando? Você está nos apresentando algumas idéias estranhas, e queremos saber o que elas significam”. Todos os atenienses e estrangeiros que ali viviam não se preocupavam com outra coisa senão falar ou ouvir as últimas novidades.

Então Paulo levantou-se na reunião do Areópago e disse: “Atenienses! Vejo que em todos os aspectos vocês são muito religiosos, pois, andando pela cidade, observei cuidadosamente seus objetos de culto e encontrei até um altar com esta inscrição: AO DEUS DESCONHECIDO. Ora, o que vocês adoram, apesar de não conhecerem, eu lhes anuncio.

“O Deus que fez o mundo e tudo o que nele há é o Senhor dos céus e da terra, e não habita em santuários feitos por mãos humanas. Ele não é servido por mãos de homens, como se necessitasse de algo, porque ele mesmo dá a todos a vida, o fôlego e as demais coisas. De um só fez ele todos os povos, para que povoassem toda a terra, tendo determinado os tempos anteriormente estabelecidos e os lugares exatos em que deveriam habitar. Deus fez isso para que os homens o buscassem e talvez, Tateando, pudessem encontrá-lo, embora não esteja longe de cada um de nós. ‘Pois nele vivemos, nos movemos e existimos’, como disseram alguns dos poetas de vocês: ‘Também somos descendência dele’.

“Assim, visto que somos descendência de Deus, não devemos pensar que a Divindade é semelhante a uma escultura de ouro, prata ou pedra, feita pela arte e imaginação do homem. No passado Deus não levou em conta essa ignorância, mas agora ordena que todos, em todo lugar, se arrependam. Pois estabeleceu um dia em que há de julgar o mundo com justiça, por meio do homem que designou. E deu provas disso a todos, ressuscitando-o dentre os mortos”. Quando ouviram sobre a ressurreição dos mortos, alguns deles zombaram, e outros disseram: “A esse respeito nós o ouviremos outra vez”. Com isso, Paulo retirou-se do meio deles. Alguns homens juntaram-se a ele e creram. Entre eles estava Dionísio, membro do Areópago, e também uma mulher chamada Dâmaris, e outros com eles.

v. 16-17

De acordo com uma contagem, cerca de um terço dos vinte discursos cristãos em Atos se qualificam como defesa, e metade dos dez discursos de Paulo são desse tipo.¹ Este capítulo estuda o discurso de Paulo no Areópago, no qual o apóstolo fala aos filósofos e à população de Atenas sobre a fé cristã (Atos 17:16-34). Tentaremos comentar alguns pontos significantes acerca desse discurso visto a partir de seu contexto histórico, e considerar como o exemplo apostólico deve nos informar e ditar nossa abordagem para com a apologética contemporânea.

Os judeus em Tessalônica tinham causado muitos problemas a Paulo, e os crentes de lá tiveram que enviá-lo para Beréia (17:5,10). Os bereanos foram mais receptivos à mensagem do evangelho (v. 11-12), mas os judeus de Tessalônica seguiram Paulo até Beréia e incitaram a multidão contra ele (v. 13), de modo que os crentes daquele lugar tiveram que mandá-lo embora novamente, enquanto que Silas e Timóteo permaneceram um pouco mais (v. 14). Desta vez, Paulo foi para a Atenas, e aqueles que estavam com ele retornaram para Tessalônica com instruções de que Silas e Timóteo iriam encontrá-lo tão logo fosse possível (v. 15).

Atenas era uma cidade dada à idolatria. Muitos escritores se maravilharam com o excessivo número de estátuas religiosas em Atenas. Pausânias escreveu que Atenas tinha mais ídolos que o resto de toda a Grécia junta. Por conseguinte, Petrônio observou que era mais fácil encontrar um deus do que um homem em Atenas. Enquanto Paulo andava por Atenas, ele teria visto altares e estátuas de vários deuses, incluindo Ares, Baco, Eumênides, Netuno, e é claro, a deusa mãe da cidade, Atenas, da qual a cidade tomava o nome. Em uma das ruas de Atenas existia uma estátua com o busto de Hermes na frente de cada casa. Pliny testemunhou que existiam cerca de trinta mil estátuas públicas em Atenas, e muitas outras particulares dentro das casas.

Paulo estava cercado por manifestações de adoração pagã; as ruas eram alinhadas por ídolos. Embora Atenas fosse admirada por sua rica cultura artística, de modo que “ela também foi o depósito de alguns dos mais belos tesouros da arte e arquitetura”,² o apóstolo não mostrou nenhum respeito pelas qualidades estéticas dos edifícios e esculturas. Ele não estava positivamente impressionado com a cultura e artesanato das pessoas; pelo contrário, estava “profundamente indignado” (v. 16) em face da excessiva idolatria daquela cidade, enquanto aguardava seus companheiros chegar.

Hoje alguns turistas que se nomeiam cristãos não hesitam em visitar templos pagãos e até se curvam ante suas estátuas. Eles argumentam que isso não é adorar a deuses pagãos, mas meramente mostrar respeito à crença de outras culturas. Além disso, eles afirmam admirar os templos e esculturas como obras de arte e artefatos históricos, e não como representações de deuses pagãos. Mas esses cristãos professos são mentirosos. Em primeiro lugar, o cristão não tem o direito de respeitar ou admirar crenças e culturas não-cristãs. Paulo tinha uma completa aversão por elas. Esses assim chamados cristãos acreditam que o próprio Deus aprova essas “obras de arte”, e a preservação e exibição delas?

¹ C, Richard Wells and A. Boyd Luter, *Inpired Preaching*; Broadman & Holman Publishers, 2002; p. 117.

² David J. Williams, *New International Biblical Commentary: Acts*; Hendrickson Publishers, 1990; p. 302.

Mesmo que algumas estátuas sejam vazias de implicações religiosas para a pessoa contemporânea, elas ainda são resíduos de idolatria e traços de rebelião pecaminosa contra o verdadeiro Deus. Assim, não devemos apreciá-las como obras de arte, mas condená-las como obras do diabo. Certamente o apóstolo estava muito mais acostumado a ver expressões da adoração pagã, mas não estava dessensibilizado para com elas como muitos de nós estamos nos dias de hoje; antes, ele continuou a vê-las como expressões de rebelião pecaminosa, e conseqüentemente reagiu com aversão e aflição. Na proporção em que não nos revoltamos e indignamos acerca das crenças não-cristãs, provavelmente não temos um amor correspondente para com o verdadeiro Deus.

Paganismo doméstico é tanto grosseiro como pecaminoso, e muitos que se chamam de cristãos, que deveriam reagir firmemente contra a tradicional adoração de ídolos, todavia toleram e até respeitam o pensamento e conduta do não-cristão contemporâneo. Eles ficam horrorizados por relatos de assassinatos em série e molestações de crianças, mas relativamente indiferentes quando se trata das religiões e filosofias não-cristãs. Eles ficam muito revoltados por causa de racismo e fraude, e alguns até choram por mortes causadas por doenças e acidentes quando reportadas pelos noticiários, mas não mostram tal reação quando alguém se apresenta como um mórmon, quando alguém anuncia que se casará com um muçulmano, ou quando alguém usa o nome de Deus irreverentemente. Sua moralidade é centrada no homem ao invés de Deus, mas a moralidade bíblica é do último tipo, com a adoração correta para com Deus como o alicerce e pré-requisito para um correto tratamento para com o homem. É claro, muitas pessoas não se preocupam nem com Deus nem com o homem.

Como você reage concernente às religiões e filosofias não-cristãs? Você reage como deveria, com completa repulsa e absoluta condenação, ou você está tão moldado por influências não-bíblicas que de fato mostra admiração e respeito para com elas? Se for a última, em que base você se chama de cristão? Você fica mais horrorizado por assassinato e estupro, ou não considera nem mesmo ruim o usar o nome de Cristo como um xingamento? Ah, você provavelmente usa o nome divino como um xingamento para você mesmo. É claro, você nunca cometeria os atos visíveis de assassinato e adultério, ou pelo menos isso é o que você pensa, mas você não nutre nenhuma oposição contra a pessoa que denuncia o Cristianismo, ou alguém que insulta o nome de Cristo, ou alguém que afirma doutrinas heréticas.³ Sua preocupação primária não é com a honra de Deus, mas com bem-estar do homem. Se isso descreve você, então seu compromisso fundamental não é bíblico, mas humanístico.

A reação bíblica para com as religiões e filosofias, pensamento e conduta, crenças e culturas não-cristãs, não é indiferença ou apreciação, mas extrema indignação. Não me oponho aqui meramente às crenças e culturas não-ocidentais, mas

³ Por exemplo, uma igreja não tem nenhuma justificativa para excomungar um assassino ou estuproador, mas ao mesmo tempo não excomungar alguém que rejeita a infalibilidade da Escritura. Se a revelação bíblica infalível é a própria base sobre a qual excomungamos o assassino ou estuproador, como podemos então excomungar alguém que viola um princípio bíblico de moralidade, mas toleramos alguém que rejeita a própria autoridade pela qual reforçamos esse princípio bíblico? A coerência teológica é destruída, a menos que a igreja considere uma rejeição da infalibilidade bíblica tão perversa quanto o assassinato e o estupro, e formule suas normas de ação de acordo com isso.

às culturas não-*crístãs* ou anti-bíblicas, que podem e de fato existem dentro da sociedade ocidental. Algumas vezes as pessoas negligenciam reconhecer essa distinção. Estou dizendo que os cristãos deveriam reagir fortemente contra crenças e práticas anti-bíblicas, em qualquer que seja o contexto que isso for encontrado. Indiferença e apreciação por religiões, filosofias, crenças e culturas anti-bíblicas constitui em traição contra o reino de Deus.

Existem diferentes maneiras que alguém pode expressar sua indignação contra crenças anti-bíblicas, mas nem todas são legítimas. Por exemplo, é possível silenciar a oposição com violência, mas é em tal contexto que Jesus diz: “Todos os que empunham a espada, pela espada morrerão” (Mateus 26:52).⁴ Algumas pessoas têm interpretado erroneamente essas palavras para apoiar o pacifismo ou proibir todo uso de força física. Porém, Romanos 13:4 diz que a autoridade do estado “não porta a espada sem motivo. É serva de Deus, agente da justiça para punir quem pratica o mal.” Isso indica que algum uso de força física é legítimo. Torna-se aparente que o que Jesus diz é um provérbio que reafirma Gênesis 9:6, que diz: “Quem derramar sangue do homem, pelo homem seu sangue será derramado; porque à imagem de Deus foi o homem criado”. De nenhum modo a afirmação denuncia o uso de força militar ou outros tipos de força física sancionados em outros lugares pela Escritura.

Embora eu sustente que o Cristianismo proíbe o uso da força física para promover suas idéias, é irracional rejeitar uma religião simplesmente porque ela defende o uso da violência, quer seja ou não para o propósito de promover a religião. Alguém que diga que uma religião é errada *porque* promove violência pressupõe um padrão de ética pelo qual julga essa religião, e é sobre a veracidade desse padrão pressuposto que precisamos argumentar em primeiro lugar. Se o uso da violência é aceitável ou não, depende de se sua base é correta ou não. Se uma determinada religião é verdadeira, e se permite ou ordena o uso da violência para um determinado propósito, então seu endosso à violência é aceitável.

Por exemplo, nós não deveríamos argumentar que o Islamismo é falso *porque* permite e ordena o uso da violência na promoção de suas idéias; antes, deveríamos argumentar que é errado promover a religião de alguém pelo uso da violência *porque* o Islamismo é errado e algum outro padrão é correto, o qual, por sua vez, proíbe a violência para tal propósito. Assim, a questão de se a violência é aceitável (para a promoção da religião ou algum outro propósito) deve ser determinada sobre um nível pressuposicional.

Alguém pode, certamente, tomar como seu primeiro princípio que todos os usos de violência ou alguns usos designados de violência são errados, e então avaliar as diferentes cosmovisões e religiões por tal padrão. Contudo, qual é a justificativa para tal critério? O princípio pode ser arbitrário, auto-autenticado, ou deve ser baseado ultimamente em algum princípio que é auto-autenticado. Se ele for arbitrário, então é irracional e não pode ser imposto sobre todo o mundo. Se é auto-autenticado, então a pessoa deve mostrar que ele é auto-autenticado. Mesmo se for auto-autenticado, e eu não acredito que seja, ele é muito limitado para responder às questões necessárias nas áreas do conhecimento, realidade, e outras. De fato, ele nem

⁴ O contexto principal da passagem pode sugerir que Cristo está se opondo ao uso da violência ao defender a inocência pessoal quando falsamente acusado por autoridades, e não uma defesa da religião em particular.

mesmo pode prover orientação para muitas questões dentro de suas próprias categorias de ética. Se alguém reivindica que o princípio é baseado em algo que é auto-autenticado, então retornamos à minha questão de que primeiro devemos argumentar sobre esse princípio último, ao invés do princípio subsidiário de se a violência é aceitável ou não em vários contextos.

Igualmente, muitas pessoas criticam fortemente o Cristianismo por ser uma religião exclusivista; isto é, elas acreditam que se uma religião reivindica ser a única verdade, então deve ser errada ou inaceitável. Mas qual é a justificativa para tal suposição, e por qual padrão último elas fazem esse julgamento? Em contraste, nós podemos sustentar que se o Cristianismo é verdadeiro e reivindica ser a única verdade, então a sua reivindicação de ser a única verdade também deve ser verdadeira. Nós devemos primeiro estabelecer se o Cristianismo é verdadeiro antes de julgar sua reivindicação da verdade ser exclusiva. Certamente, na argumentação pressuposicionalista, a premissa de que o Cristianismo é a verdade exclusiva é inerente em seu primeiro princípio.

Alguém pode tomar como seu primeiro princípio – ou, se existirem mais que um, um dos seus axiomas pelo qual ele deduz teoremas subsidiários – que não existe nenhuma verdade exclusiva, e então usar isto para avaliar cada religião. Mas tal princípio é auto-refutante, visto que ele reivindica ser exclusivamente verdadeiro que não existe verdade exclusiva. “Não existe nenhuma verdade exclusiva” é uma proposição que *exclui* todas as reivindicações exclusivas, mas ela em si é uma reivindicação exclusiva sobre a própria natureza da verdade, de modo que *exclui* a proposição: “*Existe* verdade exclusiva”. Assim, a rejeição da verdade exclusiva não pode ser auto-autenticada, visto que é auto-refutante. Ela não pode ser legitimamente baseada em algo que seja auto-autenticado, visto que o processo de dedução meramente extrai as implicações necessárias de uma premissa, de forma que é impossível derivar uma conclusão auto-refutante a partir de uma premissa auto-autenticada. Devemos concluir que a rejeição da verdade exclusiva é arbitrária e irracional. Ela não pode funcionar como o primeiro princípio de uma cosmovisão coerente, nem pode ser usada para se fazer qualquer julgamento racional sobre uma religião.

Quando diz respeito à defesa e promoção da religião cristã, Paulo escreve: “Pois, embora vivamos como homens, não lutamos segundo os padrões humanos. As armas com as quais lutamos não são humanas; ao contrário, são poderosas em Deus para destruir fortalezas” (2 Coríntios 10:3-4). Nosso relacionamento com esse mundo deveria de fato ser caracterizado por um relacionamento de guerra, mas visto que esta guerra é de natureza espiritual, não se trata de uma disputa de poder físico ou militar. Antes, Deus nos tem dado armas apropriadas para a natureza deste conflito, que são “poderosas em Deus para destruir fortalezas”. Quais são essas “fortalezas” que iremos “destruir” com nossas armas divinas? O versículo 5 diz que iremos “destruir argumentos”, e em vez de subjugar fisicamente nossos inimigos, nós “levamos cativo todo *pensamento*, para torná-lo obediente a Cristo”.

Consequentemente, Paulo reage às crenças não-cristãs em geral, e à excessiva idolatria de Atenas em particular, engajando seus aderentes numa argumentação

racional: “Por isso, *discutia*⁵ na sinagoga com judeus e com gregos tementes a Deus, bem como na praça principal, todos os dias, com aqueles que por ali se encontravam” (Atos 17:17).

I. Howard Marshall alega que a palavra traduzida como “discutia” significa “pregar” ao invés de “argumentar” ou “debater”.⁶ Ele faz menção a Atos 20:7 e 20:9, nos quais a mesma palavra é traduzida por “falou” (“pregou” na KJV) e “longo discurso” (“prolongada pregação” na KJV). Não é claro se Marshall pretende eliminar a idéia de que Paulo empregou argumentação na promoção do evangelho, ou se ele pretende eliminar somente a idéia de interação entre Paulo e sua audiência como implicado pelas palavras “arrazoava”, “argumentar”, ou “debater”.

Se for o primeiro caso, isto é, se Marshall pretende dizer que Paulo não empregou argumentação na divulgação do evangelho, ou que Paulo evitou uma postura intelectualmente combativa, então ele está equivocado. A palavra em questão pode explicitamente denotar o significado de argumentação. Por exemplo, Atos 17:2 diz: “Paulo, segundo o seu costume, foi procurá-los e, por três sábados, *arrazoou* com eles acerca das Escrituras” (RA). Isso significa que Paulo pregou para eles ou argumentou com eles? Foi uma apresentação ou um debate? Qualquer que seja o caso, o ensino bíblico envolve argumentos rigorosos. O próximo versículo nos fala que quando Paulo “arrazoou com eles acerca das Escrituras”, ele estava “*explicando e provando* que o Cristo deveria sofrer e ressuscitar dentre os mortos” (NVI). Portanto, quer tenha interagido com eles ou não, ele estava *tanto* apresentando o evangelho *como* argumentando a favor dele. Então em Atos 18:4, Lucas escreve que Paulo “*debatia* na sinagoga, e *convencia* judeus e gregos”. A tentativa de convencer necessariamente implica o elemento da argumentação. Paulo “falava ousadamente” do evangelho em Éfeso, e isto significa que ele estava “arrazoando e persuadindo” (Atos 19:8, NASB) as pessoas sobre o reino de Deus.

Entretanto, há uma indicação de que Marshall quer dizer o último caso, pois ele contrasta o que Paulo faz contra a abordagem de Sócrates: “A descrição é recordativa da atividade de Sócrates que argumentava com quem quer que o escutasse, embora para Lucas ‘argumentar’ signifique ‘pregar’ ao invés de ‘debater’”.⁷ Isto é, parece que ele está dizendo que traduzir a palavra como “argumentar” ou “debater” sugere falsamente que Paulo algumas vezes assumiu um estilo interativo quando introduzindo o evangelho ao seu público. Se isso é o que Marshall quer dizer, ele ainda está equivocado, visto que tanto em Atos 17 como em outras passagens, Paulo dá a impressão de engajar seus oponentes numa forma dialogal, argumentando e debatendo com eles. Todavia, neste ponto o elemento mais importante é mostrar que Paulo reagiu contra as crenças não-cristãs por meio de uma argumentação racional, quer na forma de apresentação (“pregação”) ou interação (“debate”).

Thayer indica que embora a palavra em questão possa significar “ponderar”, “argumentar”, “discursar” ou “discutir”, quando é usada em Atos 17:17, o qual é o versículo que estamos examinando, ela é usada “com a idéia de *disputando*”

⁵ Nota do tradutor: “Arrazoava” na versão do autor.

⁶ I. Howard Marshall, *Tyndale New Testament Commentaries: Acts*; William B. Eerdmans Publishing Company, 2000 (original: 1980); p. 283.

⁷ *Ibid.*, p. 283.

proeminentemente”.⁸ Em adição, A. T. Robertson escreve que quer a palavra seja usada ou não para denotar a ação de ponderar, discutir, discursar ou ensinar por um método dialético, ela sempre carrega “a idéia de estímulo intelectual”.⁹

Portanto, seja qual for o significado exato de Marshall, ele está errado quando escreve: “Para Lucas ‘argumentar’ significa ‘pregar’ ao invés de ‘debater’”.¹⁰ Isto é, se Marshall quer dizer: “Para Lucas ‘argumentar’ significa ‘apresentar um argumento’ ao invés de “engajar num argumento””, ele ainda está equivocado, mas pelo menos ele escaparia da acusação de antiintelectualismo. Contudo, se ele quer dizer: “Para Lucas ‘argumentar’ significa ‘afirmar sem argumento’ ao invés de ‘engajar num argumento’”, então ele não está somente errado, mas visto que o erro é tão óbvio, podemos também suspeitar que ele tenha uma inclinação antiintelectual. Mas ele não parece querer dizer esse último significado.¹¹

Em todo o caso, a palavra não significa pregar *ao invés de* debater. A palavra pode significar pregar (um monólogo), debater (um diálogo), ou ambos, e discernimos qual é o significado pretendido pelo contexto. Mas visto que há uma palavra em particular para pregação que Lucas usa livremente por todo o livro de Atos, parece que a palavra que estamos examinando agora na maioria dos casos significa uma troca argumentativa ou diálogo, ao invés de uma pregação no sentido de um monólogo.

A palavra sempre significa o uso de argumentação racional. Por exemplo, embora os dois versículos possam estar descrevendo uma apresentação ou discussão entre crentes amistosos, mesmo Atos 20:7 e 20:9 não nos dá nenhuma indicação de que a situação exclui o uso de argumentos. Os apóstolos chegaram às suas conclusões por deduções racionais, a partir das escrituras e da revelação especial, mesmo em suas apresentações para os crentes, como é visto em seus sermões e cartas. A conclusão é que a palavra pode significar tanto uma apresentação como um debate, com a ênfase determinada pelo contexto da passagem, e mesmo quando uma mera apresentação está em vista, a argumentação racional é um elemento necessário do que é transmitido. Nosso versículo, Atos 17:17, parece descrever ou incluir um debate.

Não podemos ter certeza se o erro de exegético de Marshall, pelo menos em parte, resulta de uma inclinação antiintelectual, mas essa é uma possibilidade. “Pregar”, pelo menos como é definido e praticado por muitas pessoas, soa piedoso e inofensivo, mas “argumentar” e “debater” soam intelectuais e ofensivos. Muitos cristãos têm sido doutrinados pelo mundo sobre como os cristãos deveriam agir em um mundo não-cristão, e assumem que não devemos supor argumentar com ninguém. Mas Cristo e os apóstolos sempre argumentavam com as pessoas em defesa da verdade bíblica, e eles nos deixaram instruções para fazer o mesmo.

Talvez algumas pessoas imaginem que todo argumento envolve membros de partidos opostos gritando ruidosamente uns para os outros, mas esse não precisa ser o caso. Vencer um debate deveria depender em grande parte da superioridade do que afirmamos ao invés de uma personalidade dominante, de modo que podemos ser

⁸ Joseph H. Thayer, *Thayer's Greek-English Lexicon of the New Testament*; Hendrickson Publishers, 2002 (original: 1896); p. 139.

⁹ A. T. Robertson, *Word Pictures in the New Testament*, Vol. 3; Broadman Press, 1930; p. 267.

¹⁰ Marshall, *Acts*; p. 283.

¹¹ Outra possibilidade é que o próprio Marshall não sabe o que ele está tentando dizer sobre Paulo.

gentios e educados em todo o processo; entretanto, as instruções e exemplos escriturísticos ditam que algumas vezes os critérios regulares de etiqueta social são postos de lado. Em todo o caso, porque as estratégias bíblicas para o evangelismo de incrédulos e a edificação dos crentes são altamente intelectuais, uma atitude antiintelectual vai contra o espírito das Escrituras e faz de alguém um trabalhador cristão infiel e ineficaz. Agora, se alguém discorda de tudo isso, deverá me dar um argumento.

v. 18, 21

Embora Atenas já tivesse perdido sua antiga eminência política na época da visita de Paulo, ela ainda permanecia como o centro intelectual do mundo antigo. Quatro das principais escolas filosóficas tinham florescido lá. Elas foram a Academia de Platão (287 a.C), o Liceu de Aristóteles (335 a.C), o Jardim de Epicuro (306 a.C), e o Pórtico de Zenão (300 a.C). Embora possamos assumir que vários pontos de vista filosóficos foram representados, Lucas menciona explicitamente os “filósofos epicureus e estóicos” (v. 18), que disputavam com Paulo. Eu dedicarei algum tempo para resumir a filosofia dos epicureus e estóicos, pois eles são mencionados aqui em Atos 17. Lamentavelmente, não podemos dedicar um espaço também para explicar as filosofias de Platão e Aristóteles, bem como outras tradições filosóficas tal como o Ceticismo.

Epícuro (340-270 a.C) tinha adotado a teoria atômica do antigo Demócrito (460-360 a.C) A teoria afirma que a realidade consiste de entidades materiais indivisíveis chamadas átomos, movendo-se através do espaço vazio infinito. Embora os átomos em si não tenham propriedades inerentes, eles se combinam de vários modos para formar objetos que possuem propriedades diferentes.

A principal motivação para a filosofia de Epícuro é a de libertar o homem do seu medo da morte e dos deuses. Embora os epicureus formalmente afirmem as deidades gregas tradicionais, elas são vistas como parte do universo materialista e atômico, e irrelevantes para os assuntos humanos. Porque os deuses não estavam interessados nos assuntos humanos, a crença na providência divina era considerada supersticiosa, e os rituais religiosos inúteis. Nós podemos chamá-los de deístas; os estóicos os consideravam ateístas, e eles realmente o eram no sentido prático.

Demócrito tinha ensinado que os átomos se movem em todas as direções através do espaço vazio, e é fácil conceber como eles podem colidir e aderir uns com os outros para formar diferentes combinações de átomos. Contudo, Epícuro introduziu a propriedade do peso aos átomos, e afirmou que eles estavam constantemente caindo através do espaço vazio. Mas isto gerou o problema de como os átomos iriam alguma vez colidir uns com os outros. Epícuro respondeu que enquanto caíam, os átomos iriam de tempo em tempo se desviar do seu caminho de queda em linha reta e colidir com outros átomos. Ele considerava que esta teoria mantinha com sucesso o indeterminismo metafísico, e desta maneira a liberdade humana, que ele desejava em sua filosofia.

Visto que tudo consiste de átomos, até mesmo a mente consiste de átomos, e não há uma alma que transcenda a realidade física. Os átomos que formam uma pessoa são dispersos na morte, e isto comprometeu Epícuro a uma negação da

imortalidade, de modo que escreveu em sua *Carta a Menoeceus*: “Quando a morte é, nós não somos, e quando nós somos, a morte não é”. Visto que não há imortalidade, não pode haver nem uma ressurreição nem um julgamento; portanto, é irracional o homem temer a morte. Embora os deuses em si sejam feitos de átomos, porque eles “vivem em regiões menos turbulentas”,¹² eles não estão sujeitos à dissolução.

Uma vez que não há vida após a morte, o homem deveria desejar somente as coisas desta vida. Para os epicureus, o prazer é o bem maior, e assim, podemos categorizar a teoria ética deles como uma forma de hedonismo. Todavia, o próprio Epícuro se opôs ao hedonismo sensual grosseiro de Aristipo (435-356 a.C), que levou a um movimento chamado de Cirenaísmo, que defendia a prática de prazeres corporais, vivendo pela máxima: “Comamos, bebamos e casemos, pois amanhã poderemos morrer”.

Embora Epícuro concordasse que o prazer é o bem mais elevado do homem, ele fez distinções entre vários tipos de prazeres. As experiências prazerosas podem ser de diferente intensidade e duração. Embora os prazeres corporais possam carregar grande intensidade, eles frequentemente trazem uma medida de sofrimento. Por exemplo, o prazer que alguém obtém por se empanturrar de comida é eliminado pelos efeitos negativos de curto e longo prazo que podem resultar. O mesmo pode ser dito do prazer que alguém pode obter pela promiscuidade sexual.

Portanto, Epícuro promoveu os prazeres da mente, menos intensos, porém seguros e duradouros, tais como uma conversa com um amigo ou a admiração de uma grande obra de arte e literatura. O propósito geral é o de viver uma vida tranqüila. Contudo, visto que a mente não é distinguida do corpo, estamos meramente nos referindo a diferentes tipos de sensações, e não a prazeres mentais como distintos dos físicos. Em todo caso, estudiosos sugerem que na época da visita de Paulo a Atenas, os seguidores de Epícuro tinham adotado o hedonismo sensual grosseiro que o fundador da filosofia deles esforçou-se ao máximo para evitar.

Ao contrário de Demócrito, Epícuro afirmava a confiabilidade das sensações. De acordo com ele, os corpos dos objetos sendo observados se desfazem de películas de átomos que se conformam exatamente à forma do objeto e fazem contato com os átomos da alma do observador. Visto que as películas de átomos vindas dos objetos observados correspondem exatamente ao objeto, as sensações nunca comunicam informações falsas, muito embora ele admitisse que alguém poderia fazer falsos julgamentos baseado em tais sensações.

Para resumir a filosofia dos epicureus, na epistemologia eles eram empiristas, na metafísica deístas, atomistas e indeterministas, na ética hedonistas, e negavam a imortalidade, a ressurreição e o julgamento.

Já que o Epicurismo não é nosso tópico principal, não irei tomar espaço para oferecer uma refutação detalhada desta filosofia em particular, mas podemos mencionar vários pontos. Na epistemologia, tenho apresentado em outros lugares numerosos argumentos e exemplos contra o empirismo; na metafísica, a teoria atômica e o indeterminismo dos epicureus são profundamente arbitrários, e também

¹² Anthony Kenny, *A Brief History of Western Philosophy*; Blackwell Publishers, 2001; p. 85.

insustentáveis por sua epistemologia; na ética, sua teoria não pode ser formulada com base em sua epistemologia, e não há razão autoritativa para pensar que o prazer é o bem maior. E se os epicureus falharam em estabelecer sua visão da metafísica, então sua rejeição da imortalidade, ressurreição e julgamento são também arbitrárias e sem fundamentação.

Outros argumentos contra os detalhes do Epicurismo são mais complicados, e, portanto, devem ser ignorados neste momento. Em todo caso, é especialmente relevante para este estudo notar que, como outras cosmovisões não-cristãs, o Epicurismo é em última instância fundamentado em pura especulação humana. Também, é relevante notar que muitos pontos no Epicurismo são impressionantemente similares em princípio a algumas crenças amplamente mantidas por secularistas contemporâneos, que ainda são incapazes de justificar estas crenças.

A tradição filosófica de Zênon (340-265 a.C.) foi nomeada de Estoicismo porque ele tinha ensinado no Pórtico, ou o *Stoa*. A leitura de um livro sobre Sócrates, acendeu a paixão de Zênon pela filosofia, e isto o levou a se mudar para Atenas. Na sua chegada, ficou sob a proteção do Cínico¹³ Crates. Sua própria filosofia evidenciaria a influência do Cinismo através da sua ênfase na auto-suficiência. Antigos primeiros sucessores de Zenão incluem Cleantes e Crísipo. Panécio de Rodes (118-110 a.C) e Posidônio (130-50 a.C.; instrutor de Cícero) contribuíram para o estabelecimento do Estoicismo em Roma, e o Estoicismo Romano ganhou expressão com Sêneca (4 a.C. – 65 d.C.), Epitecto (50-130), e o imperador Marco Aurélio (121-180). Resumir adequadamente a filosofia estoica em poucos parágrafos é algo irrealista, mas nós devemos fazer tal tentativa sem a pretensão de ser exaustivo.

Provavelmente inspirado por Heráclito (por volta de 530-470 a.C.), os estóicos ensinavam que no princípio não havia nada, mas apenas o fogo eterno, do qual emergiram os elementos que construíram o universo. O mundo seria eventualmente consumido numa conflagração universal e retornaria para o fogo, e assim o ciclo da história iria se repetir eternamente. A visão estoica da história parece excluir a imortalidade individual, ainda que pareça haver visões levemente diferentes neste assunto: “Eles negavam a imortalidade universal e perpétua da alma; alguns supondo que ela era englobada na deidade; outros, que ela sobreviveria apenas até a conflagração final; outros, que a imortalidade era restrita apenas aos sábios e bons”.¹⁴

O fogo divino que permeia todo o mundo é um fogo racional, e o *logos* ou Razão que determina o curso do universo. Algumas pessoas têm a concepção errônea de que pelo fato do Estoicismo afirmar que todos os eventos são determinados pelo Destino, ele nega, portanto, que haja um propósito na história. Contudo, visto que o *logos* deles é um fogo inteligente, o Estoicismo pode de fato afirmar uma visão teleológica do universo. Mas então as pessoas confundem tal visão com o ensinamento bíblico da soberania divina. Isso é desafortunado e desnecessário. Os estóicos eram panteístas, de forma que o *logos* deles não é transcendente, mas

¹³ Nota do tradutor: Segundo o dicionário Aurélio, cinismo é uma “Doutrina e modo de vida dos seguidores dos filósofos socráticos Antístenes de Atenas (444-356 a. C.) e Diógenes de Sínope (413-323 a. C.), fundadores da Escola Cínica, que pregavam a volta à vida em estrita conformidade com a natureza e, por isso, se opunham radicalmente aos valores, aos usos e às regras sociais vigentes”.

¹⁴ Marvin R. Vincent, *Vincent's Word Studies in the New Testament, Vol. 1*; Hendrickson Publishers; p. 539.

imane. De fato, “razão do homem é vista como sendo do mesmo tipo do fogo eterno, o qual permeia a ordem do mundo”,¹⁵ levando Epitecto a afirmar que existe uma “centelha de divindade” dentro de todo o homem. O universo, o homem, e até mesmo os animais são todos parte de Deus, e assim, os estóicos eram panteístas. Isto é completamente oposto à posição bíblica.¹⁶

Visto que o homem está sujeito às forças imanentes do mundo, ele deve viver em harmonia com a natureza. Visto que a Razão permeia e governa o mundo, viver em harmonia com a natureza é viver em conformidade com a racionalidade, e a racionalidade é superior às emoções. Tudo que está fora da razão deveria ser visto com indiferença, seja o prazer, o sofrimento, ou mesmo a morte. Epitecto escreveu que embora o homem não possa controlar os eventos, pode controlar sua atitude para com eles:

Visto que nossos corpos não estão sob o nosso controle, o prazer não é um bem e a dor não é um mal. Há uma famosa história de Epitecto, o escravo. Como seu mestre estava torturando suas pernas, ele disse com grande compostura: “Você certamente irá quebrar minhas pernas”. Quando o osso quebrou, ele continuou no mesmo tom de voz: “Eu não disse que você as quebraria?”. A boa vida, portanto, não consiste de externalidades, mas é um estado interno, uma força da vontade e autocontrole.¹⁷

“O Estoicismo deu origem a uma séria atitude de resignação ao sofrimento, individualismo severo e auto-suficiência social”.¹⁸ Devemos demonstrar autocontrole, auto-suficiência e indiferença emocional em meio às situações da vida. Mas se a vida se torna dura demais, o Estoicismo permite o suicídio.

Os críticos algumas vezes tentam questionar o caráter único do Cristianismo apontando sua aparente similaridade com o Estoicismo. Por exemplo, ambas cosmologias enfatizam a “indiferença” e o controle sobre as emoções. A resposta típica contra isto é frequentemente que o Cristianismo não compartilha de modo algum de tal ênfase, nem mesmo superficialmente, de modo que alguns negariam que o Cristianismo ensina a indiferença e o controle emocional. No entanto, tais ataques e respostas estão ambos enganados, e frequentemente denunciam a falta de entendimento tanto do Estoicismo como do Cristianismo.

Um exemplo vem de Filipenses 4:12, onde Paulo escreve: “Sei o que é passar necessidade e sei o que é ter fartura. Aprendi o segredo de viver contente em toda e qualquer situação, seja bem alimentado, seja com fome, tendo muito, ou passando necessidade”. Superficialmente, os estóicos poderiam ter concordado com essa

¹⁵ Greg L. Bahnsen, *Always Ready*; Covenant Media Foundation, 2000; p. 242.

¹⁶ Os cristãos não deveriam ficar perturbados com o fato dos escritores bíblicos usarem algumas vezes termos empregados pela filosofia não-cristã. Em tais casos, eles nunca pretenderam aceitar a visão pagã das coisas, mas sim usar os mesmos termos para fazer um contraste aparente contra as posições não-cristãs. Exemplos de tais contrastes incluem o uso da palavra *logos* em João 1 e o ensino de Paulo sobre a auto-suficiência em Filipenses 4. Os leitores da Bíblia devem observar como os escritores bíblicos estão usando esses termos, e o que estão dizendo sobre os conceitos associados com esses termos.

¹⁷ Gordon H. Clark, *Ancient Philosophy*; The Trinity Foundation, 1997; p. 308.

¹⁸ Bahnsen, *Always Ready*; p. 243.

afirmação, e a palavra “contente” é na verdade a palavra estoíca para indiferença. As Escrituras não permitem o emocionalismo encorajado por muitos crentes contemporâneos, de quem a opinião neste assunto é formada mais pela psicologia moderna do que pela teologia bíblica, de modo que eles defendem a livre expressão das emoções de alguém sem consideração do ensinamento bíblico sobre o autocontrole e a transformação interior.

No entanto, o verso 13 faz toda a diferença: “Tudo posso naquele que me fortalece”. O Cristianismo na verdade ensina a auto-suficiência espiritual, emocional, e social, sem rejeitar a legitimidade da comunidade; contudo, esta *auto-suficiência* é somente relativa a outros seres humanos, mas não para com Deus, de modo que estamos sempre em necessidade dele. Este versículo indica que o poder interior do cristão está diretamente vinculado a uma afirmação consciente do Cristianismo e da dependência de Deus. Este Deus não é um fogo racional imanente panteísta que é parte do universo, mas uma mente transcendente racional que é distinta e o criador do universo. Deus não está *no* universo; Deus *fez* o universo. Ele é imanente no sentido de que escolhe exercitar seu poder nos assuntos humanos e naturais, mas ele não é parte desta criação, nem está limitado a ela. E ao contrário da filosofia estoíca, não importa quão difícil nossa vida se torne, não há justificativa para cometer o suicídio.

Esta diferença não é superficial, mas fundamental e essencial, visto que é baseada numa visão da metafísica que contradiz a visão estoíca da metafísica. O Cristianismo ensina um Deus que é tanto transcendente como imanente – metafisicamente distante, mas que se torna próximo pelo que faz – que faz distinção entre indivíduos, que regenera a alguns e a outros não, que toma decisões e se comunica eficazmente, e que fortalece seu povo de modo que eles possam vencer o mundo. Os recursos internos do cristão provêm de Deus, que é distinto do próprio cristão, enquanto que os estoícos buscavam alcançar a auto-suficiência absoluta, e não a auto-suficiência relativa do cristão. Nós vencemos o mundo e cumprimos nosso propósito não por nós mesmos, mas pelo poder de Deus, o qual opera poderosamente em nós (Colossenses 1:29). Portanto, embora possa haver similaridades superficiais entre o Estoicismo e o Cristianismo, na realidade estas similaridades tem por detrás de si diferenças fundamentais e irreconciliáveis entre as duas cosmovisões.

Além do que foi afirmado acima, concernente à metafísica e ética deles, os estoícos tinham desenvolvido teorias detalhadas sobre epistemologia, lógica, lingüística e outros assuntos. Concernente à epistemologia, eu não direi nada mais que os estoícos sustentavam uma forma de empirismo, mas, todavia, não a inocente aceitação epicurista das sensações. Em todo o caso, tanto o Epicurismo como o Estoicismo falharam em prover uma epistemologia construtiva que torne possível o conhecimento, todavia, o ceticismo não é uma opção, devido à sua própria incoerência auto-referencial.

Apesar das similaridades superficiais e aparentes que podem confundir um desinformado, o Estoicismo e o Cristianismo são irreconciliáveis e opostos um ao outro concernente a todas as questões últimas sobre um nível fundamental. Na epistemologia os Estoícos eram empiristas, na metafísica panteístas, na ética sustentavam uma visão da razão e virtude muito diferentes do Cristianismo, e negavam a imortalidade, ressurreição e julgamento.

Assim como os epicureus, a filosofia deles é arbitrária, inconsistente, e no fundo é fundamentada sobre a pura especulação humana. Certo escritor pensa que os estóicos têm sua contrapartida contemporânea nos seguidores da Nova Era e nos panteístas.¹⁹ Embora possa entender porque isto possa parecer ser assim, e possa ser verdade em algum sentido, preferiria não me arriscar em levar esta afirmação longe demais. Os partidários de hoje em dia da filosofia da Nova Era e do panteísmo frequentemente não têm desenvolvido teorias da lógica e ética a partir da qual nós podemos fazer comparações com o Estoicismo. Todavia, hoje existem filósofos que reivindicam ter herdado a tradição estóica.²⁰

Levando nossa atenção de volta para Atos 17, é importante ter em mente que a audiência de Paulo não consistia somente de filósofos epicureus e estóicos, embora estes dois grupos sejam referidos pelo nome (v.18), mas a multidão também incluía outras pessoas, provavelmente de varias persuasões filosóficas. O verso 17 diz que Paulo falou sobre o evangelho “na praça principal, todos os dias, *com aqueles que por ali se encontravam*”, e o verso 21 indica que a audiência incluía “os atenienses e estrangeiros”.

Julgando pelo pano de fundo intelectual de Atenas, não seria de se surpreender encontrar representantes do Platonismo, Aristotelismo, Ceticismo, e de outras perspectivas na audiência. Mesmo entre os filósofos epicureus e estóicos, nós podemos estar certos de haver diferenças de opiniões entre eles. Os partidários das várias escolas filosóficas frequentemente têm feito modificações significativas para com as filosofias de seus fundadores, de modo que Frederic Howe está justificado em dizer que há um “espectro muito amplo de perspectivas presentes”.²¹

Pelo fato do público consistir de pessoas representando tradições filosóficas diferentes, nem todos os pontos do discurso de Paulo irá se aplicar igualmente a cada ouvinte. Por exemplo, embora Paulo apele para a idolatria implacável de Atenas e ao altar para um deus desconhecido, como ponto de partida para o seu discurso, os próprios filósofos epicureus tinham desejado remover do pensamento humano o que percebiam ser uma devoção supersticiosa para com os deuses. Por esta razão, Lucrécio rejeitou o apelo dos atenienses ao “deus desconhecido.” Todavia, a escolha de Paulo deste ponto de partida para seu discurso é apropriada. Como Howe escreve: “Sem dúvida o grupo *predominante* de ouvintes incluía curiosos e aqueles que gostavam de ouvir as trocas de idéias frequentemente lá apresentadas”.²²

Portanto, nós devemos ter em mente que Paulo está se dirigindo a um grupo diversificado de pessoas com filosofias e perspectivas diversas. Segue-se que não deveríamos esperar que todos os detalhes de seu discurso se apliquem igualmente a todas as pessoas na audiência. Contudo, o principal ponto deste estudo, e com ele vem um discernimento importante para a apologética, é que antes dele ter terminado, Paulo teria ofendido e contradito a todos não-cristãos presentes – não meramente com desacordos superficiais, mas no nível mais fundamental e em todos os principais assuntos filosóficos.

¹⁹ *Life Application Bible Commentary: Acts*; Tyndale House Publishers, Inc., 1999; p. 300.

²⁰ Lawrence C. Becker, *A New Stoicism*; Princeton University Press, 1999.

²¹ Frederic R. Howe, *Challenge and Response*; Zondervan Publishing House, 1982; p. 41.

²² *Ibid.*, p. 41.

O versículo 18 diz que os filósofos *disputavam* com Paulo. Contrário do que isso implica, alguns estudiosos interpretam o episódio do Areópago como uma exemplificação do uso de Paulo de uma filosofia de “terreno comum” que sua fé cristã tinha com os filósofos. John Sanders escreve o seguinte:

Interessantemente, Paulo não se refere ao Antigo Testamento em seu discurso. Ele cita apenas poetas pagãos e usa as idéias e vocabulário da filosofia grega na sua tentativa de alcançar estas pessoas. Todavia, todos os pontos de Paulo podem ser encontrados no Antigo Testamento, porque existem afinidades entre a revelação geral e especial.²³

Este comentário de Sanders denuncia seu entendimento deplorável tanto da filosofia grega como da teologia cristã, uma má compreensão da intenção de Lucas nesta passagem, e uma capacidade de raciocínio incrivelmente pequena.

Embora seja verdade que Paulo usa citações de poetas gregos em seu discurso (v.28), isto não significa que ele necessariamente concorde com o que eles dizem. Neste exato momento, eu estou fazendo uma citação de Sanders, mas estou fazendo isto apenas para denunciar o seu erro, fazendo dele um exemplo inferior de erudição. Igualmente, Paulo cita os poetas não para expressar estar de acordo, mas para um outro propósito. Nós teremos mais a dizer sobre isto quando discutirmos o versículo 29, onde ele cita os poetas gregos. O uso do “vocabulário da filosofia Grega” não demonstra concordância com a filosofia grega, assim como eu posso utilizar o vocabulário da ciência evolucionista para ilustrar como a teologia cristã se opõe à evolução. Ou, eu posso me referir às categorias de pensamento que interessam ao psicólogo secular, apenas para ilustrar a oposição bíblica contra a psicologia não-cristã, enchendo-as com o conteúdo cristão.

Quanto ao uso das “idéias... da filosofia grega”, eu concordo que Paulo se referiu às categorias de pensamento e às questões últimas que interessavam aos filósofos, mas ele as encheu de conteúdo cristão em *oposição* às suas filosofias. A própria Bíblia discute diretamente estas questões, de modo que quando Paulo usa os termos filosóficos e os enche com conteúdo bíblico, ele está fazendo o contrário do que Sanders alega. Em primeiro lugar, quem disse que tais idéias e categorias se originaram com os filósofos gregos e a eles pertencem? Minha posição é que os eruditos não-cristãos roubam e distorcem as idéias e categorias que se originaram em Deus e a ele pertencem, reveladas a nós por nosso conhecimento inato e pela revelação bíblica. Que os não-cristãos compartilham de algumas destas idéias e categorias ilustram apenas sua culpabilidade, pois têm distorcido e suprimido o verdadeiro conhecimento de Deus, de modo que todos eles são indesculpáveis e estão sob condenação divina.

Sanders escreve: “Paulo não se refere ao Antigo Testamento em seu discurso... todavia, todos os pontos de Paulo podem ser encontrados no Antigo Testamento”. Seu pensamento parece ser que ao invés de citar a partir do Antigo Testamento, Paulo cita a partir dos poetas gregos (que refletem a filosofia grega), todavia, seus pontos são

²³ John Sanders, editor; *What About Those Who Have Never Heard?*; InterVarsity Press, 1995; p. 41.

encontrados no Antigo Testamento; portanto, a filosofia grega concorda com o Antigo Testamento (pelo menos em alguns pontos essenciais). Contudo, raciocinar desta forma é falacioso.

Pelo contrário, ao ler a mesma sentença, eu diria o seguinte: Todos os pontos de Paulo são encontrados no Antigo Testamento, portanto, ele está falando a partir do Antigo Testamento, mesmo não o citando diretamente, mostrando assim que ele confronta a especulação humana com a revelação bíblica. Todos os pontos de Paulo são *encontrados no Antigo Testamento* porque todos os pontos são *tirados do Antigo Testamento*. Quanto aos poetas gregos, ele os cita para mostrar como eles não poderiam suprimir o conhecimento inato do Deus verdadeiro, mesmo que eles tivessem distorcido sua revelação geral ao ponto que tal conhecimento servia somente para condená-los, sem conduzi-los para mais perto de Deus. Além disto, este conhecimento inescapável de Deus contradiz as filosofias explícitas deles em todas as principais categorias de pensamento, ilustrando assim que a conversão demandaria deles um arrependimento profundo, de forma que eles deveriam se voltar dos seus pensamentos e especulações fúteis. Outra possibilidade é que as citações não concordem de forma alguma com o Antigo Testamento, mas Paulo as cita apenas para expor como a filosofia grega é auto-contraditória. Neste discurso particular, iremos ver por qual razão exatamente ele cita os poetas gregos quando chegarmos ao versículo 28.

Este entendimento geral do discurso de Paulo está de acordo com o que o próprio apóstolo escreve em Romanos 1:18-32; portanto, nós temos uma base bíblica para tal interpretação. Por outro lado, baseado em que Sanders afirma sua interpretação? Carecendo de uma justificativa bíblica, parece que sua base consiste de pouco mais do que seu desejo em fazer os pensamentos cristãos e não-cristãos menos discordantes. Mas de acordo com as Escrituras, este é um desejo ignóbil e pecaminoso. De fato, alguns estudiosos são tão preconceituosos que eles reivindicam que Atos 17 *contradiz* Romanos 1! Essa é uma razão suficiente para a excomunicação deles. Para aqueles que afirmam a infalibilidade bíblica, o fato de estes estudiosos acreditarem que Atos 17 *contradiz* Romanos 1, ou qualquer outra parte da Bíblia, é em si mesmo uma refutação de suas posições. As duas passagens só irão parecer contraditórias uma vez que forçarmos Atos 17 dizer o que não diz, e obviamente, se fizer isto, você pode fazer com que quaisquer duas passagens contradigam uma à outra.

Por outro lado, a interpretação correta reconhece que Atos 17 *ilustra* Romanos 1. É claro que é verdade que, nas palavras de Sanders, “existem afinidades entre a revelação geral e especial”, mas Sanders traça uma conclusão diferente da do apóstolo Paulo. Sanders acha que porque “existem afinidades entre a revelação geral e especial”, os pensamentos cristão e não-cristão contêm, portanto, concordância substancial. Contudo, este é o ponto oposto ao que Paulo faz em Romanos 1, onde o apóstolo afirma que visto que Deus tem feito a si mesmo claro a todos pela revelação geral (v.19), portanto aqueles que suprimem a inescapável verdade sobre Deus fazem isso por impiedade (v.18), e são deixados indesculpáveis (v.20). Isto é, as filosofias pagãs não concordam com a revelação geral, e esta é uma razão porque Deus as condena.

É porque as filosofias não-cristãs *discordam* da revelação especial, enquanto *elas deveriam concordar* com a revelação especial se refletissem corretamente a revelação geral, que Deus os responsabiliza de “ignorância” culpável. Em outras palavras, Deus tem apresentado informação suficiente sobre si mesmo através do conhecimento inato do homem e do mundo criado, de forma que os não-cristãos *deveriam* concordar com a revelação especial (a Escritura), mas os não-cristãos de fato *não* concordam com a revelação especial, e, portanto, nenhum deles pode escapar da condenação. Sanders afirma uma posição que subverte a intenção de Romanos 1 e Atos 17; isto é, se ele está correto sobre Atos 17, ele faria Romanos 1 não ter sentido. Por outro lado, podemos afirmar que Romanos 1 nos ajuda a dar sentido para Atos 17.

Um outro assunto importante é encontrar qual interpretação o próprio Lucas favorece. Através de toda a passagem encontramos uma ênfase sobre o desacordo entre Paulo e os atenienses ao invés de um acordo meramente incompleto entre eles. Lucas e Paulo não dão em nenhum lugar qualquer indicação de que os filósofos estavam “no caminho certo”.²⁴ Pelo contrário, Lucas apresenta os filósofos mostrando que eles “*disputavam* com [Paulo]”, e enfatizando como eles interpretavam incorretamente e insultavam o apóstolo. Frederic Howe observa corretamente que o discurso de Paulo enfatizou a ignorância dos atenienses, e não o fato de que Paulo achava que eles estavam indo bem.²⁵

Estaremos mostrando desacordos adicionais entre Paulo e os filósofos ao continuarmos este estudo, mas o que já foi exposto acima é suficiente para desacreditar a interpretação do discurso no Areópago como sendo uma ilustração de como existe um “terreno comum” substancial entre o pensamento cristão e o não-cristão. Os sermões e cartas dos apóstolos em geral, e esta passagem em particular, não dão suporte a esta perspectiva de “terreno comum.” Os próprios filósofos disputavam com Paulo, e Paulo por sua vez enfatizava a ignorância deles. Parece que são os próprios intérpretes que querem descobrir e enfatizar este terreno comum inexistente com os incrédulos, e negligenciando uma erudição apropriada, eles têm imposto tal visão sobre este texto e outras passagens bíblicas relevantes.²⁶

Má compreensão e depreciação caracterizaram a reação dos filósofos para com a apresentação inicial do evangelho por Paulo. Embora seja provável que eles fizeram outros comentários, Lucas especificamente registrou apenas dois. Uma declaração implica que eles tinham compreendido erroneamente elementos chaves na apresentação do apóstolo, e a outra é pretendida como um insulto contra sua competência intelectual.

Alguns dos filósofos observam que Paulo parece estar “anunciando deuses estrangeiros” – ou seja, mais de um. Lucas explica: “Pois Paulo estava pregando as boas novas a respeito de *Jesus* e da *ressurreição*”. Eles podem ter entendido “Jesus”

²⁴ Ibid., p. 41.

²⁵ Howe, *Challenge and Response*; p. 42.

²⁶ O verdadeiro terreno comum que o cristão tem com o não-cristão é que ambos foram criados à imagem de Deus. Contudo, o não-cristão suprime e nega esse terreno comum em sua filosofia explícita. Portanto, em termos das nossas filosofias explícitas, não há nenhum terreno comum entre o cristão e o não-cristão. Mas o conhecimento de Deus é inescapável, e aparece de forma distorcida em vários pontos da filosofia não-cristã. Assim, o cristão argumenta que o não-cristão já conhece algo sobre o verdadeiro Deus e nega isso, o que significa que o não-cristão não tem escusa e está sujeito à condenação.

como o poder personificado da Cura, visto que o nome em grego significa algo parecido com isto, e “ressurreição” (*anastasis*) como a deusa da Restauração. Os gregos tinham erigido altares para princípios abstratos como Modéstia e Piedade, e então, não é de surpreender que eles poderiam ter compreendido erroneamente o apóstolo desta maneira. Visto que “Jesus” está no masculino e “ressurreição” no feminino, eles poderiam também ter interpretado erroneamente Paulo como que introduzindo um novo casal de divindades.

Podemos ver imediatamente como as pressuposições dos não-cristãos distorcem como eles interpretam as informações sobre o verdadeiro Deus, quando apresentadas a eles. De acordo com a Bíblia, o homem não-regenerado adota as pressuposições não-cristãs como um ato de rebelião pecaminosa contra Deus, e estas pressuposições por sua vez reforçam sua habitual negação de Deus nos seus pensamentos pela distorção e supressão da informação sobre Deus, apresentadas a eles através da revelação geral (o mundo criado e as idéias inatas) e a revelação especial (a Escritura).

As pressuposições dos atenienses não-cristãos, e a resultante má compreensão com relação à mensagem do evangelho, deu aos ouvintes um atraso temporário em ter de confrontar a verdade sobre Deus, mesmo quando apresentada diretamente a eles. O mesmo problema existe quanto pregamos para os não-cristãos de hoje. Seus antecedentes intelectuais de descrente têm condicionado suas mentes para distorcer e rejeitar a mensagem cristã, de modo que mesmo em sociedades onde as informações bíblicas parecem estar relativamente impregnadas, concepções errôneas sobre o que as Escrituras realmente ensinam e sobre o que o Cristianismo realmente afirma continuam difundidas.

Não devemos permitir que os não-cristãos continuem ouvindo ou assumindo uma falsa representação da fé cristã, e então se considerarem justificados em rejeitar o Cristianismo por encontrar defeitos nesta falsa representação. Portanto, devemos nos empenhar em apresentar a fé com precisão, e continuar a corrigir as concepções erradas dos outros com relação àquilo que cremos. Embora um mau entendimento possa ser formado rapidamente, frequentemente eles são obstinados e difíceis de mudar. Como um apóstolo, sem dúvida Paulo apresentou o evangelho claramente e precisamente, mas permanece o fato de que a reação inicial dos filósofos denuncia a falha deles em absorver alguns pontos básicos em sua mensagem. Quanto mais nós, então, devemos compartilhar do desejo do apóstolo, que escreve aos colossenses: “Orem para que eu possa manifestá-lo abertamente, como me cumpre fazê-lo” (Colossenses 4:4).

Enquanto alguns filósofos falhavam em entender a mensagem de Paulo, outros faziam observações insultantes sobre ele, perguntando: “O que está tentando dizer esse tagarela?”. A palavra “tagarela” vem do grego *spermologos*. Visto que *sperma* significa semente e *legō* significa colher, a palavra literalmente significa “colhedor de sementes” ou “conduto de pardais”. Ela tinha sido usada para descrever os mendigos que colhiam as migalhas de comida no mercado, e então se tornou uma gíria ateniense se referindo àqueles “que tinham obtido meras migalhas de conhecimento”.²⁷ E é neste último sentido que os filósofos usaram esta palavra para falar sobre Paulo – um

²⁷ Marshall, *Acts*; p. 284.

insulto que transmite uma “ridicularização extrema”.²⁸ Há um paralelo em Shakespeare:

O companheiro colhe inteligência como ervilhas de pombo
 E expressa novamente quando Júpiter quer
 Ele está com o mascate e vende suas mercadorias
 Ao despertar, e festejar, nas reuniões e nas feiras de mercado.²⁹

Não importa o que os críticos digam, não é realmente o conhecimento de Paulo que está em questão, mas o conteúdo da sua mensagem. Embora nesta ocasião os filósofos depreciem o conhecimento de Paulo *por causa do* que ele diz, em outra ocasião Festo culpa o grande conhecimento do apóstolo *para explicar* o que ele diz! Festo diz: “Você está louco, Paulo! As muitas letras o estão levando à loucura!” (Atos 26.24). E então, qual é o caso? Paulo de fato tinha uma vasta educação, mas os incrédulos sempre irão encontrar coisas para criticar, não importa quais credenciais tenhamos. A raiz da hostilidade deles é a rebelião pecaminosa contra Deus.

Eles chamam o apóstolo de coletor de migalhas de conhecimento, mas Lucas observa: “Todos os atenienses e estrangeiros que ali viviam não se preocupavam com outra coisa senão falar ou ouvir as últimas novidades” (Atos 17:21). As crenças de Paulo vinham de Deus, que revela a si mesmo através dos profetas e dos apóstolos. Com base na revelação, Paulo fala a partir de uma posição de conhecimento, e não está buscando ouvir alguma coisa nova. Por outro lado, com toda sua especulação, os filósofos não puderam escolher a verdade, e são eles quem acabaram como coletores de migalhas de conhecimento. Como os incrédulos de hoje, os atenienses eram “cabeça-aberta”, pois eram ignorantes da verdade, mas é claro, muitos deles rapidamente se tornaram cabeça-fechada quando confrontados com a verdade exclusiva do Cristianismo.

A.T. Robertson escreve: “[Paulo] era o verdadeiro filósofo mestre e estes epicureus e estóicos eram charlatões. Paulo tinha a única filosofia verdadeira do universo e da vida com Jesus Cristo como o centro (Colossenses 1:21-20), o maior de todos os filósofos, como Ramsay justamente o chama”.³⁰ Eu estou muito contente por Robertson incluir esta observação, visto que muitos cristãos hoje nem se quer considerariam Paulo como um intelectual, para não dizer “filósofo mestre”. Mas Paulo era um tipo diferente de filósofo, pois sua filosofia não era fundamentada em especulação humana, mas na divina revelação, de forma que Cristo era o centro ou o fundamento de sua filosofia. Esta é uma excelente perspectiva sobre Paulo, embora muito incomum, e muitos cristãos de hoje são resistentes a ela. Os cristãos antiintelectuais insistiriam que Paulo não era um filósofo, nem estava interessado em debates filosóficos. Eles prefeririam fazer de Paulo um místico a um intelectual.

Os cristãos de hoje se embaraçam rapidamente com os desafios intelectuais lançados pelos incrédulos. Embora não sejamos divinamente inspirados como os profetas e os apóstolos, se dependermos completamente da revelação das Escrituras, iremos de fato ser os filósofos mestres deste mundo. Porque nós temos a revelação como o fundamento da nossa filosofia, os incrédulos não estão de fato competindo

²⁸ Robertson, *Word Pictures*, Vol. 3; p. 281.

²⁹ *Love's Labor's Lost*, v., 2. See Vincent, *Word Studies*, Vol. 1; p. 540.

³⁰ Robertson, *Word Pictures*, Vol. 3; p. 282.

contra nossa própria sabedoria, mas com a do próprio Deus. Assim, se aprendermos a aplicar a divina revelação com habilidade quando respondendo aos desafios deles, não pode haver contestação real, mas seremos capazes de destruir todo argumento incrédulo, e embaraçar os opositores.

Os não-cristãos prezam a idéia de que eles são sábios, e eles encontram segurança na idéia de que os cristãos são irracionais. O apologista bíblico despedaça estas ilusões, e mostra a eles a verdadeira condição, de que eles são pecadores, ignorantes e que são os charlatães intelectuais deste mundo. A única esperança deles está em Cristo, mas visto que a alegada autonomia deles é inexistente, até mesmo o ter fé em Cristo não depende deles em última instância, mas repousa sobre a soberana misericórdia de Deus somente.

v. 19-20

Os versículos 19 e 20 dizem que Paulo foi então levado ao Areópago, onde lhe pediram que explicasse suas doutrinas: “Então o levaram a uma reunião do Areópago, onde lhe perguntaram: ‘Podemos saber que novo ensino é esse que você está anunciando? Você está nos apresentando algumas idéias estranhas, e queremos saber o que elas significam’”.

O Areópago, ou a Colina de Marte, recebeu seu nome de um relato mitológico do julgamento de Marte pelo assassinato do filho de Netuno. A Corte do Areópago (ou “o Areópago”) era um concílio consistindo de provavelmente cerca de trinta aristocráticos atenienses, e exercia jurisdição sobre questões de religião e educação. No tempo de Paulo, o Areópago provavelmente se reunia na própria colina somente para ouvir casos de homicídios. Reuniões ordinárias eram realizadas no Pórtico Real (*stoa basileios*), localizado no extremo noroeste do Agora, o mercado em Atenas.

Sócrates (470-399 a.C.) foi denunciado e condenado por esse concílio centenas de anos antes. Embora no tempo do domínio Romano a autoridade do concílio tinha sido grandemente reduzida, ele ainda era a instituição judicial principal, e tinha o poder para censurar e calar novos oradores, ou para conceder-lhes liberdade para ensinar. Cícero uma vez induziu o Areópago a convidar um filósofo para discursar em Atenas. Assim, o concílio exercia certo controle sobre a circulação de idéias dentro da cidade, e tinha autoridade para conceder ou reter licenças para ensino.

Um tema importante que Lucas persegue no Livro de Atos é que Paulo era frequentemente trazido diante de uma corte, mas que isso nunca tinha resultado num veredicto de culpado contra ele. Aqui Paulo é uma vez mais trazido diante de uma corte para ser examinado, e é provável que Lucas pretenda que o episódio do Areópago seja outro exemplo de Paulo aparecendo diante de uma corte sem resultar num veredicto de culpado. Embora para Lucas a sentença traduzida como “[eles] o levaram” (v. 19) na maioria dos casos não significa agarrar e arrastar alguém (16:19; 18:17; 21:30), ela nem sempre foi usada dessa forma (9:27; 23:19).

O contexto parece mostrar que Paulo não foi arrastado em Atenas, mas ele foi solicitado a aparecer diante do Areópago, ou para receber uma oportunidade de expor sua própria filosofia, ou para o propósito de determinarem se ele receberia a permissão de propagar as suas idéias na cidade ou não: “Podemos saber que novo

ensino é esse que você está anunciando? Você está nos apresentando algumas idéias estranhas, e queremos saber o que elas significam’. Todos os atenienses e estrangeiros que ali viviam não se preocupavam com outra coisa senão falar ou ouvir as últimas novidades” (Atos 17:19-21). Acusações formais provavelmente podem ter sido trazidas contra Paulo, mas no final o concílio não tomou nenhuma ação legal contra ele (v. 33).

v. 22-23

Paulo não começa seu discurso estabelecendo o que muitos consideram ser o “terreno comum” com os incrédulos; antes, ele começa ressaltando a ignorância deles. Ele diz: “Atenienses! Vejo que em todos os aspectos vocês são muito religiosos, pois, andando pela cidade, observei cuidadosamente seus objetos de culto e encontrei até um altar com esta inscrição: AO DEUS DESCONHECIDO. Ora, o que vocês adoram, apesar de não conhecerem, eu lhes anuncio” (Atos 17:22-23). É importante entender corretamente a intenção de Paulo aqui, visto que isso afetará como interpretaremos o restante do discurso. Todavia, o restante dos versículos neste discurso tem seus significados necessários, de forma que o falso entendimento usual destes dois versículos provará ser inconsistente com alguns pontos cruciais nos versículos subseqüentes.

A palavra traduzida como “religiosos” pode ter tanto um bom sentido, como em “piedosos”, como um mau sentido, como em “supersticiosos”. Certo comentário diz: “Alguns sugerem que a declaração de Paulo era depreciativa em vez de lisonjeira, mas o último sentido é provavelmente o caso”.³¹ Então ele continua: “Ele escolhe um ponto de partida, um lugar onde eles podiam concordam, ao invés de começar com suas diferenças”. Se isto for dado como uma razão pela qual deveríamos crer que a palavra “religiosos” é usada num sentido positivo aqui, então ela é um argumento circular, visto que se a palavra é usada num sentido negativo, então Paulo de fato está começado seu discurso enfatizando suas diferenças.

O mesmo comentário então se contradiz ao dizer: “O termo traduzido como ‘muito religiosos’, contudo, é uma combinação das palavras gregas *deido* (temer ou reverenciar) e *daimon* (espíritos maus), que podem conter uma repreensão sutil concernente às realidades espirituais por detrás da religião deles”. Mas se esta é uma repreensão (sutil ou não) dirigida contra as próprias “realidades por detrás da religião deles”, então Paulo não está escolhendo “um lugar onde eles podiam concordam” como seu ponto de partida. Assim, Paulo está começando com sua concordância com eles (se é que ele concorda com eles sobre algo), ou ele está começando com uma repreensão sobre a religião deles? Qual dos dois?

O comentário se contradiz quando diz que Paulo começa seu discurso a partir de um lugar de concordância com seus ouvintes, e então dá meia volta e diz que Paulo começa com uma repreensão sobre as próprias realidades da religião deles. Mas ele comete um erro factual sobre o último ponto, visto que embora *daimon* seja a palavra a partir da qual derivamos a palavra portuguesa *demônios*, ela não significa necessariamente os espíritos maus mencionados frequentemente nos Evangelhos.

³¹ *Life Application Bible Commentary: Acts*; p. 301.

Antes, Robertson está correto quando diz que a própria *deisidaimon* pode ser “uma palavra neutra”, com *daimon* significando a idéia de “deidade”.³²

Mas então Robertson comete seu próprio erro, e diz: “Parece improvável que Paulo desse um tapa na cara dessa audiência logo de início”.³³ Esta questão é novamente um argumento circular. Se a palavra é usada num sentido negativo, então é evidente que Paulo deveria dar “um tapa na cara desta audiência logo de início”. Por que ele não poderia começar com um insulto, ou enfatizando as diferenças? Marvin Vincent escreve: “É improvável que Paulo começaria seu discurso com uma acusação que teria despertado a ira da sua audiência”.³⁴ “Improvável” de acordo com o que? Eles estão dizendo que esta declaração não pode ser um insulto porque Paulo não teria começado com um insulto. Mas por que não?

Se esta declaração é um insulto, então sabemos que Paulo de fato poderia ter começado com um insulto. Mas os comentaristas rejeitam esta possibilidade sem derivar a interpretação deles a partir desta declaração ou outros versículos. É muito desapontador e frustrante ler tal afirmação arbitrária nos comentários sem ninguém dar uma razão pela qual Paulo não poderia começar com um insulto. A menos que estes estudiosos nos dêem uma razão para esta afirmação, eles estão impondo sobre o versículo a visão arbitrária deles do que Paulo poderia ou não poderia ter feito.

I. Howard Marshall da mesma forma afirma: “Paulo começa elogiando os atenienses por serem *muito religiosos... É mais provável que Paulo usou a palavra num sentido bom, para fornecer uma forma de engajar a atenção da audiência em seu discurso*”.³⁵ Absurdo! Ele quer dizer que Paulo teria perdido a atenção da audiência se ele tivesse começado com um insulto? Se o apóstolo tivesse começado com um insulto ou repreensão clara, a audiência provavelmente teria prestado muito mais atenção ao que ele estava dizendo. De qualquer forma, não temos direito de simplesmente assumir. Então, Marshall mina o seu próprio caso com a seguinte admissão: “Todavia, Lucas também usa o pronome correspondente no que é talvez um sentido levemente depreciativo em 25:19, e é provável que ele pretendesse que seus ouvintes percebessem a ironia da situação (cf. versículo 16). Por causa de toda a sua religiosidade, os atenienses eram na realidade completamente supersticiosos e carentes de conhecimento do verdadeiro Deus”.

Assim, a declaração de Paulo ainda é um elogio? Quando Marshall diz que Paulo está “elogiando os atenienses”, ele dá uma razão não-bíblica, uma que é baseada na própria suposição de Marshall sobre a melhor estratégia retórica para a situação. Mas quando ele diz que a declaração de Paulo pode de fato estar dizendo que os atenienses eram “completamente supersticiosos e carentes de conhecimento”, ele usa um argumento bíblico. Marshall está suprimindo a evidência bíblica *que ele conhece* para render-se ao seu próprio preconceito sobre o que Paulo deveria fazer nesta situação.

David J. Williams, por outro lado, parece estar mais próximo da verdade do que os comentaristas acima: “Talvez Paulo tenha escolhido deliberadamente uma

³² Robertson, *Word Pictures*, Vol. 3; p. 284.

³³ *Ibid.*, p. 285.

³⁴ Vincent, *Word Studies*, Vol. 1; p. 543.

³⁵ Marshall, *Acts*; p. 285.

palavra agradavelmente ambígua, a fim de não ofender seus ouvintes enquanto, ao mesmo tempo, expressasse para sua própria satisfação o que ele pensava sobre a religião deles. Eles logo aprenderiam qual era realmente sua opinião”.³⁶ Afirmar sem boa razão que Paulo estava tentando não ofender seus ouvintes é novamente um argumento circular, visto que se Paulo pretendesse expressar um insulto pela palavra, então ele também pretendia ofender seus ouvintes. Contudo, Williams é sábio ao adicionar “talvez” antes de seu comentário. Mesmo que Paulo pretendesse preservar a ambigüidade inerente no termo, se Paulo fosse pelo menos verdadeiro e competente, de forma que ele use as palavras corretas para expressar seus pensamentos, podemos estar seguros que a palavra em questão é pelo menos eficaz em “expressar *para sua própria satisfação* o que ele pensava da religião deles”.

Visto que Paulo logo contradiria as religiões e filosofias dos seus ouvintes em todo ponto principal, ou como Williams declara, “eles logo aprenderiam qual era realmente sua opinião”, isto sugere que Paulo usa o termo num sentido negativo, expressando verdadeiramente sua opinião, embora estivesse ciente de que seria suficientemente ambíguo, de forma que seus ouvintes não poderiam estar certos se o termo pretendia transmitir um insulto ou repreensão. Conrad Gempf concorda: “Paulo usava frases muito cautelosas e ambíguas, e, sob reflexão, até mesmo sua introdução torna-se um ataque velado”.³⁷ É possível que Paulo estivesse dizendo que seus ouvintes estavam muito envolvidos em questões religiosas, sem declarar se isto era bom ou ruim. Certamente, se isso era bom ou ruim dependia de se as crenças religiosas deles eram verdadeiras ou falsas, e veremos que Paulo pensa que elas eram falsas. Em todo caso, uma exposição do versículo 23 ilustrará que Paulo não pretende usar “muito religiosos” como um elogio, mesmo que não pretendesse dizer algo tão claramente negativo como “muito supersticiosos”.

Para ilustrar o que ele tinha dito, Paulo continua: “pois, andando pela cidade, observei cuidadosamente seus objetos de culto e encontrei até um altar com esta inscrição: AO DEUS DESCONHECIDO. Ora, o que vocês adoram, apesar de não conhecerem, eu lhes anuncio” (v. 23). Imediatamente Paulo contrasta a ignorância deles com o seu conhecimento. Em termos filosóficos, ele começa seu discurso reivindicando uma epistemologia superior. Visto que o que está registrado em Atos 17 é provavelmente uma versão condensada do que Paulo pregou em Atenas, como é o caso com outros discursos na Bíblia, podemos olhar para o que Paulo escreveu em outros lugares para entender o seu discurso no Areópago.

Como mencionado anteriormente, havia muitas estátuas e altares em Atenas, mas Paulo encontra um altar especialmente apropriado para usar como seu ponto de partida em seu discurso. Isto é, havia um altar dedicado “ao deus desconhecido”. A Bíblia de Jerusalém traduz a declaração de Paulo da seguinte forma: “Bem, o Deus a quem eu proclamo é de fato aquele a quem vocês já adoram sem conhecê-lo”. Mas é um erro grave entender o que Paulo diz desta maneira e traduzir o versículo assim.

Os atenienses tinham erigido altares aos “deuses desconhecidos” para assegurar que nenhuma deidade fosse deixada de lado na adoração deles. Eles não tinham nenhuma idéia definida de quem ou o que estas deidades poderiam ser, nem

³⁶ Williams, *Acts*; p. 304.

³⁷ *New Bible Commentary: 21st Century Edition*; InterVarsity Press, 2000; p. 1093.

tinham qualquer informação definida sobre elas. Agora, se alguém fosse dizer, “eu sou um adorador de Zeus, mas por via das dúvidas de haver alguns outros deuses, eu os reconheço também”, o Deus verdadeiro do Cristianismo não aceitaria isso como adoração. Assim, nem Paulo pode estar admitindo que os atenienses estavam adorando o Deus do Cristianismo, e que eles precisavam meramente conhecer mais sobre ele.

Antes, o ponto é que eles não conheciam o verdadeiro Deus de forma alguma. Eles podiam perceber que talvez houvesse uma existência divina além e diferente daquela que estavam adorando, e assim construírem altares para estes “deuses desconhecido” apenas como uma medida de segurança. Mas ninguém pode concluir a partir disso que eles estavam adorando o Deus do Cristianismo. De fato, o ponto é que eles *não* estavam adorando o Deus do Cristianismo. Os altares deles aos “deuses desconhecidos” meramente constituía uma confissão de ignorância, e a declaração de Paulo pretende explorar esta confissão sem admitir alguma coisa positiva sobre o presente modo de adoração deles.

Este entendimento concorda com o que Paulo diz em Romanos 1, onde ensina que embora os adoradores pagãos já possuam um conhecimento inato do verdadeiro Deus, eles suprimem e distorcem a verdade sobre ele em sua filosofia explícita, resultando em todos os tipos de adoração idólatra e práticas pecaminosas. Um altar ao “deus desconhecido” é apenas mais um exemplo. O pecado cegou os olhos espirituais de todo ser humano, de forma que a menos que Deus se revele através da revelação especial, o homem não pode conhecê-lo corretamente.

Obtemos informação adicional a partir de 1Coríntios 1:21, que diz : “Visto que, na sabedoria de Deus, o mundo não o conheceu por meio da sabedoria humana, agradou a Deus salvar aqueles que crêem por meio da loucura da pregação”. Paulo diz: “o mundo não o conheceu por meio da *sabedoria humana*”. O verdadeiro Deus é como a Escritura o revela, mas os não-cristãos falham em obter conhecimento explícito sobre este verdadeiro Deus pela epistemologia não-cristã deles.

Gordon Fee coloca isso da seguinte maneira: “Como ele elaboraria em Romanos 1:18-31, deixados por si sós, as meras criaturas não podem encontrar o Deus vivo. O melhor que eles podem fazer é criar deuses à semelhança das coisas criadas, ou, como acontece frequentemente, à própria semelhança distorcida deles”.³⁸ Visto que tanto 1 Coríntios 1 quanto Romanos 1 começam enfatizando o fracasso da filosofia não-cristã para chegar à verdade sobre Deus, a interpretação mais natural do início do discurso de Paulo no Areópago é que ele também está enfatizando a impotência intelectual da filosofia não-cristã. Dizer que Paulo reconhece que os atenienses já estavam adorando o verdadeiro Deus sem conhecê-lo faria o apóstolo contradizer sua própria posição declarada em 1 Coríntios e Romanos 1.

Portanto, podemos concordar com os seguintes comentários sobre o início do discurso no Areópago:

³⁸ Gordon D. Fee, *The New International Commentary on the New Testament: The First Epistle to the Corinthians*; William B. Eerdmans Publishing, 1987; p. 72.

Certamente não havia nenhuma relação entre este deus e o Deus a quem ele proclamava. Ele não estava sugerindo por nenhum momento que eles eram adoradores inconscientes do verdadeiro Deus, mas estava simplesmente buscando uma forma de responder com eles a pergunta básica da teologia: Quem é Deus? (David J. Williams)³⁹

Sob estas circunstâncias uma alusão a um destes altares pelo apóstolo seria equivalente a dizer aos atenienses assim: “Vocês estão corretos em reconhecer uma existência divina além dos ritos ordinários da sua adoração reconhecida; há tal existência. Vocês estão corretos em confessar que este Ser é desconhecido para vocês; vocês não têm nenhuma concepção de sua natureza e perfeições. (Marvin R. Vincent)⁴⁰

Parece que para alguns leitores ele estava dizendo que estes pagãos estavam agindo bem – que, em sua ignorância, eles estavam adorando o Deus certo durante todo o tempo e não sabiam. Isto está, contudo, muito longe da intenção [de Paulo]... Em segundo lugar, a tradução é enganosa. A ênfase na sentença não é sobre a identidade do “deus desconhecido”, mas sobre a ignorância da adoração. Paulo, na cidade dos “amantes da sabedoria”, se focou sobre a ignorância que eles admitiram sobre a identidade de Deus. (Conrad Gempf)⁴¹

O princípio vital aqui é que o ponto de contato para a declaração de esclarecimento de Paulo *não* era um conhecimento comum do verdadeiro Deus da Escritura, que estes ouvintes foram encorajados a descobrir, como se dissesse que durante todo o tempo eles estavam adorando o Deus verdadeiro. Longe disso! O princípio real de Paulo é que a ignorância reconhecida deles devia receber uma informação correta! É a ignorância deles que está sendo enfatizada, e não a adoração. (Frederic R. Howe)⁴²

Em outras palavras, a única coisa que Paulo concede aos atenienses é a ignorância admitida deles. Um altar ao “deus desconhecido” não é evidência de que eles já estavam adorando o verdadeiro Deus sem conhecê-lo, mas uma confissão de ignorância. Paulo aceita esta confissão de ignorância como verdadeira, e reivindica que ele era capaz de fornecer a informação sobre Deus da qual careciam.

Contudo, se a filosofia não-cristã falha em alcançar a Deus, sobre que fundamento epistemológico Paulo tão confidentemente proclama este Deus para eles? Em outras palavras, se o homem não pode conhecer a Deus por sua própria sabedoria desassistida, como Paulo pôde obter o seu conhecimento sobre Deus? Podemos

³⁹ *Acts*; p. 305. Contudo, se estamos corretos, então Paulo está fazendo mais do que simplesmente levantar a questão sobre Deus, mas também declarando a ignorância admitida deles sobre ele.

⁴⁰ *Word Studies, Vol. 1*; p. 543.

⁴¹ *New Bible Commentary*; p. 1093.

⁴² *Challenge and Response*; p. 42.

retornar a 1Coríntios 1:21 para a resposta: “Visto que, na sabedoria de Deus, o mundo não o conheceu por meio da sabedoria humana, agradou a Deus salvar aqueles que crêem *por meio da loucura da pregação*”.

Embora a KJV tenha “a loucura da pregação”, a palavra *kērygma* aqui se refere ao conteúdo da pregação e não ao ato da pregação. É por meio do conteúdo da pregação apostólica, o conteúdo da fé cristã, que Deus salva “aqueles que crêem”. Visto que a fé é um dom de Deus (Efésios 2:8), podemos dizer que Deus salva aqueles a quem ele escolheu gerando fé neles pelo conteúdo da fé cristã, quer transmitido por discurso ou escrita. O que estava sendo pregado é aqui chamado de “loucura” porque é assim que é considerado da perspectiva da “sabedoria” do mundo: “Pois a mensagem da cruz é loucura para os que estão perecendo, mas para nós, que estamos sendo salvos, é o poder de Deus” (1Coríntios 1:18). Mas é através do que este mundo considera como “loucura” que os homens são salvos, enquanto o que o mundo considera como “sabedoria” mantém os homens em cegueira espiritual, resultando na condenação deles.

Contrário às religiões e filosofias não-cristãs, a cosmovisão cristã não tem seu fundamento sobre a “sabedoria” ou especulação humana, mas na revelação divina, nos entregue pelos profetas, o próprio Senhor e os apóstolos: “Há muito tempo Deus falou muitas vezes e de várias maneiras aos nossos antepassados por meio dos profetas, mas nestes últimos dias nos falou por meio do Filho, a quem constituiu herdeiro de todas as coisas e por meio de quem fez o universo... Esta salvação, primeiramente anunciada pelo Senhor, foi-nos confirmada pelos que a ouviram” (Hebreus 1:1-2, 2:3). Paulo testifica que o que ele pregava tinha vindo até ele não por sabedoria, tradição ou especulação humana, mas por revelação divina: “Irmãos, quero que saibam que o evangelho por mim anunciado não é de origem humana. Não o recebi de pessoa alguma nem me foi ele ensinado; pelo contrário, eu o recebi de Jesus Cristo por revelação” (Gálatas 1:11-12).

Paulo anuncia que enquanto os seus ouvintes são ignorantes, ele “lhes proclamaria” a verdade. Paulo não opera sobre o mesmo nível intelectual dos seus oponentes; ele não tenta construir um sistema melhor do que o deles enquanto permanece no mesmo fundamento da especulação humana. Pelo contrário, Paulo declara a verdade aos seus ouvintes a partir de uma posição de conhecimento final e autoridade última, e é capaz de fazer isto porque permanece sobre o fundamento intelectual da revelação divina. Ele fala e age como alguém que claramente percebe a realidade pela graça de Deus, e não como alguém que tateia ao redor de uma escuridão epistemológica.

Comentando sobre a nossa passagem, F. F. Bruce escreve: “[Paulo] não argumenta a partir de um tipo de ‘primeiros princípios’ que formavam a base das várias escolas da filosofia grega; sua exposição e defesa de sua mensagem estão fundamentadas sobre a revelação bíblica de Deus”.⁴³ Todo sistema de pensamento deve começar com certos primeiros princípios sobre os quais o restante do sistema é baseado. Se o primeiro princípio de um sistema é auto-contraditório, muito estreito, ou de outra forma inadequado, então o sistema fracassa no ponto de partida, e o

⁴³ F. F. Bruce, *The Defense of the Gospel in the New Testament*; William B. Eerdmans Publishing, 1959; p. 18.

restante do sistema desmorona. Paulo tinha sido convertido pela graça soberana de Deus, e assim, tinha adotado a revelação bíblica como o fundamento ou o primeiro princípio do seu sistema de pensamento. Comparado com aquele dos filósofos não-cristãos, o primeiro princípio de Paulo não era meramente um diferente do mesmo tipo, mas ele era um tipo totalmente diferente [de primeiro princípio].

Ao invés de ter um fundamento centrado no homem, sobre o qual o homem pecaminoso edifica seu sistema de pensamento com a suposição de que pode obter conhecimento da verdade pelo seu próprio poder, Paulo rejeita as suposições anti-cristãs de autonomia e suficiência humana; antes, ele reconhece que o homem está preso pela depravação moral e finitude mental. Se o homem há de conhecer a verdade – qualquer verdade – ele depende de Deus. A epistemologia cristã é superior porque ao invés de tentar encontrar a verdade por seu próprio poder quando não temos nenhum poder, ela aceita a revelação verbal da Escritura como a única forma de fundamentar e obter algum conhecimento. A filosofia não-cristã é ultimamente fundamentada sobre a especulação humana, mas a filosofia cristã é ultimamente fundamentada sobre a revelação divina. Na filosofia não-cristã, o homem pretende encontrar a verdade por seu próprio poder, mas na filosofia cristã o Deus onisciente nos conta a verdade, deixando-a clara por sua onipotência.

Seguindo o apóstolo Paulo, quando confrontamos os sistemas de crenças não-cristãos hoje, não precisamos começar aceitando os primeiros princípios ou suposições básicas deles, visto que ultimamente estas são as próprias premissas sobre as quais estamos argumentando. Pelo contrário, demonstrando o fracasso das religiões e filosofias não-cristãs, e sustentando a revelação auto-autenticadora da Escritura, podemos declarar confiantemente aos incrédulos a verdade sobre Deus. Os incrédulos tentarão nos forçar a aceitar as suas pressuposições, e tentarão nos intimidar com argumentos vazios e insultos sarcásticos, mas se pudermos mostrar que as pressuposições deles tornam o conhecimento impossível e levam a conclusões absurdas, por que devemos aceitá-las? Através das suas pressuposições, eles não podem conhecer nada, mas pela revelação divina, podemos conhecer a verdade sobre Deus, sua criação e mandamentos, e receber o conhecimento que leva à salvação através da fé em Cristo.

Quando tomamos esta abordagem na apologética e no evangelismo, evitamos o equívoco de colocar nossa mera sabedoria humana contra a mera sabedoria humana deles; antes, colocamos a sabedoria de Deus contra a sabedoria do homem. Eles podem considerar o evangelho loucura, mas até mesmo a “loucura” de Deus é maior do que a sabedoria do homem (1 Coríntios 1:25), e não há nenhuma competição real entre as duas. A revelação divina sempre será superior à especulação humana em cada ponto e sobre todo assunto. Nós que professamos a fé cristã devemos também depender confidentemente do conteúdo da Escritura; ele é mais do que adequado para destruir todas as religiões e filosofias não-cristãs, expondo-as como tentativas pecaminosas de conhecer a verdade sem submissão à Deus. Portanto, podemos anunciar sem arrogância e exagero que a cosmovisão cristã tem um monopólio absoluto sobre a verdade, e que toda religião e filosofia não-cristã é falsa. Como está escrito: “Aquele que se gloria, glorie-se no Senhor” (1Coríntios 1:31).

Paulo não “dialoga” com os atenienses para ver o que eles podem aprender um do outro. Ele não tem respeito pelas religiões e filosofias deles. Pelo contrário, ele diz,

“o que vocês não conhecem eu lhes anunciou”, e continua para lhes contar no versículo 24. Embora o que vem após isso seja quase certamente uma versão condensada do discurso de Paulo, ele contém o suficiente para nos informar o conteúdo e escopo do que ele diz, a partir do qual podemos derivar uma abordagem bíblica para a apologética e o evangelismo.

Paulo primeiro ressalta a ignorância dos não-cristãos, e em contraste, reivindica falar a partir de uma posição de conhecimento e autoridade. Após isso, ele continua para tratar da natureza de Deus e a natureza da criação – isto é, ele expõe a visão bíblica da metafísica, ou a teoria da realidade. Ele começa dizendo: “O Deus que fez o mundo e tudo o que nele há é o Senhor dos céus e da terra, e não habita em santuários feitos por mãos humanas” (v. 24).

Contrário à filosofia dos atenienses, o mundo – não apenas o planeta terra, mas o *cosmos*, ou o universo inteiro – e tudo o que nele há nem sempre existiram; antes, este único Deus sobre quem Paulo está pregando criou o universo e tudo o que nele existe. Contra os epicureus, Paulo declara que o universo não foi formado pela colisão e combinação por acaso de átomos sempre existentes. Contra os estóicos, Paulo declara que Deus e o universo não são idênticos, mas Deus é distinto do universo, e que este Deus não somente anima o universo, mas o criou.

Contrário à religião dos atenienses, não há um deus para isto e um deus para aquilo. Não há um deus para a guerra, e um deus diferente para o amor, um deus diferente para a sabedoria, e um deus diferente para a colheita. Antes, este único Deus sobre quem Paulo está pregando é o Senhor dos exércitos, o Senhor que provê, ele é amor e é sabedoria, de forma que não há verdadeiro amor e verdadeira sabedoria à parte dele. Ele é “o Senhor do céu e da terra”, o *kurio*, o possuidor de tudo o que existe, o governador de toda esfera de existência física e contemplação intelectual. Este é o Deus sobre quem os atenienses não sabiam, e visto que este verdadeiro Deus é a única deidade, o mero fato de que eles adoravam outros “deuses” necessariamente implica que eles não estavam adorando este verdadeiro Deus.

Deus é transcendente, significando que ele é distinto do universo, embora seja livre para se tornar envolvido nele e de fato se torne envolvido nele (imanência divina). Por outro lado, os deuses mitológicos dos atenienses era parte do universo. Contrário a isto, Paulo declara que o verdadeiro Deus “não habita em santuários feitos por mãos humanas” (v. 24), e que “ele não é servido por mãos de homens, como se necessitasse de algo” (v. 25). Paulo trata com a natureza de Deus com sua ênfase particular, pois está tratando das religiões gregas populares em particular. Outras partes da Bíblia nos fornecem informação suficiente para saber que nossa visão de Deus não concorda com nenhuma outra religião ou filosofia, e precisamos adaptar nossas observações a elas quando abordando as mesmas, para fazer com que nossas discordâncias apareçam. Certamente contradizemos os ateístas e hindus sobre as visões de Deus deles, mas até mesmo alguns cristãos professos negam que difiramos radicalmente de mórmons e muçulmanos. Estas pessoas são ignorantes tanto da teologia cristã, que condena todas as outras religiões, como das religiões não-cristãs, que contradizem a revelação sobre todos os pontos principais.

Os mórmons não são nem mesmo monoteístas, alegando que Elohim é o deus apenas deste mundo, que há muitos deuses para muitos mundos diferentes, e que a

“salvação” do homem é a sua conquista da divindade para governar um mundo particular. Eles fazem de Elohim e Jeová duas entidades diferentes, de forma que Jesus é Jeová, que foi criado pela união sexual entre Elohim e Maria. Cristãos podem rir da reivindicação mórmon de que o Jardim do Éden era localizado no que é agora a cidade de Independência, Missouri, mas quando eles fazem de Satanás o irmão de Jesus, tanto cristãos como não-cristãos deveriam ter sensatez suficiente para notar as diferenças entre o Cristianismo e o Mormonismo. Mas certamente pessoas estúpidas ainda insistem que as duas religiões estão em concordância essencial. Sem dúvida alguns mórmons diriam que esta é uma deturpação das suas crenças, mas eles provavelmente não conhecem o que o Mormonismo realmente ensina.⁴⁴ Em todo caso, se a fé cristã foi “de uma vez por todas confiada aos santos” (Judas 3), então ela não está sujeita a revisões ou adições; portanto, Joseph Smith era um falso profeta. Os mórmons concordarão com esta avaliação? Se não, o Cristianismo não está em concordância com o Mormonismo, embora tenhamos mencionado apenas uns poucos pontos principais.

Quanto ao Islamismo, Alá certamente não é o mesmo que o Deus descrito pela Bíblia. A pessoa que diz que Alá é apenas outro nome para o Deus cristão também deve mostrar que Alá é uma trindade, pois isto é o que os cristãos afirmam, que Deus é um em termos de deidade e três em termos de personalidade, que tanto o Pai, como o Filho e o Espírito participam plenamente dos atributos divinos. Nenhum muçulmano verdadeiro concorda com isto. Em adição, Robert Morey mostra que Alá é de fato um deus pagão da lua.⁴⁵

Porque os muçulmanos consideram a Hadith tão inspirada e autoritativa quanto o Alcorão, eles devem, portanto, venerar o seu ensino sobre a obsessão psicológica de Maomé por urina e fezes. No vol. 1, cap. 57, no. 215 e vol. 2, no. 443, Maomé diz que as pessoas que se sujam com urina serão torturadas pelo fogo do inferno, mas uma contradição ocorre no vol. 1, no. 234, quando ele ordena que as pessoas peguem o leite e a urina dos camelos como remédio. Os muçulmanos devem aceitar e defender as reivindicações que Adão tinha vinte e sete metros de altura (vol. 4, no. 543), que “Satanás fica na parte superior do nariz durante toda a noite” (vol. 4, no. 516), que Satanás urina nos ouvidos daqueles que adormecem durante a oração (vol. 2, no. 245), que Alá recusará ouvir aqueles que peidam duram a oração (vol. 1, no. 628; vol. 9, no. 86), e que Alá rejeitará suas orações se você tiver mau hálito (vol. 1, nos. 812, 813, 814, 815; vol. 7, nos. 362, 363), entre outros ensinamentos estranhos e vulgares.⁴⁶

É verdade que alguns muçulmanos professos, provavelmente embaraçados pelo Hadith, escolhem rejeitar seu *status* como divinamente inspirada. Mas quando a

⁴⁴ Um aderente de uma religião não-cristã pode não conhecer os ensinamentos oficiais de sua própria religião. Quando você lhe diz as coisas ridículas que sua religião ensina, ele pode dizer que você está representando incorretamente, não porque ele realmente saiba o que a religião dele ensina, mas porque as doutrinas oficiais da religião dele parecem ridículas até mesmo para ele, e assim, assume que a religião dele não pode ensinar o que você alega que ela ensina. Se tal for o caso, então você deve citar a autoridade oficial da religião dele, ou desafiar as crenças pessoais dele. Certamente, a maioria dos cristãos professos também carece de conhecimento do Cristianismo, e este é o porquê a educação teológica deve ser nossa primeira prioridade.

⁴⁵ Robert Morey, *The Islamic Invasion*; Christian Scholars Press, 1992; p. 211-218.

⁴⁶ *Ibid.*, p. 177-208.

discussão é sobre se o Cristianismo concorda com o Islamismo, o Alcorão sozinho fornece informação suficiente para estabelecer diferenças radicais entre as visões das duas religiões em todas as doutrinas principais, tais como a natureza de Deus, o *status* de Jesus Cristo e o caminho da salvação. Eu já mencionei a Trindade como um exemplo – os cristãos insistem sobre ela, mas os muçulmanos a rejeitam. Ninguém pode dizer que as duas religiões adoram o mesmo Deus.

Uma vez que este livro não trata especificamente do Islamismo, não podemos documentar aqui os seus muitos problemas; apesar de tudo, mencionaremos um erro no Alcorão a respeito da Trindade, posto que já havia sido considerado anteriormente. Maomé (Sura 5:73-75, 116) pensava que os cristãos adoravam três deuses: o Pai, a Mãe (Maria) e o Filho (Jesus). O Alcorão cometeu o equívoco de dizer que os cristãos criam em Jesus como sendo o “Filho” de Deus no sentido de que ele havia sido produto de uma relação sexual entre o “Pai” Deus e Maria. No entanto, a Bíblia afirma que Maria era virgem na ocasião em que deu à luz Jesus Cristo. Se Maomé fosse realmente um profeta de Deus, esperaríamos que pelo menos entendesse essas doutrinas básicas do Cristianismo quando fez comentários a esse respeito.⁴⁷

Embora alguns muçulmanos professos sejam também embaraçados pelo Alcorão, tal que negam a inspiração divina do mesmo bem como do Hadith, provavelmente eles não deveriam ser chamados de muçulmanos, da mesma forma que cristãos professos que rejeitam a Bíblia não são verdadeiros cristãos. Nos casos em que aderentes professos de uma religião rejeitam a autoridade oficial dessa religião, não são verdadeiros aderentes dela, e devemos tratá-los considerando suas crenças pessoais. A nossa abordagem para a apologética e o evangelismo para eles é a mesma, tal que a menos que já sejam cristãos genuínos e explicitamente bíblicos em sua cosmovisão, suas crenças relativas a todos os aspectos principais irão contradizer a revelação bíblica, e o conflito será ultimamente estabelecido no nível pressuposicional.

Toda tentativa de roubar o Cristianismo da sua exclusividade, alegadamente expondo (na verdade, impondo) suas similaridades com as outras cosmovisões, filosofias e religiões tem sido refutada.⁴⁸ Mas o espírito de Babel permanece, e assim não-cristãos (incluindo falsos cristãos) tentam forçar uma união entre cosmovisões essencialmente contraditórias entre si. No fundo das suas mentes essas pessoas sabem que o Cristianismo é a única verdade, mas julgam que se puderem neutralizar a cosmovisão cristã, não precisarão obedecer ao único Deus verdadeiro ou confrontar a sua revelação. Tal como o apóstolo João escreve: “Este é o julgamento: a luz veio ao mundo, mas os homens amaram as trevas, e não a luz, porque as suas obras eram más. Quem pratica o mal odeia a luz e não se aproxima da luz, temendo que as suas obras sejam manifestas” (João 3:19-20). Promover unidade à custa da racionalidade ou mesmo da sanidade parece ser um preço baixo a essas pessoas, mas finalmente lhes custará muito mais, pois elas serão condenadas ao sofrimento de um tormento extremo no inferno, por toda a eternidade.

⁴⁷ Uma explicação dada para os mal-entendidos de Maomé sobre a fé cristã é que ele havia consultado fontes extrabíblicas que eram heréticas pela perspectiva cristã, e equivocadamente julgou que representavam a fé cristã. Mas isso demonstra que ele não era infalível, e que pelos padrões bíblicos ele era um falso profeta. O Alcorão contém muitos erros sobre a história secular, a história dos Judeus e da religião, a história e religião cristã, assim como muitas auto-contradições.

⁴⁸ Veja James W. Sire, *The Universe Next Door*; Ronald H. Nash, *The Gospel and The Greeks*; Fritz Ridenour, *So What's the Difference?*

v. 24-25

Uma vez que Deus é o criador e o governador de tudo o que existe, ele é também distinto e maior do que o universo. Segue-se então que ele “não habita em santuários feitos por mãos humanas. Ele não é servido por mãos de homens, como se necessitasse de algo” (17:24-25). Positivamente, os versículos 24 e 25 anunciam a visão cristã de Deus e sua relação com o universo. Negativamente, o que é dito aqui por Paulo subverte todo o fundamento religioso e intelectual dos atenienses, e de fato seu próprio estilo de vida. Ele está dizendo que os atenienses estavam vivendo uma grande mentira, que toda a sua cultura e crenças mais profundas são falsas.⁴⁹

Paulo definiu a situação de forma tal que para manterem seu estilo de vida com integridade intelectual, os atenienses precisariam destruir o Cristianismo pela argumentação, ou do contrário teriam seus comprometimentos últimos destruídos pelo Cristianismo. Aqueles que não conseguem resistir à verdade do Cristianismo, mas desejam manter as suas crenças não-cristãs, optam pelo caminho da autodecepção, estabelecendo a si mesmos que têm o direito de manter suas crenças não-cristãs sem refutar a cosmovisão bíblica que desafia e contradiz cada aspecto dos seus pensamentos e condutas. Isso implica em grande condenação dessas pessoas.

Acompanhando o apóstolo, a nossa abordagem para a apologética e evangelismo deve evitar tentativas de buscar concordar com o pensamento antibíblico. Nós precisamos claramente expor a fé, tal que todos os que escutam entenderão que a cosmovisão bíblica conflita com todas as cosmovisões não-bíblicas em todos os pontos principais. Logo, essas pessoas não podem simplesmente nos evitar ou entrar em acordo conosco; antes, elas precisam nos destruir ou então ser destruídas. O apologista dá então o passo seguinte para demonstrar a impossibilidade das cosmovisões não-bíblicas, deixando os não-cristãos sem um fundamento intelectual em que possam sustentar uma oposição à fé cristã. Ao contrário das implicações de algumas abordagens cristãs, o evangelismo bíblico não simplesmente acrescenta Jesus aos sistemas de fé dos incrédulos, mas destrói de modo completo esses sistemas e os substitui pela cosmovisão bíblica. Qualquer coisa menos que isso é indigno ser chamado de apologética ou evangelismo bíblico.

Precisamos recuperar a agressividade do evangelho ao invés de nos rebaixarmos a uma mensagem “busca-amigos” tão diluída que os não-cristãos possam concordar sem uma completa e genuína conversão. O não-eleito deve ficar ofendido com o evangelho, e dizer “Dura é essa palavra. Quem pode suportá-la?” (João 6:60) Mas quando confrontado com a clara verdade, o eleito, ou aqueles que Deus têm escolhido para salvação, dirão “Senhor, para quem iremos? Tu tens as palavras de vida eterna. Nós cremos e sabemos que és o Santo de Deus” (v. 68-69). A mensagem do evangelho, quando adequadamente pregada, deve atrair o eleito e repelir os reprovados (João 10:27). A palavra de Deus separa as ovelhas dos bodes, e o trigo do joio (Hebreus 4:12). Mesmo então, Deus em sua sabedoria tem ordenado que algumas pessoas aparentemente irão se regozijar com a Sua palavra, apenas para sucumbirem mais tarde (Lucas 8:13). Assim, coloquemos em ação a nossa salvação com temor e

⁴⁹ Alguns comentaristas continuam a alegar que alguns dos filósofos estariam concordando com algumas das coisas ditas por Paulo, mas eu já expus essa tolice deles. Nos versículos 24 e 25 Paulo está falando a respeito de um Deus de todo modo diferente. Assim, como poderiam ambos os lados concordar com o que foi declarado a seguir?

tremor (Filipenses 2:12); testemos a nossa fé para que possamos remover falsas suposições sobre a nossa posição perante Deus (2 Pedro 1:10).

Se nós admitirmos, tal como Sanders, que os não-cristãos estão intelectualmente “no caminho certo”, teremos distorcido tanto a posição cristã quanto a não-cristã. Isso porque eles estão no caminho errado pelo qual as Escrituras os ordenam a se arrependerem, o que diz respeito a uma mudança de mentalidade. Por exemplo, nós não precisamos dizer que os incrédulos são razoavelmente bons cientistas, que se tão-somente agirem melhor, alcançarão a fé cristã; antes, precisamos dizer que eles são cientistas extremamente inferiores, que eles rejeitaram a verdade desde o início. Nós não precisamos dizer que os incrédulos são de fato morais, ainda que não bons o suficiente; pelo contrário, precisamos dizer que eles são completamente corruptos, que eles nem mesmo começaram a ser morais. Eles são intelectualmente inferiores e moralmente depravados. O Cristianismo não chama pessoas a fim de meramente aperfeiçoar suas vidas com base nos seus fundamentos presentes, mas as chama para uma genuína e completa conversão.

Em adição, a conversão não se refere à mudança de apenas alguns aspectos da sua vida, mas resulta numa transformação abrangente. Se a sua “conversão” não produz tal mudança, ou representa o início de uma mudança que vai claramente levar a um crescimento contínuo na direção correta, você não foi convertido; a vida de Deus não está em você, e você permanece na morte e em trevas.

Quando Paulo diz que Deus *não* vive em santuários feitos por mãos humanas e que *não* é servido por mãos de homens (v. 24-25), ele efetivamente declara a sua rejeição a todas as religiões populares em Atenas. Ele não estabelece qualquer ponto de concordância com os incrédulos, mas exprime a sua negação – como Deus *não* é e como ele *não* é servido, que é *errado* pensar acerca de Deus de uma determinada maneira e que é *errado* servi-lo de uma determinada maneira. Isso por si só já basta para mostrar que a revelação apostólica nega que haja muitos caminhos a Deus, pois aqui é declarado que Deus não é como algumas das concepções que as pessoas têm da deidade, e que ele não é servido por meio de práticas que as próprias pessoas determinam na sua adoração.

É claro, Paulo está se dirigindo a uma audiência específica, e portanto adapta seus comentários a fim de corresponderem à cultura e crenças dos ouvintes. Desde que o restante da Bíblia provê a nós informação suficiente para descartarmos todos os outros caminhos a Deus exceto o Cristianismo, aqueles que reivindicam ser cristãos precisam rejeitar essa asserção bíblica, e neste caso não são de fato cristãos, ou aceitá-la, e por sua vez parar de se mostrar confusos quanto à exclusividade da fé cristã. Devemos corajosamente admitir, “Sim, o Cristianismo ensina que todas as religiões não-cristãs são falsas e que todos os seus aderentes sofrerão tormento perpétuo e extremo no inferno. Se você discorda, esse é o porque de estarmos discutindo”.

Há algum tempo atrás chegou a mim uma resenha de um livro cristão, escrito por uma mulher que pelo menos de forma subentendida, dizia-se cristã. Embora no geral ela tenha gostado do livro, quando chegou aos comentários negativos ao Mormonismo, objetou e escreveu que somente Deus tem o direito de julgar se uma religião é verdadeira ou falsa. Desde que ela sugeria ser cristã, essa objeção não tinha sentido. É verdade que somente Deus tem o direito de julgar se uma religião é verdadeira ou falsa, mas isso não deve nos impedir de falar contra as religiões não-

cristãs, pois Deus tornou conhecido a nós seus pensamentos por meio da sua revelação verbal.

Quando ela disse que somente Deus tem o direito de julgar as religiões, e usou isso como uma objeção aos comentários anti-Mórmon de um livro, estava implicando que Deus não fez um julgamento do Mormonismo em particular, ou mesmo das religiões não-cristãs de modo geral. Ou, que caso Deus já tenha feito tal julgamento, não o tornou conhecido a ela. Mas Deus já pronunciou o seu julgamento por intermédio das Escrituras, e todas as proposições religiosas e não-religiosas que contradizem o que tem sido revelado nas Escrituras devem ser consideradas falsas pelo cristão.

Portanto, ou essa revisora tinha um conhecimento muito pobre das Escrituras, que a desqualificava para criticar um livro cristão, ou ela estava rejeitando a inspiração divina das Escrituras, em cujo caso não tinha justificativa para reivindicar-se cristã – ela era meramente uma não-cristã expressando sua discordância com a Bíblia. Somente Deus tem o direito de julgar as várias religiões – é claro que isso é verdade – mas Ele já as julgou, e tornou esse julgamento claro pelas Escrituras. Nós podemos concordar com Ele e ser salvos, ou discordar e então perecer.

Paulo continua no versículo 25, “Ele mesmo dá a todos a vida, o fôlego e as demais coisas”. Deus não necessita de nós, mas nós necessitamos dele. Quando estava orando a Deus, Davi disse, “Tudo vem de ti, e nós apenas te demos o que vem das tuas mãos” (1 Crônicas 29:14). Uma vez que “vida” (grego: *zōē*) era popularmente associada a Zeus, o supremo deus grego, e desde que a tríade da “vida e fôlego e as demais coisas” reflete a terminologia corrente aos seus ouvintes, é possível que Paulo estivesse de novo deliberadamente contradizendo suas religiões. Ele está dizendo, em efeito, que o Deus cristão, que não vive em templos e que não é servido por mãos humanas, é o autor e o mantenedor da vida – e não Zeus. Mesmo que essa não tenha sido a intenção de Paulo, sua declaração contradiz a religião e a filosofia dos atenienses, que atribuíam à vida outra fonte.

v. 26a

Continuando com esse tema, que o único Deus verdadeiro é que dá vida aos homens e todas as demais coisas, Paulo detalha a visão bíblica e diz no versículo 26, “De um só fez ele todos os povos, para que povoassem toda a terra”. Os atenienses criam ser indígenas, tendo sido formados da terra, tal que eles seriam diferentes e superiores a todos os outros povos, que consideravam bárbaros. A declaração de Paulo contradiz não apenas as explanações religiosas e filosóficas dos atenienses, mas ataca a crença que constituía o fundamento do orgulho étnico ateniense.

Uma vez que o grego não esclarece quem ou o que é o “um”, várias sugestões têm sido dadas, mas “de um homem” parece o mais apropriado ao contexto. A intenção principal da sentença é que Deus criou a humanidade de um ponto inicial – que o Cristianismo assevera ser Adão, o primeiro homem. Diferentes raças e nações de homens foram originadas de um homem, ao invés de muitos. Desde que todas as raças e nações de homens originaram-se de um homem, não há justificativa para a crença que qualquer raça ou nação de homens é inerentemente superior ou privilegiada em detrimento das outras, pelo menos não no sentido que muitos criam

ser superiores ou privilegiados. Mesmo que haja algumas diferenças entre as raças e nações, persiste o fato que todos os seres humanos foram feitos à imagem de Deus.

A ciência e a filosofia não-cristã não têm fundamento a partir do qual afirmar a unidade e a igualdade das raças. Por exemplo, à parte da revelação bíblica da origem do homem, por qual princípio confiável e autoritativo você pode asseverar que o genocídio e o canibalismo são imorais? Por que seria errado uma raça destruir outra, ou pessoas de uma raça matar pessoas de outra raça por comida? A ciência não pode demonstrar que todos procedemos de um só homem.⁵⁰ Se essas questões parecem chocantes e ultrajantes, os incrédulos deveriam ter uma resposta pronta para isso. No entanto, à parte da autoridade bíblica, nenhum princípio pode fornecer um fundamento adequado sobre o qual se possa então estabelecer julgamentos morais para essas questões. Por qual autoridade moral absoluta e universal você impõe a sua moralidade sobre mim, proibindo-me de cometer genocídio e canibalismo? É moralmente “errado” eu fazer algo só porque você quer que eu não faça? A menos que os princípios morais tenham a revelação bíblica como seu fundamento, serão todos destruídos quando desafiados.

Uma vez que eu expus o meu argumento contra a evolução em outro lugar, não irei repeti-lo aqui.⁵¹ Mas eu cito a evolução para ilustrar um ponto anterior. Tal como em todos os outros tópicos principais relativos à questão da origem humana, nós não devemos dizer que os incrédulos estão fazendo “boa ciência”, que são acadêmicos brilhantes e honestos, e que se forem apenas um pouco mais cuidadosos, finalmente acreditarão na criação divina. Não, eles não são brilhantes; eles não são honestos; e eles não estão fazendo boa ciência. Para chegar a um conhecimento da verdade, não seria suficiente os incrédulos simplesmente fazerem uma “ciência melhor”; eles precisam mudar completamente os seus primeiros princípios ou axiomas fundamentais, e não simplesmente seus teoremas subsidiários. Isso implica uma obra soberana de Deus em seus corações, e se isso não acontecer, permanecerão nas trevas espiritual e intelectual.

Os incrédulos podem lhe dizer que são intelectualmente neutros, mas não acredite neles, pois neutralidade intelectual não existe. Ou você é por Cristo ou é contra Cristo. Uma pessoa que reivindica examinar os argumentos a favor do Cristianismo a fim de determinar sua validade é contra o Cristianismo, enquanto estiver simplesmente ponderando esses argumentos, e ela não será a favor do Cristianismo até que Deus mude o seu coração. Os incrédulos são preconceituosos com Deus; eles têm uma agenda contra ele. Têm levantado pressuposições que evitam a verdade como revelada nas Escrituras. No entanto eles alegam que vão seguir os fatos onde quer que os levem, e então irão desafiá-lo a provar que os fatos levam às suas conclusões empregando as pressuposições e métodos *deles*! Os cristãos não devem cair nessa armadilha. Embora os nossos primeiros princípios sejam diferentes daqueles dos incrédulos, não precisamos assumir que seja fútil argumentar com tais

⁵⁰ A minha posição é que a ciência não pode provar qualquer coisa sobre qualquer coisa. Mas a título de argumentação, mesmo que a ciência possa demonstrar que todos nós procedemos de um só homem, ainda não há justificativa para censurar o genocídio ou o canibalismo, a menos que haja uma interpretação divina da implicação moral desse fato, manifestada a nós pela revelação verbal.

⁵¹ Vincent Cheung, *Systematic Theology*. Em poucas palavras, desde que biologia pressupõe cosmologia, e tanto biologia quanto cosmologia pressupõe epistemologia, a menos que os evolucionistas possam tornar explícita a sua epistemologia e metafísica, demonstrando que ambos são justificáveis e coerentes, não precisamos nem mesmo ouvir a respeito da sua teoria sobre a biologia.

peçoas; antes, nós podemos desafiar as suas pressuposições como nosso caso negativo e apresentar o princípio auto-comprobatório da infalibilidade bíblica como nosso caso positivo. A menos que eles possam fornecer um primeiro princípio adequado justificando suas reivindicações subsidiárias, eles não têm nem mesmo o direito de apresentar essas reivindicações à nossa consideração, como no caso da evolução.

v. 26b

Deus é não apenas o criador e o mantenedor da humanidade, como também o presente governador dela: “Ele determinou os tempos anteriormente estabelecidos para eles e os lugares exatos em que deveriam habitar” (v. 26). Há duas interpretações possíveis para as palavras “Ele determinou os tempos anteriormente estabelecidos para eles”. Uma toma a frase como significando que Deus controla e sustenta as estações e os ciclos naturais da vida que são cruciais à sobrevivência e ao desenvolvimento humanos, tal como em Atos 14:17. A outra assume a frase como significando que Deus determina o curso e os períodos da história humana, tal como o surgimento e queda das nações. As Escrituras no seu todo suportam ambas as asserções sobre Deus, mas a questão é qual delas Atos 17:26 quer transmitir.

Ambas as interpretações acabariam por contradizer as religiões e filosofias gregas. Além de Paulo proclamar um Deus totalmente diferente das deidades irrelevantes dos Epicureus, ele está “colocando a sua própria crença na providência divina como que para sobrepujar o fatalismo dos ouvintes estóicos”.⁵² Mas ele está fazendo mais do que isso, uma vez que expõe uma visão da providência divina com a qual nenhum não-cristão consentiria. Somente os cristãos afirmam esse Deus – este Deus e não outro – que, tendo criado o universo, agora sustenta a vida e determina a história. O ponto principal é que Paulo assevera uma visão bíblica da providência divina – como explicação relativa a toda a história humana – que ninguém outro aceita.

Deus *determina* o limite territorial *exato* das nações; seu controle é exaustivo e preciso. Alguns cristãos professos conseguem tolerar uma menção à providência divina até o ponto em que estivermos falando do Seu controle sobre grupos de pessoas, e esta é de fato a ênfase principal do versículo. No entanto, alguns desses mesmos cristãos professos mostram tremenda resistência quando é ressaltado que a Bíblia faz referência a esse mesmo controle de Deus sobre cada pessoa em particular.

Uma vez que eu defendi em outro lugar a soberania divina sobre os indivíduos humanos, não vou repetir aqui os argumentos relevantes; no entanto, posso pelo menos ressaltar que se alguém afirma a onisciência divina, o que deve ser feito por todos os cristãos –, reconhecer a soberania divina sobre grupos de pessoas obriga a também reconhecer-se a soberania divina sobre os indivíduos. Isto porque um ser onisciente não tem em vista um grupo qualquer sem conhecer cada objeto individual como sendo parte desse mesmo grupo.

Por exemplo, quando eu uso a palavra “árvores” sem definir um limite à palavra, como em “essas árvores”, estou empregando ela como um universal, como

⁵² Williams, *Acts*; p. 307.

em “todas as árvores”. Mas eu não conheço todas as árvores, eu não fiz nada nelas, eu não defini nenhuma de suas propriedades, e nem mesmo tenho conhecimento exaustivo de uma só árvore que seja. Portanto, eu sei do que estou falando? Não a partir do empirismo. Por outro lado, quando Deus emprega a palavra “árvores”, é como quem fez e conhece toda e qualquer árvore. Seu conhecimento de todas as árvores em particular corresponde ao Seu uso do universal “árvores”. Quando eu falo “árvores”, o conteúdo real do meu conhecimento não inclui todas as árvores, embora eu queira por essa palavra me referir a todas as árvores. Portanto, quando Deus diz que todas as árvores são de uma certa forma, tem em mente toda e qualquer árvore, que todas as árvores são de uma certa maneira, e não simplesmente árvores num sentido teórico, sem a constituição real de todas as árvores. Porque Deus é onisciente, para ele “árvores” deve representar a soma de todas as árvores individuais, e não árvores num sentido meramente teórico.

Se você tem dois filhos que se chamam Tom e Mary, sempre que disser “meus filhos”, estará de fato se referindo particularmente a Tom e a Mary. Você não iria dizer “meus filhos” não tendo com isso em vista o conteúdo real de “Tom e Mary”. As palavras “meus filhos” representam “Tom e Mary” para você. Suponha que você seja onisciente, mas que ainda não tenha filhos. Neste caso, “meus filhos” ainda significariam “Tom e Mary”, já que você saberia com certeza que teria esses filhos no futuro. Portanto, um ser onisciente nunca emprega uma designação para um determinado grupo sem conscientemente saber sobre cada um de seus membros. Isto é, o termo universal sempre representa a soma de todos os particulares pertencentes ao grupo. Um ser que carece de onisciência usa o termo universal sem o conhecimento de todos os particulares no grupo, mas um ser que possui onisciência emprega o termo universal consciente de todos os particulares nesse grupo. Trata-se de uma implicação necessária da onisciência.

Similarmente, quando Deus tem em vista uma nação, está também considerando todos os indivíduos compreendidos por essa nação em qualquer intervalo de tempo dado, desde que uma nação é a soma de todos os indivíduos que Deus tem determinado dela fazerem parte, e ele tem conhecimento exaustivo de cada indivíduo. Deveras, ele cria cada indivíduo para fazer parte da nação que escolheu para tal pessoa. Não é como se Deus decidisse forçar uma dada política a um certo grupo, tal como de homens do sexo masculino, e então permitir cada ser humano voluntariamente tornar-se membro desse grupo. Antes, Deus cria todos os seres humanos e agrupa-os como Lhe apraz.

Portanto, não faz sentido dizer que Deus exercita absoluta soberania sobre um grupo, tal como uma nação ou os eleitos, sem igualmente afirmar a implicação necessária que ele exercita soberania absoluta sobre cada indivíduo participante desse grupo. Não faz sentido dizer que Deus elege um grupo para salvação sem determinar quais indivíduos farão parte desse grupo, ou que ele controla uma nação sem controlar os indivíduos que fazem parte dela. Os indivíduos não fazem a si mesmos. O ponto é que mesmo quando a Bíblia está apenas falando a respeito da soberania de Deus sobre os grupos, está implicada a sua soberania sobre os indivíduos. Isso dito, a Bíblia também contém muitas passagens que diretamente declaram a absoluta soberania de Deus sobre os indivíduos, e não apenas sobre grupos ou nações.⁵³

⁵³ Vincent Cheung, *Systematic Theology*.

v. 27

O versículo 27 parte da providência divina para sua implicação na religião, e assim é crucial à apresentação de Paulo. Mas desde que isso é facilmente mal-compreendido, precisamos estudá-la com cuidado: “Deus fez isso para que os homens o buscassem e talvez, tateando, pudessem encontrá-lo, embora não esteja longe de cada um de nós”. A palavra “isso” se refere aqui ao que ele disse na passagem anterior, de forma que está dizendo “Deus [determinou os tempos anteriormente estabelecidos e os lugares exatos em que deveriam habitar] para que os homens o buscassem e talvez, tateando, pudessem encontrá-lo, embora não esteja longe de cada um de nós”.

Há duas interpretações principais para esse versículo. Uma diz que Deus, em sua obra de providência, torna *possível* ao homem encontrá-Lo à parte da revelação especial, e que Ele de fato pretende que o homem o encontre à parte da revelação especial.⁵⁴ A outra interpretação diz que Deus, em sua obra de providência, torna *obrigatório* ao homem procurá-Lo, mas que é impossível encontrá-lo à parte da revelação especial. Em outras palavras, a primeira visão tem o versículo 27 dizendo que a providência divina incita o homem a procurar Deus, e que Ele deseja de fato ser encontrado pelos homens à parte da revelação especial, mas a segunda interpretação entende o versículo 27 como dizendo que a providência divina torna a busca por Deus uma obrigação moral, embora ninguém possa realmente encontrá-lo à parte da revelação especial. Embora a primeira interpretação pareça imediatamente inconsistente com os versículos anteriores da nossa passagem, nós iremos também fornecer várias razões específicas para rejeitar a primeira visão e aceitar a segunda.

Henry Alford alega que a expressão traduzida como “talvez” (NVI) ou “se talvez” (NASB) “demonstra uma contingência que mui provavelmente não corresponde à intenção no original”.⁵⁵ Por outro lado, Rendall sugere que ela não poderia ser traduzida como “talvez”, mas “de fato”, de forma que o versículo seria “se eles de fato pudessem sentir após ele”.⁵⁶ Ele assume isso para transmitir uma real intenção da parte de Deus de ter pessoas procurando e encontrando-o à parte da revelação especial. No entanto, quando Rendall em si admite que a disposição optativa de “buscar” e “encontrar” aponta para “o fato que essa intenção não tinha ainda se concretizado”,⁵⁷ a sua exposição subidamente equivale a dizer que o que Deus realmente pretende que aconteça pode de veras não acontecer. Se for este o caso, então o poder pleno de todos os argumentos bíblicos para a soberania absoluta de Deus se coloca agora contra ele; portanto, a sua interpretação é impossível. Porém mesmo se o versículo devesse ser lido, “se eles de fato pudessem sentir após ele”, isso não necessariamente transmite uma intenção real ao cumprimento de algo, mas antes, a imposição de um dever moral.

No entanto, nós não temos que definir isso usando tão-somente argumentos a partir de minúcias gramaticais. Antes, podemos olhar outras passagens relevantes nos escritos de Paulo a fim de determinar o significado do versículo em questão. Anteriormente nós citamos 1 Coríntios 1:21, que diz, “Visto que, *na sabedoria de Deus*, o mundo não o conheceu por meio da sabedoria humana, *agradou a Deus*

⁵⁴ Revelação especial quer referir-se aqui às Escrituras.

⁵⁵ W. Robertson Nicoll, ed., *The Expositor's Greek Testament*, Vol. 2; Hendrickson Publishers, 2002; p. 375. Veja Henry Alford, *The Greek New Testament*; Lee e Shepherd Publishers, 1872; 2:198.

⁵⁶ Ibid. Veja Salmos 14:2-3 e Romanos 3:10-12.

⁵⁷ Ibid.

salvar aqueles que crêem por meio da loucura da pregação”. Preste atenção especial às palavras “na sabedoria de Deus” e “agradou a Deus”. Parafraseando, Paulo está dizendo “Deus, em sua própria sabedoria, tem determinado que o homem nunca chegará a conhecê-Lo pela sabedoria do homem – isto é, pela ciência e filosofia humanas – mas Deus se apraz com o fato que os eleitos virão a conhecê-lo pelo teor da Sua revelação verbal”. Em conformidade, a GNT coloca “Porque Deus em sua sabedoria tornou impossível às pessoas conhecê-Lo nos termos da sua própria sabedoria”.

O que isso tem a dizer acerca da “intenção” de Deus em Atos 17:27? Será que Ele deseja que as pessoas o busquem por sua própria sabedoria, muito embora 1 Coríntios 1:21 fale que Ele tornou isso impossível? Não, Deus nunca pretendeu que o homem pecaminoso procurasse e encontrasse a Ele por seus próprios meios. Dizer o oposto, além de contradizer 1 Coríntios 1:21, implicaria retratar Deus como desejando que o homem fizesse algo sem conhecer o resultado nem saber o que esperar, e Ele ficaria posteriormente desapontado porque o homem de fato falhou na tentativa de procurá-Lo e encontrá-Lo. Isso contradiz a onisciência e a soberania de Deus. Se algo não aconteceu, é porque Deus não queria que acontecesse. No entanto, a obra divina da providência impôs o dever moral sobre o homem de procurá-Lo e encontrá-Lo. Romanos 1 mostra que, antes de fazer o que corresponderia ao seu dever moral, os homens suprimiram o conhecimento inato que tinham de Deus, e no seu lugar adoraram ídolos.

Com isso em mente, vamos ler o versículo novamente, desta vez prestando especial atenção à porção final: “Deus fez isso para que os homens o buscassem e talvez, tateando, pudessem encontrá-lo, *embora não esteja longe de cada um de nós*”. Visto que Deus demonstra o seu poder e bondade na providência, o homem deve procurá-lo; no entanto, tem fracassado na tentativa de procurá-lo e encontrá-lo, muito embora Ele não esteja longe, e, portanto, todos aqueles que não conhecem a Deus estão sujeitos à condenação. Esse é o ataque do versículo. Novamente, trata-se de uma declaração que se opõe à religião e filosofia da sua audiência; de forma alguma os conforta ou congratula, nem mesmo sugere que eles já estejam “no caminho certo”. Antes, eles estão tomando a direção exatamente oposta daquela que Deus deseja que tomem, e é por isso que eles precisam se arrepender e não meramente se aperfeiçoar.

A declaração “[Ele] não esteja longe de cada um de nós”, é muito pertinente para a religião e a filosofia contemporâneas, e também fornece uma ilustração apropriada para a abordagem bíblica na apologética e no evangelismo, que por sua vez expõe a abordagem mal orientada dos cristãos contemporâneos. Os incrédulos tanto dos círculos acadêmicos quanto não-acadêmicos têm exprimido a opinião que as evidências para Deus e para o Cristianismo são incertas e não-convincentes. Eles reivindicam que se existe um Deus, se ele realmente deseja que as pessoas creiam nele, e se ele vai punir pessoas por não crerem nele, então ele não deveria por certo oferecer evidências melhores e mais claras do que as que temos por tanto tempo testemunhado? A existência de Deus e a verdade do Cristianismo não deveriam ser menos ambíguas?

Esse problema ou objeção é freqüentemente chamado de “obscuridade divina”. A abordagem típica assumida pelos teólogos e filósofos cristãos é de primeiro admitir que Deus de fato se oculta de nós, e tendo concordado com isto, tentam por sua vez oferecer argumentos pelos quais Deus está justificado em se ocultar, muito

embora ansiando Ele que as pessoas demonstrem crença nele. Muitos trabalhos que tentam resolver o problema da obscuridade divina nunca questionam a suposição que Deus esteja oculto.

No entanto trata-se de uma abordagem antibíblica, já que a Bíblia em si nega que Deus esteja de fato oculto. Ao invés disto, ela diz que “Ele não está longe de cada um de nós” (Atos 17:27) e que “o que de Deus se pode conhecer é manifesto entre eles, porque Deus lhes manifestou” (Romanos 1:19). Os cristãos que tentam responder à “obscuridade divina” por concordar primeiro que Deus está oculto adotaram suposições e princípios não-cristãos sem justificativa. Por que exasperar-se em defender Deus por ele fazer algo quando a Bíblia diz que ele tem feito o oposto? Por que ser tão precipitado em defender a suposta “obscuridade divina” quando a Bíblia diz que ele se fez conhecido e manifesto a todas as pessoas? Por que admitir que Deus é difícil de ser encontrado quando a Bíblia diz que ele não está longe de cada um de nós? Alguns de nós que alegam ser cristãos são, todavia, muito precipitados ao pensar como os não-cristãos, e agindo assim, mesmo que imaginemos estar defendendo a fé bíblica, temos na realidade a negado desde o início.

Com base em qual padrão de epistemologia ou “evidência” Deus está escondido? A epistemologia não-cristã é fatalmente defeituosa antes de tudo; essas pessoas precisam justificar a sua epistemologia antes de dizer que Deus está oculto. Algumas dessas pessoas podem reivindicar que viriam a crer em Deus se o vissem como uma grande bola de luz. Mas desde que o Deus que afirmamos é invisível, ele não é uma bola de luz. Portanto, se ele manifesta uma bola de luz a uma pessoa, não está de fato revelando a Sua própria pessoa – apenas fazendo algo para ela ver. Isto é, se o incrédulo sustenta uma epistemologia falsa, qualquer evidência que o convencer não será uma evidência que revela a verdade.

Se a pessoa apesar de tudo aceita isso como uma evidência, fez um salto lógico da bola de luz à existência de Deus. E essa “evidência” a forçaria a concluir que o Deus *cristão* existe? Problemas similares existem no caso de “evidências” como milagres ou aparições. O problema é que o empirismo em si não pode justificar qualquer crença, independentemente do que admita como evidência. E uma vez que nenhuma implicação necessária segue da observação, uma pessoa que confia no empirismo pode sempre evitar a conclusão que não considera agradável. Mas assim a culpa é da pessoa e não da evidência.

É claro, existem outras epistemologias não-cristãs além do empirismo, mas se somente a epistemologia cristã é verdadeira, as epistemologias não-cristãs excluem a verdade desde o início, e assim, quando exigem evidência que venha a lhes satisfazer, não podem chegar às conclusões corretas mesmo se fornecidas as evidências que desejam, pois as suas epistemologias são defeituosas. E uma vez que as suas epistemologias opõem-se aos primeiros princípios cristãos, a evidência que demandam freqüentemente irá contradizer a própria natureza das nossas reivindicações. Por exemplo, Deus é invisível, mas eles demandam evidência visível – neste caso qualquer evidência que os satisfaça não pode revelar a verdade e a natureza essencial de Deus.

Existem de fato evidências visíveis para o Cristianismo, tal que mesmo se assumirmos primeiros princípios não-cristãos por consideração ao argumento, podemos demonstrar que o Cristianismo permanece sendo o mais racional. Mas o

resultado dessa abordagem é sempre limitado pela epistemologia defeituosa dos incrédulos, e nós não precisamos nos contentar com isso se formos honrar Deus em nossa apologética e evangelismo. Em outras palavras, nós não precisamos nos contentar em apenas demonstrar que o Cristianismo é mais verossímil ou mais racional que as outras cosmovisões; antes, nós precisamos argumentar em prol do que a Bíblia realmente reivindica – isto é, que o Cristianismo é a única cosmovisão verdadeira e possível. As outras cosmovisões não são menos prováveis, mas impossíveis e tolas.

Dentro da estrutura intelectual erigida pelas pressuposições cristãs, Deus é perfeitamente claro – claro a ponto de ser inescapável, que literalmente tudo constitui evidência a favor da existência de Deus e da verdade do Cristianismo. Dentro da estrutura das pressuposições não-cristãs, as coisas não são igualmente claras. Mas por que nós precisaríamos ser desafiados sobre a base das pressuposições não-cristãs a menos que eles as possam justificar a nós? É claro, eles podem exigir justificativa para as nossas pressuposições, e é por isso que precisamos estudar a fim de argumentar sobre isso com eles. A lição é evitar ser constrangido a usar pressuposições não-cristãs, quando elas são exatamente o objeto das nossas argumentações. Mas uma vez que tenhamos conduzido o debate para o nível pressuposicional, já ganhamos.

A solução para a obscuridade divina é muito simples. A primeira parte da solução é negar que Deus esteja oculto realmente, pois a Bíblia deixa claro que ele não está longe e declara que fez a Si mesmo evidente. Mas então, parece que temos de explicar porque tantas pessoas não admitem a existência de Deus. Vamos primeiro procurar a resposta em Atos 17:27, e então retornar a Romanos 1 rapidamente.

As palavras “pudessem encontrá-lo” na NVI são melhor traduzidas por “tateando por Ele” na NASB. A expressão rejeita a percepção tacanha de descrentes tentando descobrir a verdade sobre Deus por meios válidos; antes, define o quadro de pessoas ignorantes e confusas tateando no escuro tentando desesperadamente fazer contato com a realidade, mas nunca alcançando conhecimento da verdade. A mesma linguagem foi usada por Homero quando fazia menção ao Ciclope cego, e por Platão na sua referência às suposições incertas pela verdade. Essa é a opinião de Paulo sobre o pensamento não-cristão do seu dia. Qual é a sua opinião sobre a ciência e a filosofia não-cristã contemporânea? Você admira a mente pagã? Mas nós temos a mente de Cristo.

A apresentação de Paulo em Atos 17 é plenamente consistente com a sua exposição do pensamento pagão pela perspectiva de Deus tal como em Romanos 1:

Portanto, a ira de Deus é revelada dos céus contra toda impiedade e injustiça dos homens que *suprimem a verdade pela injustiça*, pois o que de Deus se pode conhecer é manifesto entre eles, porque Deus lhes manifestou. Pois desde a criação do mundo os atributos invisíveis de Deus, seu eterno poder e sua natureza divina, têm sido vistos claramente, sendo compreendidos por meio das coisas criadas, de forma que tais homens são indesculpáveis; porque, tendo conhecido a Deus, não o glorificaram como Deus, nem lhe renderam graças, mas *os seus pensamentos tornaram-se fúteis e o coração insensato deles obscureceu-se*. Dizendo-se sábios, *tornaram-se loucos*. (v. 18-22)

Assim como Atos 17 expressa que Deus não está longe de nós, Romanos 1 diz que aquilo que pode ser conhecido de Deus é claro, pois foi tornado claro por Ele. Porém desde que nem todas as pessoas reconhecem esse Deus, isso dá margem à questão da obscuridade divina. O que está obviamente implicado em Atos 17 é explicitamente declarado em Romanos 1, literalmente, que a razão porque os incrédulos não fazem uma profissão consciente de Deus não é porque a “evidência” seja ininteligível, mas porque os incrédulos “suprimem a verdade”, e agem assim devido à sua “perversidade”. Consistente com a idéia que os incrédulos estão tateando no escuro, Romanos 1 diz que “os seus pensamentos tornaram-se fúteis”, que “o coração insensato deles obscureceu-se”, e que “tornaram-se loucos”.

Logo, ao passo que a primeira parte da resposta bíblica à suposta obscuridade divina é negar a obscuridade divina, a segunda parte dessa resposta expõe o verdadeiro problema, nominalmente, que os incrédulos são loucos depravados. O verdadeiro problema não é obscuridade divina mas cegueira humana! A evidência para Deus é tão clara que os incrédulos já O conhecem; deveras, eles nascem trazendo conhecimento dele. Mas porque são depravados, suprimem seu conhecimento de Ele e afastam de si essa consciência a um nível abaixo da sua percepção imediata. Eles se recusam a adorá-lo muito embora saibam algo sobre ele.

Eles enganam a si mesmos ao pensar que não o conhecem e que a evidência sobre ele é incerta. No entanto, uma vez que deveriam fazer melhor do que pensar dessa forma, e visto que apenas pensam assim devido à sua rebelião pecaminosa, Deus determinou que eles também sofreriam o tormento eterno no inferno em razão dessa perversidade obstinada. Ateístas e outros não-cristãos – tais como muçulmanos, mórmons e budistas – não se distinguem nesse sentido, em que ambos são culpados por se negarem a adorar o verdadeiro Deus, a despeito dele se fazer evidente a ambos os tipos de pessoas. O apóstolo Pedro ensina que os incrédulos “deliberadamente se esquecem” do poder e do juízo de Deus (2 Pedro 3:5-7);⁵⁸ a apologética bíblica é nossa recusa em deixar que eles escapem impunes.

Assim como você não aceitaria um diagnóstico de sua condição mental feito por uma pessoa insana, você não deveria aceitar uma opinião de um tolo sobre sua religião. Sem dúvida os incrédulos recusam reconhecer sua cegueira e incompetência intelectual, mas voltando à nossa ilustração, assim como você não aceitaria um diagnóstico da sua saúde mental feito por uma pessoa insana, não deveria aceitar a opinião do incrédulo sobre religião ou outros assuntos. Ele é intelectualmente cego, e é incompetente para julgar qualquer coisa. Sem dúvida, ele insistirá que a Bíblia está errada, mas visto que a infalibilidade bíblica é o nosso primeiro princípio, tomaremos a sua negação apenas como outra manifestação da sua cegueira e auto-engano. Novamente, é evidente que esse conflito pode ser estabelecido somente sobre o nível pressuposicional.

Como estabelecemos uma confrontação intelectual sobre o nível pressuposicional? Eu discuti algo disso anteriormente, e também em grande detalhe

⁵⁸ A NASB diz, “isso escapa à atenção deles”, e obscurece o significado da ignorância deliberada. Marvin Vincent mantém que as palavras significam literalmente, “isso lhes escapa por vontade própria” (*Word Studies, Vol. 1*; p. 704). Parece que muitas traduções modernas são capazes de captar isso, de forma que a NRSV diz, “Eles ignoram deliberadamente esse fato”, a ESV, “Eles deliberadamente negligenciam esse fato”, e a GNT, “Eles propositalmente ignoram o fato”. Veja também Barclay, Lattimore, Phillips, and Wuest.

em outros lugares.⁵⁹ Dessa vez irei enfatizar apenas um ponto. Qualquer declaração que alguém faça implica pressuposições com respeito à epistemologia, metafísica, lógica, lingüística e algumas coisas como ética e história. Quando faço uma objeção contra qualquer cosmovisão não-cristã, falo a partir de uma estrutura intelectual formada por pressuposições bíblicas, de forma que a inteligibilidade da minha objeção depende da coerência desses princípios anteriores. Quando desafiado pelo oponente, precisarei demonstrar a coerência dessas pressuposições, e finalmente, a invulnerabilidade ou a auto-autenticidade da minha autoridade última ou primeiro princípio. Isso requer que eu tenha um conhecimento bastante abrangente da teologia cristã, e tenha a capacidade de apresentá-lo bem. Se o conteúdo da teologia cristã satisfaz os requerimentos acima, então defendi com sucesso a cosmovisão. Ou, para colocar de outra forma, a cosmovisão se defendeu com sucesso pela simples verdade e coerência do seu conteúdo.

Mas então, eu tenho o direito de desafiar a verdade e coerência das pressuposições não-cristãs. Não importa o que meu oponente afirme, não importa que objeção ele levante contra o Cristianismo – não importa o que ele diga – eu tenho o direito de exigir que ele revele e justifique o fundamento da sua declaração, fazendo-a inteligível. Se sua declaração é uma objeção contra o Cristianismo, então eu tenho o direito de exigir que ele revele e justifique as pressuposições que tomam essa objeção inteligível, mesmo antes de começar a respondê-lo.

Se a alegação ou objeção é que, “a ressurreição de Cristo era impossível”, eu tenho o direito de perguntar: “A partir de qual fundamento ou estrutura intelectual você está fazendo essa declaração? E sobre a base de tal fundamento ou estrutura, sua declaração é ao menos inteligível? Baseado em que princípio você decide o que é possível e o que é impossível? E qual é a sua justificativa para se crer em tal princípio? Qual é a sua visão com respeito ao universo, dentro da qual a ressurreição de Cristo era impossível? E qual é a sua justificativa para crer nessa visão do universo?”.

O oponente não pode me dizer: “Apenas responda a pergunta!”. Minha posição é que a estrutura bíblica é a única estrutura intelectual verdadeira a partir da qual podemos ver a realidade, e a partir dessa estrutura, a ressurreição de Cristo foi tanto possível quanto um fato histórico. Mas meu oponente não crê que a estrutura seja verdadeira de forma alguma, muito menos que ela é a única que é verdadeira! Isto é, visto que a ressurreição não apresenta nenhum problema dentro da minha estrutura intelectual, então meu oponente deve estar fazendo sua objeção dentro de outra estrutura intelectual, e eu preciso conhecer as características dessa estrutura antes de poder respondê-lo. E se sua estrutura intelectual não faz nenhum sentido, então, em primeiro lugar, ele não pode fazer sua objeção corretamente.

Se Deus se relevou através da Bíblia, então é um argumento circular dizer que não podemos crer na Bíblia porque Deus não se revelou. Se a Bíblia é o que alega ser, então a revelação verbal é o meio de divulgação divina, e se a Bíblia é o que alega ser, então não temos nenhum direito de demandar algo mais. Portanto, qualquer objeção contra o Cristianismo baseada em encobrimento divino pressupõe uma rejeição da Escritura, e visto que a Escritura é a nossa autoridade última e primeiro princípio, o conflito imediatamente vai para o nível pressuposicional. Você pode ver então que

⁵⁹ Vincent Cheung, *Ultimate Questions*. [N.T: disponibilizado no *Monergismo.com* com o título *Questões Últimas*].

nada pode ser estabelecido sem confrontações pressuposicionais, pois é impossível argumentar sobre algo sem pressupor um fundamento ou estrutura intelectual, o qual, por sua vez, determina a direção e conteúdo dos nossos argumentos.

Agora, visto que creio que a estrutura bíblica é a única que é verdadeira, não pode certamente assumir a estrutura do meu oponente para demonstrar uma alegação bíblica. Contudo, eu posso reduzir a estrutura do incrédulo ao absurdo, ou demonstrar que o Cristianismo é mais racional, mesmo que eu assuma suas pressuposições em favor do argumento. Mas a menos que possa demonstrar a falsidade das pressuposições bíblicas, ele não pode me forçar a assumir suas pressuposições para provar as alegações bíblicas, visto que esse é precisamente o ponto em questão – o argumento é sobre quais cosmovisões são corretas. E se de fato ele tenta refutar as pressuposições bíblicas, apenas retornamos à questão de qual fundamento intelectual ele está assumindo ao fazer suas objeções.

Algumas pessoas negam que elas tenham quaisquer pressuposições, mas isso apenas significa que estão inconscientes delas. É verdade que a maioria das pessoas nunca considerou as questões filosóficas com precisão. Se alguém alega estar fazendo uma declaração inteligível, então ele tem inúmeras pressuposições que podem requerer justificativa. Por exemplo, para dizer que milagres são impossíveis, uma pessoa deve ter um princípio ou padrão intelectual pelo qual decide o que é possível e o que é impossível. Qual é esse princípio? Desafiamos tal pessoa a revelar e defender esse princípio ou padrão. Se ele não pode revelar ou defendê-lo, então ele mesmo não sabe o que está perguntando, e sua objeção não tem sentido. E se ele deve emprestar pressuposições bíblicas para tornar sua declaração inteligível – todos os incrédulos fazem isso sem admitir – então ela ainda é uma objeção, ou simplesmente um endosso obscuro do Cristianismo? Sua confusão, sem dúvida, é totalmente consistente com o que a Bíblia ensina sobre a condição intelectual do incrédulo.

v. 27b-29

Na NVI, versículos 27-29, lemos:

Deus fez isso para que os homens o buscassem e talvez, tateando, pudessem encontrá-lo, embora não esteja longe de cada um de nós. ‘Pois nele vivemos, nos movemos e existimos’, como disseram alguns dos poetas de vocês: ‘Também somos descendência dele’. “Assim, visto que somos descendência de Deus, não devemos pensar que a Divindade é semelhante a uma escultura de ouro, prata ou pedra, feita pela arte e imaginação do homem.

Contudo, eu parafrasearei e dividirei a passagem dessa forma:

Deus não está longe de cada um de nós, pois é por ele – sua vontade e poder – que vivemos, nos movemos e existimos” (v. 27b-28a).

Disseram alguns dos poetas de vocês: “Também somos descendência dele”. Mas se somos sua “descendência”, então é auto-contraditório vocês representarem Deus com imagens de ouro, prata ou pedra, feitas por homens (v. 28b-29).

Esse parágrafo e arranjo está baseado sobre o entendimento que “nele vivemos, nos movemos e existimos” (v. 28a) está topicamente conectado com “ele não está longe de cada um de nós” (v. . 27b), e que “visto que somos descendência de Deus...” (v. 29) está topicamente conectado com “disseram alguns dos poetas de vocês...” (v. 28b).

Esse entendimento, e assim esse arranjo, não é único. Por exemplo, a GNT diz: “Todavia, Deus não está realmente longe de nenhum de nós; como alguém disse, ‘Nele vivemos, nos movemos e existimos’ (v. 27b-28a). E como alguns dos seus poetas disseram, ‘Somos também seus filhos’. Visto que somos filhos de Deus... (v. 28b-29)”. E a CEV diz: “... embora ele não esteja longe de nenhum de nós: ‘Vivemos nele. Andamos nele. Existimos nele’ (v. 27b-28). Alguns dos seus poetas disseram: ‘Pois somos seus filhos’. Visto que somos filhos de Deus... (v. 28b-29)”.⁶⁰

Clemente de Alexandria (150-215) atribuiu a citação de Paulo de um escritor cretense à segunda linha de uma quadra⁶¹ por Epimênides de Creta (Tito 1:12). Lemos na quarta linha: “Pois em ti vivemos, nos movemos e temos nossa existência”. Contudo, não é claro que Paulo esteja citando o poema no versículo 28, pois a formulação na reflete a métrica ou estilo poético esperado, e ele não introduz a expressão como uma citação, como fez com a outra (“Também somos descendência dele”). Assim, a NASC não inclui aspas na primeira expressão em questão, e lemos: “... embora ele não esteja longe de cada um de nós; pois nele vivemos, nos movemos e existimos...”.

Essa primeira expressão no versículo 28, então, ilustra a última porção do versículo 27, e assim minha paráfrase: “Deus não está longe de cada um de nós, pois é por ele – sua vontade e poder – que vivemos, nos movemos e existimos”. Deus não está longe de cada um de nós no sentido que estamos constantemente dependendo dele, para nossa vida, nossas atividades e nossa própria existência. Relacionando isso ao ponto feito anteriormente, esse é o porquê é inescusável quando incrédulos negam a realidade e supremacia do Deus cristão. Eles tateiam no escuro como se Deus fosse difícil de ser encontrado, mas o próprio ato de tatear no escuro depende do seu sustento divino e sua benevolência geral!

Um escritor observa que argumentar sobre a existência de Deus é como argumentar sobre a existência do ar – você precisa estar respirando o ar enquanto argumenta sobre ele, e ele não existisse, você não estaria vivo para argumentar sobre ele em primeiro lugar. Isso coincide com o que temos dito sobre debater com incrédulos, que Deus é tanto a condição epistemológica como metafísica de todos os argumentos, de forma que a menos que um incrédulo possa fornecer pressuposições não-bíblicas com as quais faça suas declarações serem inteligíveis, o próprio fato que ele argumenta contra o Cristianismo pressupõe a verdade do Cristianismo. O conhecimento inescapável de Deus dentro dele é inconsistente com sua negação explícita de Deus e suas outras crenças explícitas.

Aqueles que desejam mostrar que Paulo está procurando um terreno comum com os incrédulos dizem que o apóstolo está citando literatura pagã para apoiar alegações bíblicas no versículo 28. Mas se tivermos em mente tudo que já

⁶⁰ Num momento, colocaremos dúvida sobre se deveríamos colocar aspas na frase “pois nele vivemos, nos movemos e existimos”.

⁶¹ Nota do tradutor: Estrofe de quatro versos.

estabelecemos quando discutindo os versículos 16-27, interpretar o versículo 28 a partir da perspectiva do “terreno comum” deveria ser rejeitado desde o princípio. Todavia, faremos algumas observações adicionais sobre o versículo e suas aparentes referências a literatura pagã.

Suponhamos, em favor do argumento, que a primeira parte do versículo 28 é pelo menos uma alusão à quadra de Epimênides, se não uma citação direta. O que a expressão significa em seu contexto original? “Pois em ti vivemos, nos movemos e temos nossa existência” é uma declaração sobre Zeus, feita dentro de uma estrutura intelectual politeísta ou panteísta, e realmente não tem nenhum contato com o Cristianismo. As palavras podem parecer algo que o Cristianismo diria, mas o significado é completamente diferente. Se os dois lados fossem declarar suas crenças de uma maneira precisa, todas as semelhanças superficiais desapareceriam.

Se Paulo está aqui usando a linha a partir de Epimênides – sem modificação ou qualificação – então como ele pode dizer que os não-cristãos são cegos e ignorantes (v. 23, 27, 30), visto que isso seria mostrar que eles têm conhecimento verdadeiro? Em Romanos 1, ele diz que os incrédulos suprimem a verdade sobre Deus, e em 1 Coríntios 1, que Deus ordenou isso para que os homens fracassassem em conhecer a Deus através da sabedoria humana. Mas se os não-cristãos são capazes de reconhecer que vivemos, nos movemos e existimos em Deus, *no sentido cristão* – isto é, se eles querem dizer o que dizem da mesma maneira ou similar que um cristão quereria dizer quando usando as mesmas palavras – então eles não são tão cegos e ignorantes, nem parece que eles suprimem a verdade sobre Deus e que a sabedoria humana não pode obter o conhecimento do verdadeiro Deus.

Contudo, visto que Paulo considera os incrédulos cegos e ignorantes, visto que ele crê que eles suprimem a verdade sobre Deus, e visto que ele afirma que a sabedoria humana não pode obter o conhecimento do verdadeiro Deus, ele não pode estar usando a linha de Epimênides sem modificação ou qualificação. Antes, se Paulo está realmente usando a expressão (v. 28a) para ilustrar a alegação bíblica que “[Deus] não está longe de cada um de nós” (v. 27b), então parece que ele está de fato usando as mesmas palavras num sentido cristão, tendo esvaziado a expressão de todo o seu significado original.

Tendo dito isso, não é claro que Paulo está citando Epimênides em primeiro lugar. Como Lenski escreve: “A declaração de Paulo não é métrica na forma, nem indica que ele esteja fazendo uma citação. Tudo que alguém pode dizer é que Paulo pode ter lido Epimênides e usado sua declaração numa formulação dele mesmo”.⁶² Em outras palavras, embora a declaração possa parecer similar, Paulo provavelmente não está usando-a como uma citação de Epimênides, e as duas pretendem transmitir algo muito diferente.

A outra expressão no versículo 28, “Também somos descendência dele”, é de fato uma citação de literatura pagã, como o próprio Paulo indica e, portanto, devemos tratá-la como tal. Contudo, simplesmente porque Paulo cita algo não significa que ele concorde com a declaração ou com seu autor. Depende de como ele está usando a citação. Anteriormente, eu dei o exemplo que embora esteja citando Sanders, não estou usando a citação para apoio, mas como um exemplo a ser refutado. Da mesma

⁶² R. C. H. Lenski, *Commentary on the New Testament: Acts*; Hendrickson Publishers, 2001 (original: 1934); p. 732.

forma, veremos que o uso de Paulo da declaração, “Também somos descendência dele”, não concede nenhum apoio à perspectiva do “terreno comum” na religião ou apologética, mas sim prova ser outro assalto contra a verdade e coerência das crenças pagãs.

A citação vem de Aratus (315-240 a.C.), numa linha de sua obra *Phaenomena*. Entre outras coisas, ele foi um médico, astrônomo, matemática e poeta. Por vários anos viveu em Atenas e foi um estudante de Zeno. Enquanto em Atenas, escreveu *Phaenomena*, que se tornou muito popular por vários séculos no mundo de fala grega. Paulo usa o plural em “como disseram alguns dos *poetas* de vocês”, pois o mesmo pensamento apareceu em pelo menos outro autor de outra forma, a saber, no “Hino a Zeus”, do filósofo ateniense e estóico Cleanthes (300-220 a.C.). Num contexto relevante, Crisóstomo cita outro poeta, Timagenes. Todavia, sabemos que Paulo está citando Aratus, pois a declaração citada é a mesma que Aratus escreveu.

Como uma digressão – uma importante digressão – embora ter um conhecimento de Homero e Platão dificilmente faria alguém especialmente bem educado naqueles dias (ou mesmo hoje), o conhecimento de Paulo de escritores relativamente secundários, sua relação acadêmica particular com Gamaliel (Atos 22:3), e as exposições magníficas contidas em seus escritos, certamente garantem a avaliação de que “Paulo era um erudito”.⁶³ Ele era de fato um intelectual extraordinário, e se devemos imitar outros aspectos da vida e do pensamento do apóstolo, tais como sua integridade e zelo, não hesitaríamos em imitar também esse aspecto da sua vida, mesmo que signifique nadar contra as tendências antiintelectuais da igreja e do mundo. Possa Deus conceder à igreja muitos crentes que sejam “cultos, inteligentes”, dominando “os vários campos do conhecimento” e que mostrem “sabedoria e inteligência para conhecerem todos os aspectos da cultura e da ciência” (Daniel 1:4, 17). Um exército de crentes tendo essas qualidades dissiparia a maldição do domínio não-cristão no mundo acadêmico.

Retornando à citação em questão, lembremos rapidamente do ensino bíblico com respeito à expressão, “os filhos de Deus”. A Escritura nega que todos os seres humanos sejam filhos de Deus; antes, ela ensina que todos os não-cristãos são filhos do diabo, da ira e das trevas (João 8:44, Efésios 2:3, 5:8). O apóstolo João até mesmo nos diz como distinguir os filhos de Deus dos filhos do diabo (1 João 3:10). Assim, nem todos são filhos de Deus no sentido espiritual; contudo, todos os seres humanos são criaturas de Deus, visto que Deus criou todos eles. Portanto, todos os seres humanos – cristãos e não-cristãos – são *criaturas* de Deus, mas somente os cristãos são *filhos* de Deus. É impressionante como até mesmo alguns cristãos professos podem dizer que, “somos todos filhos de Deus”, e incluir os não-cristão em tal declaração. Não, se você é um não-cristão, você é um filho do diabo.

De forma alguma Paulo pode estar de acordo com a declaração de Aratus. Quer Aratus esteja se referindo à criação ou relação, ele está falando de Zeus, e Zeus não é nada parecido com o Deus da Bíblia. É muita tolice admitir que Aratus está falando de Zeus, e então afirmar o uso da citação por Paulo como tendo qualquer concordância com o Cristianismo. Não podemos simplesmente aplicar uma declaração sobre Zeus ao Deus cristão, pois o “dele” em “também somos descendência dele” tem um significado muito definido, de forma que a declaração

⁶³ Kenneth S. Wuest, *Treasures from the New Testament*; William B. Eerdmans Publishing Company, 1941; p. 54.

realmente significa: “Também somos descendência [de Zeus]”. Podemos aplicar essa última versão, que é mais precisa, ao Deus cristão? Sem dúvida não, mas isso é o que Aratus quer dizer por “também somos descendência dele”, de forma que em sua mente “também somos descendência dele” = “também somos descendência [de Zeus]”.

Uma palavra como “dele” sempre tem uma referência definida quando aparece dentro de um determinado contexto, e não podemos tratá-lo como sem significado ou como completamente flexível. Não podemos tomar o “dele” de uma declaração de outra pessoa, e substituí-lo por qualquer referência que desejarmos. Fazê-lo a transformaria numa declaração totalmente diferente. Se por “também somos descendência *dele*” Aratus quer dizer “também somos descendência *de Zeus*”, então quando dizemos “também somos descendência *dele*”, mas queremos dizer, “também somos descendência *de Jeová* (o Deus cristão)”, estamos dizendo algo completamente diferente, visto que “também somos descendência *de Zeus*” é obviamente diferente de “também somos descendência *de Jeová*”. Paulo afirmaria que todos os seres humanos são descendência do Deus cristão no sentido que todos são suas criaturas, mas então Aratus não teria concordado. Isso deveria ser muito simples de entender, não fosse a avidez de muitas pessoas em mostrar que Paulo cita autoridades pagãs com aprovando, quando ele está citando-os com um propósito muito diferente em mente.

A fim de entender a intenção de Paulo, precisamos ver como ele usa a citação de Aratus. Assim, procedemos para o versículo 29: “Assim, visto que somos descendência de Deus, não devemos pensar que a Divindade é semelhante a uma escultura de ouro, prata ou pedra, feita pela arte e imaginação do homem”. Se somos descendência de Deus (quer Zeus ou algum outro), então como Deus pode ser inferior que a nós ou ser representado por algo inferior a nós? Se Deus é algo inferior a nós ou é representado por algo inferior a nós, então como podemos ser sua descendência, ou como Deus pode ser algo superior a nós? Qual das duas opções ele é? Eles não podiam afirmar as duas coisas.

Paulo está citando uma coisa que muitos deles afirmavam para contradizer outra coisa que muitos deles também afirmavam. Portanto, a melhor explicação da citação é que Paulo *não* está usando Aratus *para apoiar a visão cristã* da natureza de Deus, mas está usando Aratus *para refutar a visão ateniense* da natureza de Deus. Assim, Paulo desmorona a religião grega popular nesse ponto com um *argumentum ad hominem*, argumento esse que não deve ser entendido aqui como um ataque pessoal irrelevante, como às vezes significa, mas como “um argumento provando a conclusão a partir de princípios ou práticas do próprio oponente, frequentemente mostrando-lhes ser o contrário ao seu argumento”.⁶⁴

A paráfrase de Eugene Peterson dos versículos 28 e 29 é útil ao torna aparente o argumento *ad hominem*: “Um dos seus poetas disse muito bem: ‘Somos criaturas de Deus’. Bem, se somos criaturas de Deus, não faz o mínimo sentido pensar que podemos pagar um escultor para esculpir um deus a partir da pedra para nós, faz?” (Peterson, *The Message*). Lembre-se que a primeira ocorrência de “criaturas de Deus” nessa paráfrase significa “criaturas de Zeus” e, portanto, não tem nenhuma concordância com o Cristianismo. Contudo, a segunda ocorrência pode se referir a um

⁶⁴ Também, “Um apelo às predisposições ou admissões conhecidas da pessoa abordada”. Veja Lenski, *Acts*; p. 741.

conceito geral de deidade, visto que isso é sobre o que Paulo está argumentando – a natureza de Deus. Seria menos enganoso se lêssemos a paráfrase da seguinte maneira:

Um dos seus poetas disse: “Somos criaturas de Zeus”. Mas se somos criaturas de “Deus”, então é auto-contraditório pensar que o ser divino ou a natureza divina consiste ou pode ser representado por uma imagem de ouro, prata ou pedra.

Isto é, “embora alegando serem criaturas de ‘Deus’, ao mesmo tempo vocês pensam que o ser divino pode ser representado por um imagem feita de ouro ou pedra, e assim vocês se contradizem, e sua religião se autodestrói”.

A abordagem bíblica para a apologética envolve expor as contradições internas das religiões e filosofias não-cristãs. Em primeiro lugar, o intelecto humano é finito, e é impossível à sabedoria humana por si só definir uma cosmovisão verdadeira, abrangente e mesmo coerente. Adicionalmente, a pecaminosidade humana corrompeu a mente, e assim é impossível ao homem conhecer a verdade sobre Deus e a Sua criação sem revelação especial, tal como as palavras das Escrituras. No entanto, as religiões e filosofias não-cristãs são tentativas de apreender a natureza da realidade e suas implicações à parte da revelação divina do único Deus verdadeiro. Logo, todas as religiões e filosofias não-cristãs são fadadas ao fracasso.

Em adição, uma vez que o conhecimento de Deus é inescapável, sendo inato na mente e evidente na criação, as religiões e filosofias não-cristãs invariavelmente furtam pressuposições cristãs que fazem pleno sentido dentro da estrutura bíblica, mas que contradizem as outras pressuposições centrais dos sistemas não-cristãos. Porém, ao mesmo tempo, essas pressuposições bíblicas, ainda que distorcidas nas mãos dos descrentes, são necessárias para sustentar algumas de suas crenças mais estimadas, tal como as do campo da ética.

Aderentes dos sistemas não-cristãos podem também reivindicar que a Bíblia se contradiz, e este é o porquê dos cristãos estarem no dever de aprender como responder, mostrando que a cosmovisão cristã, quando corretamente entendida, não contém contradições, e por outro lado, que todas as cosmovisões não-cristãs, quando corretamente entendidas, são repletas de contradições e de outras falhas fatais.

v. 30a

Então, o versículo 30 diz “No passado Deus não levou em conta essa ignorância, mas agora ordena que todos, em todo lugar, se arrependam”. Essa passagem traz implicações importantes para a história e para a filosofia da religião, para o status intelectual dos sistemas não-cristãos, para as bases da ética, e para o domínio moral universal e exclusivo do Cristianismo. Não é possível debater todos esses aspectos em detalhes e, de fato, antes de começarmos a falar sobre qualquer um deles, precisamos explicar a primeira parte do versículo a fim de evitar alguns mal-entendidos grosseiros.

Os comentaristas não hesitam em ressaltar que é muito duvidoso traduzir como “tolerou” (KJV) o que é traduzido como “não levou em conta” na NVI, uma vez que “tolerou” pode implicar aprovação ou ao menos indiferença. Embora “não levou em conta” seja uma tradução melhor, está ainda sujeita a mal-entendidos similares, e

parece que muito poucos comentaristas podem dizer com clareza e precisão em que sentido Deus “não levou em conta” a ignorância dos gentios. No entanto, não precisamos ser agnósticos com relação ao significado desse versículo, pois há passagens paralelas relevantes nos escritos e sermões de Paulo que esclarecem o que ele quer dizer no versículo 30. Essas passagens incluem Romanos 1:21-32 e Atos 14:15-17.

Primeiro, precisamos ler Romanos 1:21-31 a fim de estabelecer várias coisas que, tendo-as em mente, ajudarão no entendimento do significado de Atos 14:15-17 e Atos 17:30. É claro, não posso tomar tempo explicando a passagem em detalhes, mas leia-a cuidadosamente e atente às palavras destacadas:

“...porque, tendo conhecido a Deus, não o glorificaram como Deus, nem lhe renderam graças, mas os seus pensamentos tornaram-se fúteis e o coração insensato deles obscureceu-se. Dizendo-se sábios, tornaram-se loucos e trocaram a glória do Deus imortal por imagens feitas segundo a semelhança do homem mortal, bem como de pássaros, quadrúpedes e répteis.”

“*Por isso Deus os entregou* à impureza sexual, segundo os desejos pecaminosos do seu coração, para a degradação do seu corpo entre si. Trocaram a verdade de Deus pela mentira, e adoraram e serviram a coisas e seres criados, em lugar do Criador, que é bendito para sempre. Amém.”

“*Por causa disso Deus os entregou* a paixões vergonhosas. Até suas mulheres trocaram suas relações sexuais naturais por outras, contrárias à natureza. Da mesma forma, os homens também abandonaram as relações naturais com as mulheres e se inflamaram de paixão uns pelos outros. Começaram a cometer atos indecentes, homens com homens, e receberam em si mesmos o castigo merecido pela sua perversão.”

“Além do mais, visto que desprezaram o conhecimento de Deus, *ele os entregou* a uma disposição mental reprovável, para praticarem o que não deviam. Tornaram-se cheios de toda sorte de injustiça, maldade, ganância e depravação. Estão cheios de inveja, homicídio, rivalidades, engano e malícia. São bisbilhoteiros, caluniadores, inimigos de Deus, insolentes, arrogantes e presunçosos; inventam maneiras de praticar o mal; desobedecem a seus pais; são insensatos, desleais, sem amor pela família, implacáveis. Embora conheçam o justo decreto de Deus, de que as pessoas que praticam tais coisas merecem a morte, não somente continuam a praticá-las, mas também aprovam aqueles que as praticam.”

Já mencionamos a relevância de Romanos 1 para Atos 17 – ambas as passagens tratam das crenças pagãs, e nelas Paulo é consistente na sua teologia e abordagem concernentes a essas crenças pagãs. Aqui em Romanos 1, Paulo fala que porque as pessoas falharam em reconhecer o verdadeiro Deus, adorando falsos deuses, Deus “os entregou” a toda sorte de crenças destrutivas, atitudes pecaminosas e práticas depravadas. Assim, dessa única passagem sabemos que quando Paulo fala “No passado Deus *não levou em conta* essa ignorância” (Atos 17:30), não quer dizer que Deus aprovava ou era indiferente com as religiões pagãs. Antes, parece que Deus estava num sentido julgando os pagãos em todo tempo.

Da perspectiva bíblica, Deus estende a sua graça sobre uma nação quando a chama ao arrependimento pelos meios da proclamação verbal e julgamentos temporais. Embora a história bíblica registre numerosas ocasiões em que Deus agiu de forma enérgica com a nação de Israel, nunca lidou com as nações pagãs usando os mesmos termos explícitos. Não faça confusão nesse ponto – Deus freqüentemente lidou com as nações pagãs quanto à sua adoração a ídolos e práticas pecaminosas; Ele mesmo converteu alguns pagãos, exigindo que deixassem seus ídolos e fizessem uma profissão pública de fé. Mas Deus nunca lidou com eles da mesma forma que lidou com Israel, enviando profetas e milagres, punições e vários exílios a fim de refrear seus corações maus e trazê-los de volta à fé apropriada.

Por exemplo, aqui estão algumas passagens de Jeremias ilustrando a política divina para Israel:

‘Desde a época em que os seus antepassados saíram do Egito até o dia de hoje, eu lhes enviei os meus servos, os profetas, dia após dia... Porque eles não deram atenção às minhas palavras’, declara o Senhor, ‘palavras que lhes enviei pelos meus servos, os profetas. E vocês também não deram atenção!’, diz o Senhor... ‘Voltaram as costas para mim e não o rosto; embora eu os tenha ensinado vez após vez, não quiseram ouvir-me nem aceitaram a correção... Enviei a vocês, repetidas vezes, todos os meus servos, os profetas. Eles lhes diziam que cada um de vocês deveria converter-se da sua má conduta, corrigir as suas ações e deixar de seguir outros deuses para prestar-lhes culto. Assim, vocês habitariam na terra que dei a vocês e a seus antepassados. Mas vocês não me deram atenção nem me obedeceram’ (Jeremias 7:25, 29:19, 32:33, 35:15)

Jesus em pessoa focou sobre a pregação aos Judeus quando esteve na terra, e admoestou seus discípulos a fazerem o mesmo: “Ele respondeu: ‘Eu fui enviado apenas às ovelhas perdidas de Israel’” (Mateus 15:24); “Jesus enviou os doze com as seguintes instruções: ‘Não se dirijam aos gentios, nem entrem em cidade alguma dos samaritanos. Antes, dirijam-se às ovelhas perdidas de Israel’” (Mateus 10:5-6).

Essa é a forma que Deus escolheu tratar o mundo após a ascensão de Cristo e o derramamento do Espírito Santo. Antes de Cristo ascender ao céu, deixou instruções no sentido de que o Cristianismo deveria ser uma fé global, e que seus discípulos deveriam se esforçar naquilo que agora chamamos de evangelismo global, ou missões globais: “Mas receberão poder quando o Espírito Santo descer sobre vocês, e serão minhas testemunhas em Jerusalém, em toda a Judéia e Samaria, e até os confins da terra” (Atos 1:8).

Com isso em mente, dificilmente precisaremos de Atos 14:15-17 para entender Atos 17:30, mas essa passagem ainda é proveitosa, pois veremos que corresponde à explicação anterior:

“Homens, por que vocês estão fazendo isso? Nós também somos humanos como vocês. Estamos trazendo boas novas para vocês, dizendo-lhes que se afastem dessas coisas vãs e se voltem para o Deus vivo, que fez os céus, a terra, o mar e tudo o que neles há. No passado ele permitiu que todas as nações seguissem os seus próprios caminhos. Contudo, Deus não ficou sem testemunho: mostrou sua bondade, dando-lhes chuva do céu e colheitas no

tempo certo, concedendo-lhes sustento com fartura e um coração cheio de alegria”.

Tendo em vista como tratou os Judeus, Deus num sentido “permitiu que todas as nações seguissem os seus próprios caminhos” até o Pentecoste. Mas o versículo seguinte conta que Deus não ficou “sem testemunho”, portanto não era o caso de Deus ignorar os Gentios, mas apenas de ter uma política diferente com eles até aquele momento. Essa diferença na política com os gentios envolvia uma relativa escassez de revelação verbal e atos menos espetaculares da providência divina. Novamente, ele não ficou “sem testemunho”, de forma que de fato deu aos Gentios algumas revelação verbal sobre Si mesmo através dos profetas, demonstrando-lhes alguns atos da providência especial, embora tenha testificado de Si – sobretudo pela providência geral referida aqui em Atos 14:17 – de modo que mesmo a alegria é um testemunho do Deus cristão.

Tal como demonstra Romanos 1 e outras passagens, embora a sabedoria humana em si não possa chegar a um conhecimento de Deus e a um conhecimento da salvação pela providência geral, esta é suficiente para tornar o homem culpado por sua ignorância e rebelião contra Deus. Portanto, não permita o mal-entendido que Deus “fez vista grossa” à rebelião pecaminosa dos Gentios no sentido de que nenhum deles foi condenado ao inferno até a ocasião do Pentecostes!

A Escritura é inequívoca em afirmar que os incrédulos são condenados ao inferno. Mesmo os Judeus, debaixo do Antigo Pacto, deveriam professar explicitamente a Cristo para serem salvos, ainda que não conhecendo muitos dos detalhes inerentes à Sua vida e ministério: “Foi a respeito dessa salvação que os profetas que falaram da graça destinada a vocês investigaram e examinaram, procurando saber o tempo e as circunstâncias para os quais apontava o Espírito de Cristo que neles estava, quando lhes predisse os sofrimentos de Cristo e as glórias que se seguiriam àqueles sofrimentos” (1 Pedro 1:10-11).

O “evangelho” não foi introduzido por Jesus como se ninguém o conhecesse antes do Seu ministério. Gálatas 3:8 diz que Deus “anunciou primeiro as boas novas a Abraão” declarando em seguida que “Deus justificaria os gentios pela fé”. Moisés declara ao seu povo que “O SENHOR, o seu Deus, levantará do meio de seus próprios irmãos um profeta como eu; ouçam-no” (Deuteronômio 18:15). Hebreus 11:26 diz que Moisés sofreu desgraça “pela causa de Cristo”, e não por alguma pessoa ou princípio indefinidos. Mesmo antes disso, imediatamente após Adão e Eva terem pecado, Deus declarou que a salvação viria por intermédio de Cristo: “Porei inimizade entre você e a mulher, entre a sua descendência e o descendente* dela; este lhe ferirá a cabeça, e você lhe ferirá o calcanhar” (Gênesis 3:15). Reconhecemos que o evangelho não foi plenamente revelado até a era de Cristo e dos apóstolos, mas permanece o fato que o povo de Deus tinha um conhecimento considerável ao longo de todas as eras.

De fato, 1 Pedro 1:10-11 sugere que o principal desconhecimento dos profetas era a respeito do “tempo e as circunstâncias” daquilo que já sabiam que estava por acontecer. O versículo 11 diz que eles sabiam a respeito dos “sofrimentos de Cristo e as glórias que se seguiriam àqueles sofrimentos”. Assim eles certamente tinham conhecimento suficiente para alcançarem a salvação por meio de Cristo, e logo, num sentido, podemos chamá-los de “cristãos”. Desde que a fé em Cristo tem sido sempre o único meio de salvação, e desde que mesmo os crentes da antiga dispensação eram

salvos somente pela fé em Cristo, podemos sem reservas afirmar que em toda a história passada, incluindo as eras do Antigo Testamento, somente os “cristãos” foram salvos e que todos os não-cristãos mortos estão agora no inferno. Mesmo com uma maior clareza e ênfase, as Escrituras agora declaram que somente os cristãos serão salvos, e que todos os não-cristãos sofrerão tormento incessante no inferno. Não há esperança para qualquer pessoa à parte de uma explícita profissão de fé em Cristo; ele é a única saída do tormento indescritível e perpétuo na vida após a morte.

Isso nos leva à segunda parte de Atos 17:30. O versículo diz “*No passado Deus não levou em conta essa ignorância, mas agora ordena que todos, em todo lugar, se arrependam*”. No passado, os propósitos salvíficos de Deus foram basicamente direcionados aos judeus,⁶⁵ e neste sentido ele “não levou em conta” a ignorância dos Gentios, mas agora ordena que *todas as pessoas de todos os lugares* se arrependam, demonstrando que a autoridade e a bênção do evangelho transcendem todas as fronteiras étnicas, culturais e geográficas. Positivamente, isso significa que Deus está colocando os seus eleitos entre todos os povos e o poder salvador do evangelho está se expandindo por todo o mundo. Negativamente, isso significa que desde que a revelação verbal de Deus está agora se expandindo por todo o mundo, sua ira está sendo multiplicada e despejada sobre toda a espécie de pessoa que rejeita o evangelho.

v. 30b

Paulo inicia o seu discurso ressaltando a ignorância dos atenienses e [como apóstolo] seu conhecimento e autoridade (v. 23); nessas circunstâncias, salienta novamente a ignorância deles e aproxima-se do término da sua declaração, e, de uma posição de conhecimento e autoridade, proclama a ordem divina a que todos se arrependam e creiam em Cristo (v. 30). Como mencionado, muitos comentaristas vêem Paulo como que tentando elogiar os atenienses pelo conhecimento que já obtiveram se tão-somente permitirem a ele suprir o pouco de informação que ainda lhes falta. Mas quando Paulo sumariza o seu discurso dizendo que suas religiões e filosofias são exemplos de ignorância (v. 30), torna-se ainda mais óbvio que o propósito do seu discurso (v. 22-29) era contrastar a ignorância deles com o seu conhecimento, e a futilidade da filosofia pagã com a magnificência da filosofia bíblica. Ele não diz admirar a competência filosófica dos atenienses, somente ansiando que avancem um pouco e declarem a cosmovisão cristã. Antes, Paulo afirma que elas são pessoas ignorantes, que não sabem do que estão falando; que ele, Paulo, é aquele que tem a resposta, e que precisam agora dar as costas aos seus ídolos e em seu lugar adorar o seu Deus.

Note a urgência, a autoridade e a universalidade da declaração de Paulo – “mas agora ordena que todos, em todo lugar, se arrependam” – *agora... ordena... todos... em todo lugar... arrependam!* Ninguém é poupado dessa obrigação moral; ninguém é aceitável a Deus à parte do arrependimento e da fé em Cristo. Os incrédulos querem nos fazer crer que isso é ser muito mente-fechada, arrogante e insensível. Como se atreve a dizer que apenas você está certo e que todas as demais pessoas estão erradas? Mas elas estão defendendo uma posição igualmente exclusivista. Estão dizendo que qualquer pessoa que não pense como elas está

⁶⁵ Segue-se que, se relativamente poucos gentios foram convertidos no passado, então Deus colocou relativamente poucos indivíduos eleitos nas nações e culturas gentílicas.

equivocada,⁶⁶ tal como dizemos que todo aquele que não pensa como nós está errado. A diferença é que nós admitimos isso, enquanto que elas fazem a mesma coisa e mentem sobre isso. Toda proposição necessariamente exclui as proposições contraditórias a ela; portanto, qualquer um que afirme algo está num sentido defendendo uma proposição exclusivista. A questão é qual reivindicação exclusivista é correta, e não se devemos ou não fazer reivindicações exclusivistas.

Chamar-nos de falsos ou arrogantes por declararmos que somente a cosmovisão cristã é verdadeira é antes de tudo argumentar em círculos, pois se o que estamos dizendo é de fato verdade, não somos realmente arrogantes ou equivocados. Mas devemos ser assim tão confrontadores quando debatemos essas questões? Não poderíamos dar ao incrédulo a possibilidade de poder contar com alguma coisa? Devemos desconcertá-lo e contradizê-lo em cada ponto? Essas questões ou desafios novamente implicam argumentação circular. Se a cosmovisão bíblica é exclusivamente verdadeira, e então se o que estamos usando é a abordagem bíblica, essa postura é correta. O incrédulo deve parar de se esconder atrás de questões periféricas como sentimentos feridos e convenções sociais, e responder as questões últimas. Da perspectiva bíblica, o cristão não está confrontando o incrédulo sobre a base das suas credenciais humanas, mas sobre a base da revelação divina. Ele é o meio pelo qual Deus fala ao não-cristão “Prepare-se como simples homem; vou fazer-lhe perguntas, e você me responderá” (Jó 38:3).

Se você é um incrédulo, todas as suas crenças principais estão erradas – todas elas.⁶⁷ Você está errado e eu estou certo. Mas eu estou certo somente porque creio no que as Escrituras me ensinam, e estou certo somente até o ponto em que afirmo o ensino escriturístico. As palavras das Escrituras são as palavras do próprio Deus, e como falo a você a partir das Escrituras, estou, portanto, falando pela autoridade de Deus. Este Deus é o único Deus – não há outro Deus; o Cristianismo é sua única revelação – não há outra revelação. E agora, este único Deus que revelou a si mesmo tão-somente pelo Cristianismo ordena que você se arrependa e creia no evangelho. Desde que ele impôs sobre você o dever moral de se arrepender e crer, se você não fizer isso será acusado de ostensiva rebeldia contra essa autoridade, junto dos muitos outros pecados pelos quais é culpado perante Deus.

Crer em Cristo leva à salvação; descreer dele leva à destruição. Porém, já que a sua crença nem mesmo compete a você, desde que a fé é uma dádiva de Deus, então compete a Ele se for o caso de você recebê-la. Ademais, não há outra saída – o ateísmo condenará você para sempre, o agnosticismo é uma farsa execrável, e o Islã e o Budismo não podem salvá-lo. Somente o evangelho cristão e seu Deus pode salvá-lo, e você está completamente à Sua mercê. Se você verdadeiramente compreender o seu estado ignóbil e sinceramente clamar a Deus por misericórdia e salvação por meio de Cristo, saberá que Deus já o elegeu e o regenerou; caso contrário, a sua vida presente será uma existência sem sentido, e a sua próxima vida será um sofrimento interminável no inferno.

⁶⁶ Isto é, eles estão dizendo que somente aqueles que estão certos dizem que é errado dizer que somente nós estamos certos e os outros errados.

⁶⁷ Embora eu enfatize crenças principais nesse capítulo, num sentido todas as crenças menores de um incrédulo são também erradas, pois são as crenças principais que formam o contexto para todas as menores. Os axiomas básicos de uma cosmovisão determinam seus teoremas subsidiários.

Por outro lado, se você é um cristão, então está certo, e os incrédulos estão errados – todos eles. A consideração acima resume o evangelho que você deve pregar. Muitos cristãos declaram afirmar a exclusividade do Cristianismo, mas quando ele é expresso nesses termos explícitos, recuam em se identificar com isso. Mas se você diz que é cristão, está declarando que crê na mensagem do evangelho acima expressa, e é isso o que você deve professar perante crentes e descrentes. Você pode ter sido doutrinado com idéias não-cristãs acerca de como as sociedades cultas devem se portar, isto é, que devemos “tolerar” as crenças das outras pessoas, que não devemos reivindicar estar certos e dizer que todos os que discordam estão errados, e que não devemos debater em detrimento das crenças alheias. Mas tratam-se de princípios antibíblicos que as pessoas usam a fim de neutralizar a influência do Cristianismo e de evitar confrontações com a verdade bíblica. Não seja ludibriado por eles.

Assim, você precisa pregar um evangelho explicitamente exclusivo – que ofende os não-eleitos. Mas se mesmo você que afirma ser cristão é ofendido por ele, então qual evangelho você professa? E qual evangelho você prega? Jesus diz, “Aquele que não está comigo, está contra mim; e aquele que comigo não ajunta, espalha” (Mateus 12:30). Não existe posição neutra – ou você é amigo ou é inimigo de Cristo. Se você afirma ser amigo de Cristo, então foi comissionado a levar “cativo todo pensamento” a ele, e “torná-lo obediente a Cristo” (2 Coríntios 10:5). Isso significa que você não deve permitir ao incrédulo ser bem sucedido com qualquer coisa que tenha contra Cristo; isso é uma declaração de guerra contra todo e qualquer detalhe do pensamento não-cristão. Você é por Cristo ou contra Cristo? Se você é por Cristo, é contra o mundo.

Retomar um aspecto sobre a ética vai nos fornecer uma introdução apropriada para o versículo seguinte. O versículo 30 diz, “agora ordena que todos, em todo lugar, se arrependam”. A ética cristã está baseada sobre os mandamentos divinos, de forma que algo é moralmente bom porque Deus determinou ser bom, e algo é moralmente ruim porque Deus o proibiu. Por exemplo, era moralmente errado Adão e Eva comerem da árvore proibida não porque o ato de comer a fruta de uma árvore, ou mesmo comer dessa árvore, fosse inerentemente errado, mas era um mal moral porque Deus verbalmente os proibiu de comerem do fruto dessa árvore em particular.

A obrigação moral está baseada e é determinada pela autoridade divina. Portanto, quando Paulo diz que Deus ordena as pessoas de todos os lugares a se arrependerem, isso significa que Deus impôs sobre todos os seres humanos a obrigação moral de se arrependerem. É mais do que uma sugestão ou convite; o fracasso em obedecer constitui pecado. Desde que a ordem é universal, a obrigação moral estabelecida também é universal. No entanto, a capacidade de cumprir essa obrigação moral não é necessariamente universal.

A suposição que a ordem moral implique a capacidade moral é falsa. A ordem moral somente implica a determinação prévia de uma ordem divina e o comprometimento divino de reforçar essa ordem pela recompensa e punição. Se a pessoa sobre a qual a obrigação moral recai tem a capacidade de cumpri-la, isso é uma questão inteiramente à parte. Deveras a Bíblia ensina que ninguém pode ser justificado pela obediência à lei, pois ninguém tem a capacidade de obedecer-lha; todavia, a obrigação moral está aí, e a menos que Deus escolha alguém para salvar, todos estão condenados debaixo da lei. A capacidade de arrepender-se e crer resulta

da graça soberana de Deus pela regeneração do pecador, dando-lhe a capacidade moral que antes faltava.

v. 31

Sem levar adiante o que já discutimos acima, prosseguimos para o versículo 31, onde Paulo diz que Deus vai forçar Suas ordens morais sobre todos os seres humanos: “Pois estabeleceu um dia em que há de julgar o mundo com justiça, por meio do homem que designou”. É claro, a ordem de Deus para que os humanos se *arrependam* assume sua desobediência prévia às Suas outras ordens morais, e a única forma de escapar da ira de Deus é obedecer a essa ordem de se arrepender. Aqueles que não se arrependem enfrentarão o julgamento divino e a condenação eterna.

Paulo usa a ressurreição de Cristo como a base pela qual anuncia o julgamento divino dos incrédulos: “Pois estabeleceu um dia em que há de julgar o mundo com justiça, por meio do homem que designou. E [*ele*] deu provas disso a todos, ressuscitando-o dentre os mortos” (v. 31). A palavra “disso” refere-se ao julgamento, e “ele” refere-se a Deus. A fim de parafrasear, “Deus tem dado a todos os homens provas de que definiu um dia em que vai julgar o mundo com justiça por intermédio do homem que designou e ressuscitou da morte”. Isto é, a ressurreição de Cristo é prova para o julgamento do mundo, ou mais especificamente, que Deus o designou para julgar o mundo.

Mas os atenienses negavam que a ressurreição fosse possível; eles nem mesmo criam na imortalidade, e certamente mesmo na imortalidade pessoal consistente com a cosmovisão bíblica. A mitologia grega tinha para si que na fundação do Areópago pela deusa Atena, Apolo declarou, “Posto que o homem morre e a terra sorve o seu sangue, não há ressurreição”. Agora, se esses atenienses se tornassem cristãos, precisariam afirmar a ressurreição de Cristo, e isso implica que deveriam dar as costas à sua religião a fim de rejeitar a declaração de Apolo.

Você consegue perceber que o conflito entre Paulo e os atenienses não envolvia uma divergência superficial? Você consegue perceber que se Paulo estava correto, os atenienses não estiveram nunca “no caminho certo”? Se filósofos não-cristãos contemporâneos não estão, em suas crenças, mais próximos do Cristianismo do que as crenças atenienses estavam da crença de Paulo, a divergência entre a cosmovisão cristã e todas as cosmovisões não-cristãs é no mínimo igualmente considerável hoje em dia.

Os atenienses e os filósofos rejeitam a doutrina do julgamento divino, mas ao invés de Paulo usar a abordagem do “fundamento comum”, de forma que argumentaria com os incrédulos sobre algo que eles discordavam com base naquilo que concordavam, ele, pelo contrário, argumenta sobre algo que eles discordavam (o julgamento) com base naquilo que *também discordavam* (a ressurreição)! Tal como em todas as instâncias anteriores do seu pronunciamento, Paulo está enfatizando aqui a ignorância dos atenienses e proclamando-lhes a sua própria filosofia de uma posição de conhecimento e autoridade. Paulo em hipótese alguma admite que os atenienses estão corretos sobre qualquer coisa, ou que estão “no caminho certo”, como coloca Sanders.

Agora, de fato existem alguns não-cristãos que crêem que Jesus levantou dos mortos com base em argumentos empíricos; eles não podem rejeitar a confiabilidade

histórica do testemunho escriturístico mesmo a partir de fundamentos empíricos. No entanto, isso não os torna cristãos, pois essas mesmas pessoas negam a interpretação ou o significado que os mesmos documentos escriturísticos atribuem à ressurreição de Cristo. Então temos mais um exemplo da fraqueza inerente das provas empíricas. Os cristãos não devem agir como se a sua autoridade última fosse uma epistemologia empírica, quando na verdade sua autoridade última são as Escrituras, que é uma revelação divina. Desta revelação nós temos conhecimento tanto da ressurreição de Cristo como da sua importância. Aqueles que discordam precisam nos refutar sobre o nível pressuposicional, e não simplesmente sobre o nível empírico, embora fracassem em ambas as abordagens.

No entanto, permanece o fato que a maioria dos não-cristãos não crê que Deus levantou Jesus dos mortos, porque para eles a ressurreição da morte é uma impossibilidade. Mas como Paulo diz, “Por que os senhores acham impossível que Deus ressuscite os mortos?” (Atos 26:8). A ressurreição não constitui um problema dentro do sistema bíblico. Assim, se você rejeita a ressurreição de Cristo, precisa estar falando de dentro de outro sistema intelectual. Mas se você não está falando de dentro do sistema bíblico, por qual autoridade ou princípio você afirma que a ressurreição é uma impossibilidade?

De acordo com quem a ressurreição é impossível? Você? Então você é o padrão último do que é possível e impossível? Se é isto o que você reivindica, por que eu deveria aceitar o que você fala, já que o meu padrão último, a Bíblia, afirma que você é um insano funcional? Você pode refutar a Bíblia? E por que eu deveria aceitar você como a autoridade última a menos que você possa justificar o que afirma – incluindo a pressuposição que você é a autoridade última – sobre a base da sua própria autoridade?

A ressurreição é impossível de acordo com a ciência? Mesmo que a ciência seja confiável, como ela pode demonstrar que a ressurreição é impossível? Você pode dizer que a ciência demonstra que a ressurreição é pelo menos improvável, mas improvável em relação a quê? É improvável em relação a Deus? Se Ele decide levantar uma pessoa da morte, essa pessoa vai de fato levantar da morte; seria impossível ela não levantar da morte. Mas por que a ciência é o padrão em primeiro lugar? A ciência pode produzir os resultados práticos desejados (às vezes), mas usar o sucesso prático de uma teoria como justificativa para argumentar a partir da visão da realidade proposta por essa mesma teoria comete a falácia de afirmar o conseqüente.

Se você mede a verdade a partir de algum outro padrão, precisa justificá-lo também, e se você não pode destruir o meu direito de sustentar o sistema bíblico, como poderá desafiar a minha crença na ressurreição? Esse mesmo sistema intelectual que você fracassa em destruir me informa da historicidade e do significado da ressurreição de Cristo. Se você não pode destruir o meu sistema, não pode destruir a minha crença na ressurreição. Muitas pessoas dizem rejeitar a Bíblia por conter mitos e fábulas, e com frequência fazem essa referência aos milagres registrados na Bíblia. Mas isso pressupõe sem argumentação que a Bíblia é falsa. Se a Bíblia é verdadeira, os milagres não são mitos e fábulas (2 Pedro 1:16). A menos que você possa destruir o meu primeiro princípio, rejeitá-lo por negar as minhas declarações subsidiárias usando o seu primeiro princípio é argumentar em círculos.

Os cristãos devem ser muito cuidadosos, a fim de que não sejam seduzidos pelas suposições populares, mas ilegítimas, dos não-cristãos, tomando assim a sua defesa da fé desnecessariamente desajeitada e dificultosa.

Por exemplo, a noção que os métodos empíricos e científicos são meios possíveis ou confiáveis de se obter conhecimento sobre a realidade é uma suposição tola, mas obstinada, entre cristãos e não-cristãos. Independentemente do que o cristão pense sobre o empirismo e a ciência, não deve permitir que eles sejam a sua autoridade última, desde que por definição a autoridade última de um cristão é a revelação bíblica. A minha posição é que devemos rejeitar por completo o empirismo e a ciência como métodos para obtenção de *qualquer* conhecimento sobre a realidade.

Qualquer cristão que permita algum nível de confiança no empirismo e na ciência quanto ao conhecimento da realidade age assim por razões equivocadas. Por exemplo, o filósofo cristão Ronald Nash escreve o seguinte:

[Alguns] aspectos importantes da Bíblia dependem da experiência e do testemunho humanos. Se as sensações são completamente falíveis, não podemos confiar no relato das testemunhas que disseram, por exemplo, que ouviram Jesus ensinar-lhes ou viram-no morrer, ou vivo três dias após a sua crucificação. Se não há um testemunho sensorial da ressurreição de Jesus, a verdade da fé cristã está sujeita a sérios desafios.⁶⁸

Dependendo de como entendemos esse fragmento, ele é muito dúbio ou uma completa tolice.

Ele diz: “[Alguns] aspectos importantes da Bíblia dependem da experiência e do testemunho humanos”. Não, isso é falso. Nem uma só proposição da Bíblia *depende* da experiência e do testemunho humanos. Todo o conteúdo da Bíblia depende da inspiração divina, que às vezes pode incluir o registro e a interpretação infalíveis dos escritores *sobre* a experiência e o testemunho humanos. Aqui temos uma visão segundo a qual os escritores bíblicos devem depender da experiência e do testemunho humanos quando escrevem, pelo menos para obter parte do conteúdo; a outra visão diz que eles dependem absolutamente da inspiração divina mesmo quando escrevendo *sobre* a experiência e o testemunho humanos. Há uma grande diferença. Os não-cristãos crêem na primeira visão, mas os cristãos crêem na segunda.

Assim, “Se as sensações são completamente falíveis, não podemos confiar no relato das testemunhas que disseram, por exemplo, que ouviram Jesus ensinar-lhes ou viram-no morrer, ou vivo três dias após a sua crucificação”. A menos que os sentidos sejam plenamente confiáveis, não há como saber pelas sensações quão confiáveis eles são. Mas se os sentidos são completamente falíveis, não podemos nem mesmo saber pelas sensações que eles são completamente falíveis, pois isso significaria que de fato podemos verificar pelas sensações que toda e qualquer sensação é falsa, e então estaríamos obtendo algo verdadeiro pelas sensações, o que contradiz a noção que os nossos sentidos são completamente falíveis. Poderíamos então dizer que os sentidos são pelo menos ocasionalmente falíveis, mas então novamente, não há como julgar pelas sensações quão falíveis são os sentidos, ou se são confiáveis numa instância em particular.

⁶⁸ Ronald H. Nash, *Life's Ultimate Question: An Introduction to Philosophy*; Zondervan Publishing House, 1999; p. 152

A verdade é que não podemos saber pelas sensações qual sensação é correta e qual é incorreta, ou o grau de confiabilidade da sensação. Portanto, *qualquer* grau de *dependência* do empirismo sobre uma dada questão resulta num completo agnosticismo sobre essa questão. Isso é diferente de um mero *envolvimento* da sensação, tal como no testemunho infalível das Escrituras sobre as observações empíricas de algumas pessoas. A *dependência* das Escrituras está na inspiração, com dependência *zero* da sensação. Se Deus quisesse, qualquer passagem bíblica escrita *sobre* uma observação empírica de uma pessoa poderia ter sido escrita sem envolvimento de qualquer observação empírica de uma dada pessoa. Por exemplo, o primeiro capítulo do Gênesis foi escrito sem qualquer dependência ou envolvimento da observação empírica do escritor do Gênesis, mas o livro não é menos preciso. O mesmo poderia ter sido feito com todas as passagens bíblicas sobre a ressurreição de Cristo, se Deus assim o quisesse. Portanto, *nenhuma* das passagens bíblicas realmente *depende* da experiência e do testemunho humanos, ainda que o conteúdo de algumas passagens bíblicas de fato *envolva* a experiência e o testemunho humanos sem deles depender.

Se os sentidos são menos que infalíveis, precisaremos de uma autoridade ou padrão infalível para julgar cada instância da percepção sensorial a fim de obter uma confiabilidade plena. Mas quando admitimos que uma certa instância da percepção sensorial é acurada em função do testemunho da autoridade ou padrão infalível não-sensitivo, estamos na verdade aceitando o testemunho dessa autoridade ou padrão infalível antes que a precisão da percepção sensorial. A Bíblia inclui testemunhos infalíveis *sobre* o que algumas pessoas perceberam pelos sentidos, e é a infalibilidade bíblica que respeitamos. Nash falha por não notar essa simples, mas essencial distinção.

Finalmente, ele diz, “Se não há um testemunho sensorial da ressurreição de Jesus, a verdade da fé cristã está sujeita a sérios desafios”. Antes de tudo, por que “a verdade da fé cristã” deveria depender do “testemunho sensorial”? Qual é a fonte dessa asserção, e como ela é justificada? É claro que há testemunhos sensoriais da ressurreição de Jesus, mas nós não temos contato direto com eles. Mesmo se tivéssemos, não faria muita diferença, pois não somos apóstolos, e assim a nossa opinião sobre esses testemunhos não é infalível. No entanto, temos contato direto com os testemunhos apostólicos infalíveis *sobre* esses testemunhos sensoriais, tal como os testemunhos infalíveis dos próprios apóstolos *sobre* o que eles mesmos viram.

Agora, se a Bíblia assevera que algumas pessoas viram a ressurreição de Cristo, quando na verdade ninguém O viu ressurreto, é claro que “a verdade da fé cristã está sujeita a sérios desafios”. Neste caso, é ainda verdade que a ressurreição poderia ter ocorrido, mas a Bíblia teria errado ao dizer que alguns O viram quando a verdade é que ninguém O viu. E se a Bíblia contém erros como esse, ela não pode ser uma autoridade última confiável. Mas então a questão seria sobre a verdade da inspiração bíblica e não sobre a confiabilidade da sensação. Uma vez que Nash tenta salvaguardar ao menos alguma confiabilidade na percepção sensorial, esse ponto é irrelevante para o que está dizendo, portanto fracassa na tentativa de ajudar a sua causa.

Vamos discutir brevemente algumas passagens relevantes, iniciando por uma que faz menção à batalha entre Israel e Moabe:

[Elias] disse: “Assim diz o SENHOR: Cavem muitas cisternas neste vale. Pois assim diz o SENHOR: Vocês não verão vento nem chuva; contudo, este vale ficará cheio de água, e vocês, seus rebanhos e seus outros animais beberão. Mas para o SENHOR isso ainda é pouco; ele também lhes entregará Moabe nas suas mãos. Vocês destruirão todas as suas cidades fortificadas e todas as suas cidades importantes. Derrubarão toda árvore frutífera, taparão todas as fontes e encherão de pedras todas as terras de cultivo”.

No dia seguinte, na hora do sacrifício da manhã, a água veio descendo da direção de Edom e alagou a região.

Quando os moabitas ficaram sabendo que os reis tinham vindo para atacá-los, todos os que eram capazes de empunhar armas, do mais jovem ao mais velho, foram convocados e posicionaram-se na fronteira. *Ao se levantarem na manhã seguinte, o sol refletia na água. Para os moabitas que estavam defronte dela, a água era vermelha como sangue.* Então gritaram: “É sangue! Os reis lutaram entre si e se mataram. Agora, ao saque, Moabe!”

Quando, porém, os moabitas chegaram ao acampamento de Israel, os israelitas os atacaram e os puseram em fuga. Entraram no território de Moabe e o arrasaram. (2 Reis 3:16-24)

O que os moabitas viram – sangue ou água? Eles pensaram ter visto sangue, mas seus sentidos os enganaram. Mas nós cremos que eles viram água que *parecia* sangue porque é isso o que diz o testemunho infalível das Escrituras. Assim a passagem deveras ressalta a falibilidade dos sentidos, antes de demonstrar uma dependência dos mesmos.

Outra passagem é Mateus 14:25-27, ocasião em que Jesus caminhou sobre a água: “Alta madrugada*, Jesus dirigiu-se a eles, andando sobre o mar. Quando o viram andando sobre o mar, ficaram aterrorizados e disseram: ‘É um fantasma!’ E gritaram de medo. Mas Jesus imediatamente lhes disse: ‘Coragem! Sou eu. Não tenham medo!’” Os apóstolos pensaram estar vendo um fantasma, quando na verdade era Jesus a quem estavam contemplando. Assim, mesmo as percepções sensoriais dos apóstolos falhavam às vezes. No entanto, Mateus 14 não está em si sujeito à falibilidade das percepções sensoriais, já que não se fundamenta nelas; antes, é um testemunho infalível *sobre* como as percepções sensoriais enganaram os apóstolos nesse caso em particular.

João 12:28-29 diz, “‘Pai, glorifica o teu nome!’ Então veio uma voz dos céus: ‘Eu já o glorifiquei e o glorificarei novamente’. A multidão que ali estava e a ouviu, disse que tinha trovejado; outros disseram que um anjo lhe tinha falado.” Afinal, eles ouviram um trovão ou uma voz? Baseados nas sensações, não podemos afirmar – mesmo as pessoas presentes no acontecimento não foram unânimes. No entanto, o testemunho infalível das Escrituras nos dá a interpretação; portanto, se você crê que essa voz era mais do que um trovão, não crê baseando-se no testemunho sensorial, mas apenas na autoridade das Escrituras, que é o primeiro princípio e a autoridade última do cristão.

Aqui está outro exemplo: “Os onze discípulos foram para a Galiléia, para o monte que Jesus lhes indicara. Quando o viram, o adoraram; mas alguns duvidaram” (Mateus 28:16-17). “Mas alguns duvidaram”?! Eles estavam vendo ali o Cristo

ressurreto – como poderiam duvidar? Mas isso não é surpresa debaixo de uma epistemologia bíblica que rejeita a confiabilidade das sensações. O Empirismo não pode comprovar qualquer crença, e portanto não pode logicamente resistir ao escrutínio. Assim, “Se não ouvem a Moisés e aos Profetas, tampouco se deixarão convencer, ainda que ressuscite alguém dentre os mortos” (Lucas 16:31).

Pela mesma razão, ao invés de focar sobre o uso da evidência empírica para convencer os Seus discípulos da Sua ressurreição, Jesus designou que eles criariam sobre a base da Escritura infalível:

Enquanto conversavam e discutiam, o próprio Jesus se aproximou e começou a caminhar com eles; mas os olhos deles foram impedidos de reconhecê-lo... Ele lhes disse: “Como vocês costumam a entender e como demoram a crer em tudo o que os profetas falaram! Não devia o Cristo sofrer estas coisas, para entrar na sua glória?” E começando por Moisés e todos os profetas, explicou-lhes o que constava a respeito dele em todas as Escrituras. (Lucas 24:15-16, 25-27)

O versículo 16 diz, “os olhos deles foram impedidos de reconhecê-lo”. A pessoa que depende das sensações estaria aqui em desvantagem, não é mesmo? Deveras, o versículo 24 parece implicar a dependência das sensações: “Alguns dos nossos companheiros foram ao sepulcro e encontraram tudo exatamente como as mulheres tinham dito, *mas não o viram*”. Se esses discípulos estão sendo impedidos de reconhecer a Cristo, saberíamos, salvo por um testemunho infalível a nós transmitindo a verdade, o que eles viram ou não viram? Cristo responde, “Como vocês costumam a entender e como demoram a crer em tudo o que os profetas falaram! (v. 25) Nós podemos agir como tolos e crer somente no que vemos, ou podemos ser sábios e crer somente naquilo que as Escrituras dizem.

Em outro lugar, Jesus diz “Porque me viu, você creu? Felizes os que não viram e creram” (João 20:29). Como as pessoas poderão crer se não tiverem as experiências sensoriais apropriadas? Jesus se refere a “aqueles que crerão em mim, por meio *da mensagem deles*” (João 17:20); isto é, as pessoas virão à fé em Cristo por conta do que os apóstolos falam e escrevem.

1 João 1:1-3 é a passagem favorita dos cristãos empiristas, mas ela prova o que eles desejam que prove? A passagem é:

O que era desde o princípio, o que ouvimos, o que vimos com os nossos olhos, o que contemplamos e as nossas mãos apalparam, isto proclamamos a respeito da Palavra da vida. A vida se manifestou; nós a vimos e dela testemunhamos, e proclamamos a vocês a vida eterna, que estava com o Pai e nos foi manifestada. Nós lhes proclamamos o que vimos e ouvimos para que vocês também tenham comunhão conosco. Nossa comunhão é com o Pai e com seu Filho Jesus Cristo.

De fato a passagem contém várias referências às sensações, mas não assegura que todas as *nossas* sensações, algumas das *nossas* sensações ou mesmo uma só de *nossas* sensações é confiável. Antes, trata-se do testemunho infalível do apóstolo João sobre a sua experiência particular com Jesus Cristo. Desta passagem não podemos inferir que todas as sensações de João são confiáveis. De fato, não podemos nem mesmo dizer que todas as sensações de João sobre Cristo são confiáveis, já que ele

poderia ter sido um daqueles que pensaram ter visto um fantasma caminhando sobre a água quando na verdade se tratava de Jesus.

O que a passagem diz é que Jesus foi a encarnação de Deus, e que apareceu num corpo humano genuíno. Nessa passagem isso é tudo o que alguém pode deduzir a respeito da sensação. Muito do que a passagem diz é de fato independente da sensação. Por exemplo, João chama Jesus de “o que era desde o princípio”, a “Palavra da vida”, “a vida”, “a vida eterna”, e “Filho [de Deus]”. Mas como é possível assumir através da sensação presente do aparecimento físico de Cristo que ele era “o que era desde o *princípio*”? Seu corpo era um corpo *humano* real, assim você não poderia ter sabido que ele era Deus simplesmente por vê-lo ou tocá-lo.

Quando Pedro diz a Jesus, “Tu és o Cristo, o Filho do Deus vivo” (Mateus 16:16), Jesus responde, “Feliz é você, Simão, filho de Jonas! Porque isto não lhe foi revelado por carne ou sangue, mas por meu Pai que está nos céus” (v. 17). Pedro não se tornou cômico que Jesus era o Cristo e o Filho pela visão ou pelo toque, mas pela graça de Deus iluminando a sua mente. Em 1 João 1:1-3, o apóstolo está dizendo aos leitores *o que* ele viu e tocou; em nenhum momento diz que descobriu a natureza e a identidade daquilo que viu e tocou *pelo ato de ver e tocar*. Ele descobriu a natureza e a identidade do que viu e tocou da mesma forma que ocorreu com Pedro – pela graça de Deus iluminando a sua mente. E é assim que você e as demais pessoas hoje em dia vêm a conhecer e consentir com a verdade acerca de Cristo. Quanta diferença! Como você pode perceber, a passagem dá zero suporte ao empirismo; antes, expõe a sua impotência epistemológica.

Há outros exemplos, mas vamos parar citando um exemplo em que Paulo escreve sobre a ressurreição de Cristo:

Pois o que primeiramente lhes transmiti foi o que recebi: que Cristo morreu pelos nossos pecados, segundo as Escrituras, foi sepultado e ressuscitou no terceiro dia, segundo as Escrituras, e apareceu a Pedro e depois aos Doze. Depois disso apareceu a mais de quinhentos irmãos de uma só vez, a maioria dos quais ainda vive, embora alguns já tenham adormecido. Depois apareceu a Tiago e, então, a todos os apóstolos; depois destes apareceu também a mim, como a um que nasceu fora de tempo. (1 Coríntios 15:3-8)

Muitos cristãos, tal como Nash, defendem que devemos admitir alguma legitimidade à sensação em nossa epistemologia porque a Bíblia admite essa legitimidade e mesmo depende dela em algumas passagens, e 1 Coríntios 15:3-8 é o tipo de passagem que usam como exemplo.

Os versículos 5-8 contêm a porção imediatamente relevante para o empirismo. Mas novamente, ela nos chega como uma passagem *bíblica* infalível, e não como um testemunho baseado nas observações empíricas falíveis. A passagem pode conter informação *sobre* observações empíricas, mas a autoridade do testemunho reside na inspiração divina das Escrituras e não no conteúdo empírico ao qual ela se refere. De fato, Paulo inicia enfatizando que a obra de Cristo ocorreu “segundo as Escrituras” (v. 3-4).

Você consegue ver a diferença? Quando a Bíblia testifica sobre algo, sua autoridade não descansa sobre o objeto ao qual ela se refere, mas sobre a inspiração divina. Isto é, a Bíblia é verdadeira não porque foi confirmada pelas observações

empíricas falíveis, mas porque foi produzida pela inspiração divina infalível. É claro que existem evidências “empíricas” da ressurreição de Cristo – os discípulos viram-no após a Sua ressurreição. Mas é pela Bíblia que nós sabemos a respeito dessas observações empíricas, e também é pela Bíblia que sabemos que eles de fato viram o que pensaram ter visto. Nós sabemos que Cristo ressuscitou porque a Bíblia assim diz, e também por ela ficamos sabendo que os discípulos o viram ressurreto.

Se você crê na ressurreição de Cristo *a partir* das percepções sensoriais das outras pessoas ou mesmo das suas próprias, você não tem defesa contra todas as supostas visões e aparições, mesmo as que contradizem a sua. Mas visões e aparições contraditórias entre si não podem ser todas verdadeiras; portanto, crenças religiosas baseadas nas percepções sensoriais de outras pessoas ou mesmo suas podem resultar apenas num completo agnosticismo religioso. Por outro lado, se a nossa autoridade última é a Bíblia, sobre a base dessa autoridade é que podemos chamar aqueles que têm experiências ou visões antibíblicas de lunáticos.

Em contraste, os cristãos crêem na ressurreição de Cristo com base no testemunho infalível dos apóstolos, e em alguns casos pelo registro apostólico do que eles ou outras pessoas viram, considerando esses casos específicos procedentes à luz da inspiração divina. É isso o que a Bíblia expõe sobre as percepções sensoriais – algumas vezes elas são acuradas e algumas vezes não, e somente sabemos quando o são baseando-nos na inspiração divina dos profetas e dos apóstolos. É obviamente impossível considerar isso e inferir que as Escrituras admitem à sensação qualquer grau de confiabilidade ou legitimidade epistemológica! Mas esta é a falsa conclusão a que Nash e muitos outros cristãos têm chegado.

É o testemunho infalível das Escrituras que dá confirmação aos eventos particulares das observações empíricas, e assim, aqueles que dizem que precisamos dar algum espaço às observações empíricas na nossa epistemologia, posto que algumas partes da Bíblia dependem delas, contrariam a sua condição de autoridade. As observações empíricas falíveis não podem autoritativamente provar ou refutar as reivindicações bíblicas; antes, estas provam ou refutam os eventos particulares das observações empíricas. Mas desde que ninguém pode no tempo presente reivindicar infalibilidade apostólica ou profética, nenhuma observação empírica contemporânea pode ser certificada por uma autoridade infalível.

Assim, é óbvio que tudo que diz respeito ao Cristianismo descansa sobre a infalibilidade bíblica, que as Escrituras são a nossa autoridade última, e que nada mais importa à luz disso. Você pode então fazer uma pergunta de todo importante, “Vincent, você analisa tudo à luz da verdade e da infalibilidade da Bíblia, mas ela é de fato verdadeira e infalível?” Uma vez que você tenha feito tal pergunta, o foco do debate imediatamente se desloca da historicidade da ressurreição de Cristo e aponta para o primeiro princípio cristão da infalibilidade bíblica. Se a Bíblia de fato é infalível, tudo o que ela diz é verdade, incluindo tudo o que ela diz a respeito da ressurreição física de Cristo e do seu significado espiritual. Contanto que a reivindicação subsidiária de ambos os lados não se autodestrua devido à auto-contradição, se persistindo, todos os debates precisam eventualmente ser estabelecidos no nível pressuposicional, mas uma vez feito isso, já vencemos.⁶⁹

⁶⁹ Veja também Vincent Cheung, *Systematic Theology e Ultimate Questions*.

v. 32-34

Existe uma controvérsia relativa a se Paulo foi interrompido neste ponto, mas pelo menos alguns dos que alegam que isso ocorreu acreditam nisto porque estão descontentes com a forma que o debate é concluído, e não porque haja uma evidência forte de que essa interrupção de fato tenha ocorrido. Em todo caso, Paulo apresentou racionalmente um sumário abrangente da fé cristã, expondo as condições e fazendo as repreensões. O que segue descreve as várias respostas da sua audiência:

Quando ouviram sobre a ressurreição dos mortos, alguns deles zombaram, e outros disseram: “A esse respeito nós o ouviremos outra vez”. Com isso, Paulo retirou-se do meio deles. Alguns homens juntaram-se a ele e creram. Entre eles estava Dionísio, membro do Areópago, e também uma mulher chamada Dâmaris, e outros com eles. (v. 32-34)

Em outras palavras, alguns zombaram, alguns aguardaram e alguns creram. Ou podemos dizer que a mensagem do evangelho gerou em seus ouvintes provocação, procrastinação ou profissão.

Como a Bíblia interpretou essas diferentes reações? Cristãos humanistas justificam as diferentes reações das pessoas ao evangelho baseando-se no livre-arbítrio, mas elas não podem demonstrar a coerência do livre-arbítrio, nem podem apresentar justificação bíblica para isso. Por outro lado, o Livro de Atos nos fornece a explicação apropriada, isto é, que as pessoas respondem distintamente porque Deus escolheu alguns e não outros.

No sábado saímos da cidade e fomos para a beira do rio, onde esperávamos encontrar um lugar de oração. Sentamo-nos e começamos a conversar com as mulheres que haviam se reunido ali. Uma das que ouviam era uma mulher temente a Deus chamada Lídia, vendedora de tecido de púrpura, da cidade de Tiatira. *O Senhor abriu seu coração para atender* à mensagem de Paulo. (Atos 16:13-14)

No sábado seguinte, quase toda a cidade se reuniu para ouvir a palavra do Senhor. Quando os judeus viram a multidão, ficaram cheios de inveja e, blasfemando, contradiziam o que Paulo estava dizendo. Então Paulo e Barnabé lhes responderam corajosamente: “Era necessário anunciar primeiro a vocês a palavra de Deus; uma vez que a rejeitam e não se julgam dignos da vida eterna, agora nos voltamos para os gentios. Pois assim o Senhor nos ordenou: “Eu fiz de você luz para os gentios, para que você leve a salvação até aos confins da terra”. Ouvindo isso, os gentios alegraram-se e bendisseram a palavra do Senhor; e *creram todos os que haviam sido designados para a vida eterna.* (Atos 13:44-48)

Lídia creu no evangelho porque “O Senhor abriu seu coração”, e os gentios que creram no evangelho agiram assim porque foram “designados para a vida eterna”. Uma vez que *todos* os que foram designados finalmente creram (13:48), e nem todos creram, segue-se que nem todos foram designados para a vida eterna.

Igualmente, em Atos 17, todos os que foram designados à vida eterna creram, e os demais responderam exatamente como deveriam, sendo réprobos:

Pois a mensagem da cruz é loucura para os que estão perecendo, mas para nós, que estamos sendo salvos, é o poder de Deus... Os judeus pedem sinais miraculosos, e os gregos procuram sabedoria; nós, porém, pregamos a Cristo crucificado, o qual, de

fato, é escândalo para os judeus e loucura para os gentios, mas para os que foram chamados, tanto judeus como gregos, Cristo é o poder de Deus e a sabedoria de Deus. (1 Coríntios 1:18, 22-24)

Devido à sua depravação e insensatez, os reprovados consideraram tola a mensagem do evangelho, mas podemos derrotá-los na argumentação:

Pois está escrito: “Destruirei a sabedoria dos sábios e rejeitarei a inteligência dos inteligentes”. Onde está o sábio? Onde está o erudito? Onde está o questionador desta era? Acaso não tornou Deus louca a sabedoria deste mundo? Visto que, na sabedoria de Deus, o mundo não o conheceu por meio da sabedoria humana, agradou a Deus salvar aqueles que crêem por meio da loucura da pregação. (1 Coríntios 1:19-21)

Alguns comentaristas, freqüentemente por conta da sua inclinação anti-intelectual e anti-filosófica, opõem-se à abordagem de Paulo em Atos 17, citando os versículos 32-34 como evidência para suas declarações, isto é, que Paulo fracassa na tentativa de obter um resultado decisivamente positivo. Eles alegam que Paulo abandona a sua abordagem após Atenas, e que quando chega a Corinto, assume uma abordagem diferente, pregando o evangelho “simples” de Cristo ao invés de argumentar com os incrédulos. Por conta disso, citam 1 Coríntios 2:4-5 como evidência:

Eu mesmo, irmãos, quando estive entre vocês, não fui com discurso eloqüente, nem com muita sabedoria para lhes proclamar o mistério de Deus. Pois decidi nada saber entre vocês, a não ser Jesus Cristo, e este, crucificado. E foi com fraqueza, temor e com muito tremor que estive entre vocês. Minha mensagem e minha pregação não consistiram de palavras persuasivas de sabedoria, mas consistiram de demonstração do poder do Espírito, para que a fé que vocês têm não se baseasse na sabedoria humana, mas no poder de Deus.

Se você tem prestado atenção, verá que isso é o que Paulo deveras fez em Atenas! Ele não baseou sua pregação na sabedoria ou eloqüência humanas, mas dependeu do conteúdo da revelação bíblica, o que é apenas outra forma de dizer, “Pois decidi nada saber entre vocês, a não ser Jesus Cristo, e este, crucificado”. Já expus em outro lugar que 1 Coríntios 2:4-5 demonstra que Paulo simplesmente evitou o uso de sofismas filosóficos⁸, ou argumentos vazios de conteúdo que são baseados em especulações humanas, e ao invés disso, definitivamente empregou argumentos que são derivados da sabedoria do próprio Deus, e desta forma, a “demonstração” – prova axiomática – do Espírito.

Em adição, o Livro de Atos declara que posteriormente “Paulo saiu de Atenas e foi para Corinto” (18:1), “Todos os sábados ele debatia na sinagoga, e convencia judeus e gregos” (v. 4), tal como havia feito em Tessalônica e Atenas (17:1-3, 16-17). Não há evidência de que Paulo tenha mudado a sua abordagem após deixar Atenas, mas há evidência de que tenha continuado a debater contra os incrédulos. Os comentaristas insistem diferentemente tão-somente por causa do seu preconceito anti-intelectual. Precisamos apenas aceitar o fato que Paulo era um intelectual, que tenha empregado uma abordagem argumentativa, e que impetuosamente tenha remetido às controvérsias filosóficas mais relevantes em sua pregação.

Paulo empregou a abordagem correta para a apologética e para o evangelismo no seu discurso no Areópago, e o Espírito Santo intentou que ela fosse um exemplo para nós. O que os crentes – mesmo alguns cristãos acadêmicos – precisam é superar o seu

preconceito contra a argumentação filosófica, e sua tendência em medir o progresso evangelístico pelo número absoluto de conversos. Deus declara que a sua palavra não vai falhar; ela fará exatamente o que Ele intenciona. A falácia está em pensar que Deus sempre intenciona conversão: “porque para Deus somos o aroma de Cristo entre os que estão sendo salvos e os que estão perecendo. Para estes somos cheiro de morte; para aqueles, fragrância de vida” (2 Coríntios 2:15-16). Pregação evangelística genuína não converte toda e qualquer pessoa; antes, desperta os eleitos à fé e confirma os não-eleitos à condenação. Portanto, “sucesso” na apologética e no evangelismo deve ser medido considerando se temos apresentado o Cristianismo conscienciosamente e defendido ele convincentemente, e não com base nos resultados práticos.

Isso dito, Paulo obtém alguns resultados práticos positivos: “Alguns homens juntaram-se a ele e creram. Entre eles estava Dionísio, membro do Areópago, e também uma mulher chamada Dâmaris, e outros com eles” (17:34). Um dos conversos, Dionísio, havia sido “membro do Areópago” – o conselho proeminente ao qual Paulo foi conduzido para explicar a sua filosofia. Outro convertido foi uma mulher chamada Dâmaris. O fato do seu nome ser aqui mencionado sugere que ela era uma mulher de uma certa influência. E então, havia também “outros com eles” que creram.

3. A CONQUISTA REVELACIONAL

O discurso de Paulo aos atenienses em Atos 17 é um exemplo maravilhoso de pregação filosófica. Ao passo que o homem moderno tende a mostrar uma aversão a tudo o que seja intelectual e filosófico, essa atitude não é compartilhada pelo apóstolo Paulo. Como versículo bíblico demonstrativo disso, Colossenses 2.8 é mais claro do que qualquer outro: “Tenham cuidado para que ninguém os escravize a filosofias vãs e enganosas, que se fundamentam nas tradições humanas e nos princípios elementares deste mundo, e não em Cristo.”

Ele nos adverte sobre as filosofias “vãs e enganosas”, mas algumas pessoas interpretam isso erroneamente como sendo uma advertência contra qualquer tipo de filosofia. No entanto, Paulo também nos alerta sobre as doutrinas falsas, mas somente pessoas das mais estúpidas tomariam isso como uma advertência contra toda e qualquer doutrina, isto é, incluindo as doutrinas bíblicas. Esse versículo está dizendo que devemos rejeitar filosofias centradas no homem e, no entanto, adotar uma filosofia cristocêntrica. Paulo pressupõe o seu comprometimento com uma filosofia que depende de Cristo como o seu fundamento e nos admoesta a rejeitar toda e qualquer filosofia que está baseada em algum outro princípio; portanto, a Bíblia aprova somente uma filosofia explicitamente cristã, negando mesmo qualquer outro modelo teísta.

Enquanto as religiões e filosofias não-cristãs são ultimamente fundamentadas sobre nada mais que a especulação humana, a filosofia cristã é fundamentada na revelação divina. Em linguagem filosófica, ela não constitui uma forma de fideísmo, mas uma forma de fundamentalismo, ou para ser mais exato, um fundamentalismo bíblico ou revelacional. Assim como cada sistema filosófico tem o seu ponto de partida ou axioma, a revelação escriturística é o ponto de partida da nossa filosofia.

É claro, os adeptos das filosofias e religiões não-cristãs podem querer atacar a nossa fé. Isso não nos intimida. Antes, embora Deus já nos tenha comissionado a invadir o mundo com as armas divinas – assim temos licença divina para pregar – as investidas implacáveis dos não-cristãos contra a fé cristã nos garantem mesmo a licença social de responder a eles com um ataque abrangente e fatal contra todas as suas crenças anti-bíblicas.

Paulo nos diz que “A mensagem da cruz é loucura para os que estão perecendo” (1 Coríntios 1.18). Mas isso não significa que estes estão certos; não significa que o evangelho é de fato loucura. O versículo 25 diz “Porque a loucura de Deus é mais sábia que a sabedoria humana, e a fraqueza de Deus é mais forte que a força do homem”. Os não-cristãos não estão lutando contra a nossa sabedoria, mas contra a sabedoria divina, e mesmo a “loucura” de Deus é mais sábia do que qualquer coisa que os descrentes possam trazer à tona.

Nós não triunfamos sobre as filosofias e religiões não-cristãs por intermédio de sofismas humanos ou apresentações eloqüentes, mas pela absoluta superioridade do teor da nossa filosofia ou cosmovisão cristã. Paulo explica:

“Pois está escrito: ‘Destruirei a sabedoria dos sábios e rejeitarei a inteligência dos inteligentes’. Onde está o sábio? Onde está o erudito? Onde está o questionador desta era? Acaso não tornou Deus louca a sabedoria

deste mundo? Visto que, na sabedoria de Deus, o mundo não o conheceu por meio da sabedoria humana, agradeu a Deus salvar aqueles que crêem por meio da loucura da pregação” (v. 19-21)

A revelação de Deus tornou louca a sabedoria deste mundo. Logo, o nosso papel não é fazer com que as proposições bíblicas aparentem ser verdadeiras às perspectivas não-cristãs, mas é de refutar estas pelo seu conteúdo inerente. Ao invés de dizer que os não-cristãos estão apenas um pouco equivocados, diremos que estão completamente equivocados, do início ao fim, em suas filosofias e religiões. Por esse motivo é que precisam mudar as suas perspectivas e estruturas, e não simplesmente ver coisas de uma forma mais clara por meio das mesmas perspectivas e estruturas fatalmente defeituosas. E isso implica que não é verdade que todas as abordagens ou posicionamentos apoloéticos e evangelísticos são corretos. Especificamente, devemos descartar todas as abordagens que, em sua tentativa de defender o Cristianismo, acabem comprometendo o conteúdo bíblico. No propósito de defender a Cristo, não devemos nunca depender dos “princípios básicos deste mundo”.

Na última página do seu livro *Humble Apologetics*, John G. Stackhouse, Jr. escreve: “Nós cristãos somos da crença que Deus nos deu o privilégio de ouvir e acatar as boas novas, recebermos adoção em Sua família e desfrutarmos da Igreja. cremos que sabemos algumas coisas que outras pessoas não sabem, e essas coisas são boas para elas também ouvirem. Acima de tudo, cremos que encontramos a Jesus Cristo.” Até aqui tudo bem, mas o que se segue é horrível: “Porque acerca de tudo o que sabemos, podemos estar errados em parte ou em tudo. E admitiremos com humildade essa possibilidade. Assim, seja o que for que dissermos ou fizermos, que seja com humildade.”¹

Isso é anti-bíblico e ultrajante! Ele simplesmente diz o que representa algumas das principais declarações da mensagem do evangelho bíblico, e as assume como verdadeiras, de modo que quando diz “podemos estar errados em parte ou em tudo”, necessariamente está inferindo que a Escritura em si pode estar errada em parte ou em todo o seu conteúdo. No entanto, uma vez que a Bíblia em si não admite que possa “estar errada em parte ou no seu todo”, quando Stackhouse diz que ele “pode estar errado em parte ou em tudo”, não está mais defendendo a Bíblia.

É claro, a ênfase da sua declaração é que ele pessoalmente pode estar errado em assumir que a Bíblia é a revelação de Deus, mas isso ainda nos leva ao ponto que se isso é realmente o que ele quer dizer, então não está mais defendendo a Bíblia. Ele está dizendo que pode estar errado quando diz que a Bíblia está certa, o que implica em ele estar dizendo que a Bíblia pode estar errada. Porque ele diz que pode estar errado, quando afirma que a Bíblia está certa, de forma que a Bíblia pode estar mesmo errada no fim das contas, ele não mais está fazendo apoloética bíblica.

A Bíblia por si fala que podemos saber com certeza que a razão da nossa crença é verdadeira quando afirmamos o que ela declara:

Eu mesmo investiguei tudo cuidadosamente, desde o começo, e decidi escrever-te um relato ordenado, ó excelentíssimo Teófilo, *para que tenhas a certeza* das coisas que te foram ensinadas. (Lucas 1:3-4)

¹ John G. Stackhouse, Jr., *Humble Apologetics: Defending the Faith Today*; Oxford University Press, 2002; p. 232.

Eles eram teus; tu os deste a mim, e eles têm obedecido à tua palavra. Agora eles sabem que tudo o que me deste vem de ti. Pois eu lhes transmiti as palavras que me deste, e eles as aceitaram. Eles *sabem com certeza* que vim de ti e creram que me enviaste. (João 17:6-8, NIV)

Ora, a fé é a *certeza* daquilo que esperamos e a *prova das* coisas que não vemos... Sem fé é impossível agradar a Deus, pois quem dele se aproxima precisa crer que ele existe e que recompensa aqueles que o buscam. (Hebreus 11:1, 6)

Se a Bíblia por si reivindica ser a revelação de Deus e, portanto, completamente verdadeira, então por qual padrão de humildade Stackhouse chama de “humilde” a sua abordagem apologética menos-do-que-certa? Desde que a Bíblia é o padrão último da ética, define a humildade; portanto, quando Stackhouse infere que a Bíblia em si pode estar errada, não está sendo humilde, mas arrogante – tão arrogante que chega a dizer que pode estar errado quando afirma o que Deus revela. De acordo com o padrão bíblico, não é humilde dizer que você pode estar errado quando afirma o que a Bíblia afirma; antes, você é arrogante se disser que a Bíblia pode estar errada.

Pois Stackhouse assumir a identidade de cristão e então dizer que a sua religião pode estar errada é dizer que o Cristianismo pode estar errado; portanto, ao invés de fazer apologética – seja ou não humilde – ele está na verdade atacando o Cristianismo. Se a Bíblia é a Palavra de Deus, então dizer que podemos estar errados sobre ela ser a Palavra de Deus não é humildade, mas blasfêmia. Se Stackhouse admite que ele em si *não tem* certeza, então podemos *talvez* ainda aceitá-lo como um irmão fraco, mas quando ele diz que *não devemos* reivindicar certeza, então ele fez de si próprio um inimigo de Deus.

Ao invés de dizer que precisamos “considerar a possibilidade” de estarmos errados, precisamos insistir na impossibilidade de estarmos errados quando afirmamos o que é ensinado pela Bíblia. Quando afirmamos o que a Bíblia afirma, é impossível estarmos errados. Se Stackhouse é assim tão “humilde”, deve então confessar que pode estar errado quando diz que pode estar errado a respeito do Cristianismo, pois com base no que ele pode estar assim tão certo que há “essa possibilidade” dos cristãos estarem errados quando afirmam a Bíblia? Ele é falível quando afirma essa Bíblia, mas infalível quando chega a “essa possibilidade”? Quanta arrogância!

A posição de Stackhouse é antibíblica e irracional; portanto, rejeitemos essa pretensão humildade, espiritualidade impiedosa e pseudo-erudição asinina, em favor de uma abordagem apologética que seja bíblica, o que corresponde a alguém dizer “Estamos certos, e estamos certos de estarmos certos. Você está errado, e estamos certos de você estar errado.” Se essa posição bíblica traz a reprovação do mundo, então que seja assim; deixemos os descrentes tentarem nos derrotar no campo da argumentação. Por outro lado, se vocês que se dizem cristãos estão tão entorpecidos com “tolerância” que preferem adotar o ponto de vista anti-bíblico de Stackhouse, então por que não vão até o fim e deixem de se considerar cristãos?

O ponto é que a sua abordagem de defesa bíblica deve ser consistente com a Bíblia pelo que ela diz. Se você contradiz as reivindicações bíblicas na sua abordagem pessoal de defesa das reivindicações bíblicas, então na verdade não está mais defendendo as reivindicações bíblicas. Quando argumentam sobre religião, por que os cristãos deveriam ser não-cristãos e então a partir daí argumentar pela verdade do

Cristianismo, se os ateístas, agnósticos, muçulmanos e budistas não almejam ser cristãos e a partir daí argumentar a favor das suas respectivas crenças? Muitos cristãos acabam sendo ludibriados.

A postura básica do cristão na apologética e no evangelismo, então, é de manter uma extrema oposição a todo e qualquer pensamento não-cristão. Agora, nunca sugeri que devemos ser hostis nos nossos maneirismos, embora alguns indubitavelmente pensem isso de mim por conta dos seus mal-entendidos. Antes, podemos ser muito polidos ou agir pelo senso de prudência. No entanto, não devemos nunca abrir mão de uma só polegada que seja, do campo intelectual. Essa é a postura bíblica.

Quanto ao conteúdo da pregação, o exemplo de Paulo em Atos 17 é muito informativo. Em termos filosóficos, ele remete aos tópicos da epistemologia, metafísica, religião, biologia, história e ética. Em termos teológicos, ele remete aos tópicos da revelação, teologia propriamente dita, criação, providência, antropologia, ética, cristologia, soteriologia e escatologia. Dependendo do vocabulário que estivermos empregando nessa descrição, seu relato pode remeter a um sumário básico de filosofia ou teologia sistemáticas.²

Uma vez que “a estratégia de Paulo é a de acentuar as antíteses entre ele e os filósofos”³ e considerando que ele é muito abrangente em seu discurso, segue-se que uma abordagem bíblica para a apologética deve demonstrar a nossa oposição abrangente às crenças pagãs, e a nossa apresentação construtiva deve da mesma forma ser minuciosa, cobrindo todos os principais tópicos. Uma implicação disto é que aqueles que não têm uma compreensão básica daquilo que agora chamamos de teologia sistemática não estão aptos a fazer apologética ou evangelismo de uma forma que seja suficientemente bíblica.

Em conexão ao evangelismo, Jesus instruiu os seus discípulos, “Portanto, vão e façam discípulos de todas as nações... ensinando-os a obedecer *a tudo* o que eu lhes ordenei” (Mateus 28.19-20). Ensiná-los a cerca de tudo? A maioria dos cristãos de hoje dificilmente sabe qualquer coisa sobre as doutrinas bíblicas e como estão relacionadas entre si. Mas um conhecimento bíblico abrangente é o pré-requisito de um ministério de pregação abrangente, que é o que Jesus exige aqui. Uma vez que a apologética bíblica e o evangelismo requerem um entendimento amplo pelo menos dos pontos básicos da teologia, aqueles que não têm esse conhecimento não podem com procedência alegar estarem verdadeiramente fazendo apologia bíblica e evangelismo.

Como é evidente em Atos 17, há freqüentes restrições impostas sobre nós pelo tempo e outros fatores. Mas dentro da possibilidade das circunstâncias, devemos fazer uma apresentação sistemática e abrangente da cosmovisão bíblica, além de uma refutação sistemática e abrangente das cosmovisões não-bíblicas expostas pelos ouvintes. O nosso objetivo deve ser nada menos que uma defesa completa das reivindicações cristãs seguida de uma aniquilação minuciosa das crenças não-cristãs. Isso pode ser feito no curso de dias ou mesmo meses. E em algumas situações é feito no curso de muitos anos, como deve ser no caso da educação dos nossos filhos.

² Alguns aspectos não são desenvolvidos em detalhes, mas isso poderia ser esperado, tendo em vista as circunstâncias e restrições enfrentadas por Paulo.

³ Bahnsen, *Always Ready*; p. 272.

Algumas vezes teremos apenas meia hora, mas seja qual for o caso, devemos buscar cobrir os pontos principais, isto é, pregar “todo o conselho de Deus” (Atos 20.27, NKJ). No fazer tudo isso, devemos deixar claro que estamos apenas sendo fiéis à herança e ao fundamento bíblicos e não ao fundamento ou herança pagãos.

Judas diz “Amados, embora estivesse muito ansioso por lhes escrever acerca da salvação que compartilhamos, senti que era necessário escrever-lhes insistindo que *batalhassem pela fé* de uma vez por todas confiada aos santos” (v. 3). A apologética é tão importante que embora esse apóstolo quisesse escrever sobre soteriologia, optou por falar antes sobre a defesa da fé. É tempo dos cristãos se levantarem e enfrentarem o desafio, e é tempo dos cristãos compelirem os não-cristãos a se levantarem e enfrentarem o desafio pressuposicional da apologética bíblica e do evangelismo. É tempo de você falar aos descrentes ignorantes ao seu redor, não a partir de um fundamento intelectual não-bíblico, mas de um fundamento revelacional, de forma que de uma posição de autoridade e conhecimento você possa declarar-lhes o que eles desconhecem.

Se estivermos comprometidos com uma aplicação piedosa da abordagem bíblica para a apologética e o evangelismo, venceremos sempre e nunca perderemos quando confrontarmos os descrentes, e assim a educação cristã decretará a ruína de todos os sistemas não-cristãos por meio dos quais os réprobos tentam justificar a descrença e a desobediência.

A maioria dos cristãos não é suficientemente agressiva, mesmo tendo algum conhecimento da apologética e evangelismo bíblicos. Podemos tirar uma lição a partir da troca de idéias entre Eliseu e Jeoás:

Ora, Eliseu estava sofrendo da doença da qual morreria. Então Jeoás, rei de Israel, foi visitá-lo e, curvado sobre ele, chorou gritando: “Meu pai! Meu pai! Tu és como os carros e os cavaleiros de Israel!” E Eliseu lhe disse: “Traga um arco e algumas flechas”, e ele assim fez. “Pegue o arco em suas mãos”, disse ao rei de Israel. Quando pegou, Eliseu pôs suas mãos sobre as mãos do rei e lhe disse: “Abra a janela que dá para o leste e atire”. O rei o fez, e Eliseu declarou: “Esta é a flecha da vitória do SENHOR, a flecha da vitória sobre a Síria! Você destruirá totalmente os arameus, em Afeque”. Em seguida Eliseu mandou o rei pegar as flechas e golpear o chão. Ele golpeou o chão três vezes e parou. O homem de Deus ficou irado com ele e disse: “Você deveria ter golpeado o chão cinco ou seis vezes; assim iria derrotar a Síria e a destruiria completamente. Mas agora você a vencerá somente três vezes”. (2 Reis 13:14-19)

Deus nos proveu de armas divinas para destruímos todas as religiões e filosofias não-cristãs (2 Coríntios 10.3-5), mas o que estamos fazendo a respeito disso? ⁴ Como Eliseu estava com raiva de Jeoás por não ter sido agressivo e radical o suficiente, assim estaria hoje esse homem de Deus zangado com a maioria de nós, não teria paciência com a nossa “tolerância” e boas maneiras.

Mas Deus é piedoso com o seu povo, preservando alguns de nós que não curvam o joelho ao relativismo, ao pluralismo e às outras perspectivas não-bíblicas. Nós que conhecemos o nosso Deus faremos grandes coisas em Seu nome. Atacaremos incessantemente as religiões e filosofias não-cristãs munidos de argumentação bíblica

⁴ Trata-se de armas espirituais ou intelectuais, expressas na forma de pregações e argumentos.

e oração persistente. Atacaremos-los sempre de novo. Quando correrem, estaremos no seu encalço; quando se esconderem, os exporemos; e quando sucumbirem pisaremos sobre eles. Não cometeremos o mesmo erro de Jeoás que golpeou três vezes e parou – nunca pararemos. Quando finalmente aprendermos a lutar com a espada do Espírito, que é a Palavra de Deus, saberemos que o pensamento incrédulo realmente não tem proteção contra os nossos assaltos; seremos um exército invencível, e as portas do inferno não prevalecerão contra nós.